

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

CAMPUS CHAPECÓ

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

CURSO DE MESTRADO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

AGNES EDUARDA DA SILVA BRITO

ANÁLISE DE DISCURSO FOUCAULTIANA EMPREENDIDA NO BRASIL:

A ENTRADA DA INTERICONICIDADE NO CAMPO DO SABER FRANCO-BRASILEIRO

CHAPECÓ

2024

AGNES EDUARDA DA SILVA BRITO

**ANÁLISE DE DISCURSO FOUCAULTIANA EMPREENDIDA NO BRASIL:
A ENTRADA DA INTERICONICIDADE NO CAMPO DO SABER FRANCO-BRASILEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof.º Dr.º Eric Duarte Ferreira

CHAPECÓ

2024

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Brito, Agnes Eduarda da Silva

ANÁLISE DE DISCURSO FOUCAULTIANA EMPREENDIDA NO
BRASIL: A ENTRADA DA INTERICONICIDADE NO CAMPO DO SABER
FRANCO-BRASILEIRO / Agnes Eduarda da Silva Brito. --
2024.

95 f.:il.

Orientador: Prof. Dr. Eric Duarte Ferreira

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Estudos
Linguísticos, Chapecó, SC, 2024.

1. Análise de Discurso. 2. Análise de Discurso
Franco-brasileira. 3. Intericonicidade. I. Ferreira,
Eric Duarte, orient. II. Universidade Federal da
Fronteira Sul. III. Título.

AGNES EDUARDA DA SILVA BRITO

ANÁLISE DE DISCURSO FOUCAULTIANA EMPREENDIDA NO BRASIL:

A ENTRADA DA INTERICONICIDADE NO CAMPO DO SABER FRANCO-BRASILEIRO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos defendido em banca examinadora em 30/09/2024.

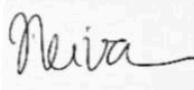
Este trabalho de conclusão foi defendido e aprovado pela banca em: 30/09/2024

BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente
gov.br ERIC DUARTE FERREIRA
Data: 18/10/2024 10:04:41-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Eric Duarte Ferreira

Presidente da Banca



Profa. Dra. Mary Neiva Surdi da Luz

Membro Titular Interno

Documento assinado digitalmente
gov.br TAIS DA SILVA MARTINS
Data: 16/10/2024 19:05:07-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Tais da Silva Martins

Membro Titular Externo

Documento assinado digitalmente
gov.br VALDIR PRIGOL
Data: 10/10/2024 15:58:58-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Valdir Prigol

Membro Suplente

Dedico este trabalho aos meus avós que sempre me mostraram o valor e a transformação que o estudo pode causar na vida de um indivíduo, mesmo quando eles nunca tiveram as oportunidades que me proporcionaram.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar à minha família, que sempre me ensinou que o estudo é um fator de transformação social na vida de quem veio de uma realidade tomada pela pobreza. Em especial ao meu avô José Afonso e a minha avó Pedrelina, que desde sempre acompanharam e incentivaram a minha trajetória acadêmica. À minha mãe Marília, que sempre foi um pilar para manter-me saudável e segura para realizar este estudo. Ao meu irmão Caio, que ao longo de sete anos compartilhou comigo todas as angústias, felicidades, impasses e satisfações de sair da periferia paulista em busca de sermos os primeiros da família a cursar uma universidade pública e, logo depois, o sonho de sermos os primeiros mestres e que, em breve, também compartilhará comigo o sonho de sermos os primeiros doutores. Aproveito para agradecer às minhas irmãs, tios, tias, primos e primas pelo incentivo e torcida pelo sucesso desde o ingresso à UFFS até a publicação desta dissertação.

Sou grata aos bons amigos que adquiri nesse processo e que foram fundamentais para o mantimento do gás e da gana de continuar com a minha pesquisa: Larissa Camargo, Gabrieli da Costa e Amanda Bellaver. Em especial, agradeço ao amigo Luiz Carlos Rodrigues, que esteve e está ao meu lado durante toda minha formação como professora, ao oferecer incansáveis vezes seus ombros, seus ouvidos e me dar os empurrões necessários para que eu alcance todos os espaços que me pertencem neste meio. Obrigada por serem fontes de inspiração.

Ao professor e orientador Eric Duarte Ferreira, que durante os dois anos de desenvolvimento desta pesquisa esteve solícito às ideias, questionamentos e estudos necessários para êxito desta dissertação. Que confiou em mim e no meu trabalho desde o estágio de docência até a escrita desta pesquisa. Agradeço também por estar presente em todo meu desenvolvimento como aluna, professora e pesquisadora na Universidade Federal da Fronteira Sul, desde a realização de projetos de extensão com o PET, nos primeiros semestres do curso de Letras, até às orientações do trabalho de conclusão de curso e da dissertação no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos na mesma instituição.

Aproveito para agradecer à professora Mary Neiva, que acreditou na minha pesquisa quando ela ainda era um projeto e contribuiu para o seu desenvolvimento com conselhos, dicas de leitura e um olhar aprimorado e experiente fazendo com que esta dissertação se enriquecesse cada vez mais.

Esta pesquisa só é possível graças a um imenso desejo de transformar a realidade que vivo, de mostrar aos meus alunos a importância da pesquisa científica e mostrar também que uma pessoa que advém da mesma origem deles alcançou este espaço, mostrá-los que eles também

podem pertencer ao mundo científico e dar continuidade ao que uma vez me foi ensinado: a educação, ao contrário do que nos fazem acreditar, é um fator de transformação para a realidade social de quem veio das classes mais baixas.

Somos o que fazemos, mas somos, principalmente, o que fazemos para mudar o que somos. (Eduardo Galeano, 1984)

RESUMO

A presente dissertação busca investigar a inserção da noção de intericonicidade no campo do saber da Análise de Discurso Franco-brasileira de filiação foucaultiana. Partindo desses pontos, a pesquisa objetiva investigar se ocorreu um deslocamento na Análise de discurso franco-brasileira foucaultiana ao inserir a intericonicidade em seu campo do saber. Mais especificamente, apurar, por meio de uma pesquisa exploratória, como as noções de discursividade de Foucault e Courtine se inseriram no território brasileiro por intermédio de Maria do Rosário Gregolin. Para levar a cabo a proposta apresentada, o projeto se organiza em quatro partes principais. Primeiro, é apresentado o processo de disciplinarização da AD no campo teórico franco-brasileiro, partindo da criação da AD até a chegada das teorias de Pêcheux e Foucault no Brasil. Em segundo lugar, há um capítulo dedicado à trajetória de Courtine e os acontecimentos que o levou a pensar na teoria da intericonicidade. Em seguida, é feita uma análise dos artigos “O Acontecimento Discursivo na Mídia: Metáfora de uma Breve História do Tempo” e “Análise do Discurso e mídia: a (re)produção de identidades” de Maria do Rosário Gregolin, com o intuito de compreender como a noção de intericonicidade é avançada em seus escritos. Por fim, são analisadas duas obras advindas de teses orientadas por Gregolin, sendo estas “Discurso e imagem: transformações do cânone visual nas mídias digitais”, de Renan Belmonte Mazzola, e “Verbo corpo e voz: dispositivos de fala pública e produção de verdade no discurso político”, de Carlos Piovezani, que trabalham com o conceito de intericonicidade na academia Brasileira. Portanto, com a análise destas visamos compreender como a pesquisadora mediou seus conhecimentos sobre as teorias courtineanas e foucaultianas no Grupo de Estudos em Análise de Discurso de Araraquara (GEADA) criado e liderado por ela na UNESP.

Palavras-chave: Análise de Discurso Franco-brasileira. Intericonicidade no Brasil. Maria do Rosário Gregolin.

ABSTRACT

This dissertation seeks to investigate the insertion of the notion of inter-iconicity into the field of knowledge of Franco-Brazilian Discourse Analysis. Starting from these points, the research aims to investigate whether there has been a shift in Franco-Brazilian Discourse Analysis by inserting inter-iconicity into its field of knowledge. More specifically, it aims to investigate, through exploratory research, how Foucault and Courtine's notions of discursivity were inserted into Brazilian territory through Maria do Rosário Gregolin. In order to carry out this proposal, the project will be organized into four main parts. First, the process of disciplinarization of DA in the Franco-Brazilian theoretical field will be presented, starting with the creation of DA and ending with the arrival of the theories of Pêcheux and Foucault in Brazil. Secondly, there will be a chapter dedicated to Courtine's career and the events that led him to think about the theory of inter-iconicity. This will be followed by an analysis of the articles "O Acontecimento Discursivo na Mídia: Metáfora de uma Breve História do Tempo" and "Análise do Discurso e mídia: a (re)produção de identidades" by Maria do Rosário Gregolin, with the aim of understanding how the notion of inter-iconicity is advanced in her writings. Finally, two works from these supervised by Gregolin will be analyzed: "Discourse and image: transformations of the visual canon in digital media", by Renan Belmonte Mazzola, and "Verbo corpo e voz: dispositivos de fala pública e produção de verdade no discurso político", by Carlos Piovezani, which work with the concept of inter-iconicity in Brazilian academia. By analyzing them, we aim to understand how the researcher mediated her knowledge of Courtinean and Foucauldian theories in the Araraquara Discourse Analysis Study Group (GEADA), which she created and led at UNESP.

Keywords: French-Brazilian Discourse Analysis. Inter-iconicity in Brazil. Maria do Rosário Gregolin.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 - Foto de Lula para Folha de São Paulo, em 2008..... | 38 |
| Figura 2 - Fusão dos ícones..... | 46 |
| Figura 3 - Michelângelo mastercard..... | 51 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 12 |
| 2 PÊCHEUX E FOUCAULT NA ANÁLISE DE DISCURSO FRANCO-BRASILEIRA..... | 18 |
| 2.1 O INÍCIO..... | 18 |
| 2.2 O CAMPO TEÓRICO DA ANÁLISE DE DISCURSO DE LINHA FRANCO-BRASILEIRA..... | 19 |
| 2.2.1 Análise de discurso franco-brasileira de orientação pecheutiana..... | 19 |
| 2.2.2 Análise de discurso franco-brasileira de orientação foucaultiana..... | 23 |
| 3 A IMAGEM COMO FONTE DISCURSIVA E O SURGIMENTO DA TEORIA DA INTERICONICIDADE..... | 33 |
| 3.1 DAVALLON E A NECESSIDADE DE ENTENDER AS IMAGENS COMO FONTE DE MEMÓRIA SOCIAL..... | 33 |
| 3.2 COURTINE E A NOÇÃO DE INTERICONICIDADE..... | 36 |
| 4 MARIA DO ROSÁRIO GREGOLIN E A INTERICONICIDADE NO CAMPO DO SABER DA ANÁLISE DE DISCURSO EMPREENDIDA NO BRASIL..... | 46 |
| 4.1 A INTERICONICIDADE NO DISCURSO MIDIÁTICO ANALISADO POR GREGOLIN..... | 47 |
| 4.1.1 A metáfora do tempo e a materialização da microfísica do poder na análise de discursos midiáticos por Gregolin..... | 47 |
| 4.1.2 Foto e legenda: o interdiscurso e a intericonicidade na análise de discursos midiáticos..... | 51 |
| 5 A INTERICONICIDADE NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DA ANÁLISE DE DISCURSO FRANCO-BRASILEIRA..... | 57 |
| 5.1 CÂNONE VISUAL E O PENSAMENTO DE FOUCAULT MEDIADO POR GREGOLIN..... | 57 |

| | |
|---|-----------|
| 5.2 A ANÁLISE DO DISCURSO POLÍTICO E A INTERICONICIDADE NAS PROPAGANDAS ELEITORAIS..... | 70 |
| 5.3 AFINAL, A IMPORTAÇÃO DA TEORIA FOUCAULTIANA E COURTINEANA GEROU UM DESLOCAMENTO NA AD EMPREENDIDA NO BRASIL?..... | 82 |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 85 |
| REFERÊNCIAS..... | 91 |

1 INTRODUÇÃO

Em maio de 1968, na França, ocorreram importantes transformações sócio-históricas relacionadas aos movimentos políticos de proletários e estudantes que reivindicavam o acesso das classes mais baixas à educação de nível superior. Essas transformações também foram marcadas pelas releituras das teorias de Saussure, Marx e Freud dentro do campo intelectual francês. Portanto, naquele período, houve uma nova compreensão da linguística, do marxismo e da psicanálise pelos estudiosos do país e isto foi determinante para o surgimento da análise de discurso (doravante AD).

A AD surgiu como uma ciência de entremeio e, simultaneamente, o estruturalismo a desenvolveu produzindo relações entre as diferentes áreas do conhecimento. Na visão de Gregolin (2004, p. 11), a AD começou a criar forma com a propagação das noções de estruturalismo empreendidas pelos trabalhos de Ferdinand de Saussure com a obra “Curso de linguística geral”, publicada em 1916. Nesta obra, Saussure defende que o estruturalismo parte da ideia de que determinado conceito é influenciado por todos os outros conceitos daquele mesmo sistema. Depois de instaurado nos escritos de Saussure, o estruturalismo foi difundido no movimento de mutações das disciplinas científicas que ocorreu no final do século XIX e início do século XX, afetando tanto a sociologia quanto a linguística presente nas produções de vários teóricos como Marx, Freud e Durkheim.

Como consequência deste movimento intelectual, não demorou muito para que Michel Pêcheux, unindo essas contribuições, passasse a analisar como as estruturas sociais interferem na fala e são, ao mesmo tempo, afetadas por esta. Portanto, foi através da crítica estruturalista à hegemonia da filosofia fenomenológica e ao existencialismo que possibilitou-se a entrada da antropologia estruturalista, do marxismo e da psicanálise nos estudos linguísticos, prometendo um efeito subversivo de transformação cultural. Assim, nasceu a AD de linha francesa (Gregolin, 2004).

De acordo com Gregolin (2004), na trajetória desse campo de saber, a AD francesa teve como pontapé inicial a publicação do livro “Análise Automática do Discurso”, escrito por Michel Pêcheux em 1969 e, mais tarde, com o lançamento da obra “A Ordem do Discurso”, constituída pela transcrição de uma aula de Michel Foucault, em 1971, no Collège de France. Recentemente, a AD francesa se configura, principalmente, por meio das ideias empreendidas por Jean-Jacques Courtine e Denise Maldidier.

A língua passou a ser ciência pelo olhar de Saussure, enquanto o discurso passou a ser científico graças à teoria discursiva que Pêcheux e Foucault construíram. Uma vez que o

estruturalismo ingressou como um importante referencial teórico na produção científica dos diferentes grupos de estudos das universidades francesas, ele passou a influenciar diretamente as diversas áreas do conhecimento. Passou-se a enxergar o indivíduo como parte de um todo e não como centro das especulações filosóficas, como fazia a filologia e o existencialismo (Gregolin, 2004, p. 19).

No Brasil, o estruturalismo foi difundido dentro da área de linguagens por Mattoso Câmara no decorrer dos anos 60. Apesar das ideias estruturalistas estarem inseridas no contexto intelectual brasileiro há algum tempo, a AD sofreu críticas e conflagrações pelos defensores da linguística tradicional quando começou a ser difundida pelos grupos de pesquisa brasileiros nos anos 70. De acordo com Leandro Ferreira (2003), desde o início, a AD de linha francesa foi acusada de não dar o devido valor à língua e importar-se somente com o político.

Devido a esses conflitos, Leandro Ferreira (2003) discorre que a AD franco-brasileira foi se distanciando cada vez mais dos estudos da linguística. Para os analistas discursivos brasileiros, ficava cada vez mais claro que ela não se limitava à uma ‘linguística discursiva’. Para a autora, a AD existe nas áreas fronteiriças das ciências humanas e se, no início de sua trajetória no Brasil, ela era criticada por seu viés exclusivamente político, hoje isso não acontece com tanta frequência devido ao seu cunho interdisciplinar.

De acordo com Leandro Ferreira (2003), a AD franco-brasileira foi consolidada e difundida por Eni Puccinelli Orlandi, que é professora, pesquisadora, orientadora e autora de diversas obras sobre AD, tornando-a referência no assunto. Mas, além de Orlandi, outra importante professora e pesquisadora da AD em território Brasileiro é Maria do Rosário Gregolin.

Eni Orlandi é uma professora e pesquisadora brasileira no Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, possui graduação em Letras, mestrado e doutorado pela FFLCH-USP, o último cursado em conjunto com a Universidade de Paris. Essa trajetória a tornou pioneira na disciplinarização da AD no Brasil. Orlandi é conhecida dentro do campo discursivo por sua especialidade na teoria pecheutiana e por obras fundamentais para a construção do campo do saber da AD franco-brasileira, sendo destaque os livros “Análise de Discurso: princípios e procedimentos” que apresenta um compilado de conceitos fundamentais para a AD e “As formas do silêncio: no movimento dos sentidos” que traz um aporte fundamental dos sentidos que o não-dito possui no discurso, esta última obra rendeu a Orlandi o Prêmio Jabuti em 1993 (Barreto, 2006, p. 2-3).

Por sua vez, Maria do Rosário Gregolin é docente em AD no departamento de Linguística da Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) e nesta lidera o Grupo de Estudos em Análise de Discurso de Araraquara (GEADA). A pesquisadora graduou-se em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Jaú, mestrou-se em teoria e história da literatura pela UNICAMP e doutorou-se em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP. Foi por meio de seu contato com Orlandi que Gregolin aproximou-se do campo do discurso nos anos 70, logo quando a disciplina chegou ao Brasil. Iniciou seus estudos por Pêcheux, mas logo na sequência encontrou-se com os escritos de Foucault e filiou-se ao pensamento do autor, repercutindo seu trabalho no Brasil. As principais obras da pesquisadora são: “Discurso e Mídia: A Cultura do Espetáculo”, na qual foi organizadora e autora de capítulo, e “Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso” (Oliveira et al, 2018, p. 21).

Segundo Orlandi, a AD amadureceu, se consolidou e garantiu seu lugar no âmbito dos estudos da linguagem realizados pelas Ciências Humanas. Da matriz francesa, a AD franco-brasileira tem “uma relação de nunca acabar”. Para ela, o Brasil ganhou desdobramentos e deslocamentos importantes e decisivos para a manutenção desse campo teórico (Orlandi, 2003).

Martins (2012, p. 23) defende que a responsabilidade da legitimação de uma disciplina não acomete somente ao professor, mas também é levada a cabo pelas instituições de ensino e os órgãos de fomento à ciência. Todavia, a autora afirma que o docente representa grande importância na estabilização dos campos dos saberes dentro de espaços universitários, uma vez que sem sujeitos não se faz História. Partindo deste ponto, foi de fundamental importância para a ampla divulgação e circulação das teorias pecheutianas e foucaultianas no contexto Brasileiro, a presença de Orlandi e Gregolin dentro das instituições de ensino superior, espaço no qual as duas analistas do discurso se tornaram precursoras das referidas filiações teóricas.

Para Orlandi, levando em conta o movimento conturbado no qual a AD se instaurou no país, existem dois momentos de tentativa de silenciamento das especificidades desse campo teórico. Segundo ela, esse silenciamento é corroborado pelos que argumentam, de um lado, a favor da questão linguística e silenciam a relação língua-ideologia e, do outro lado, por aqueles que se esquecem da relação sujeito-sociedade, tornando a AD uma análise de conteúdo (ORLANDI, 2002, p. 22).

Além disso, Orlandi ainda argumenta que no campo do saber brasileiro há estudiosos da linguagem que fingem desconhecer a filiação teórica da AD à linguística. Foucault defende que “a disciplina é um princípio de controle da produção do discurso. Ela lhe fixa os limites pelo jogo de

uma identidade que tem a forma de uma reatualização permanente das regras” (Foucault, 1999, p.36). Portanto, entende-se que há um controle do que pode ser considerado linguístico ou não na AD, devido ela não se filiar à uma única disciplina ou campo do saber (Orlandi, 2002, p. 26). Isto ocorre, pois a AD desorganiza a relação da linguística com as Ciências Humanas e Sociais ao tratar de maneira própria o que é língua, o que é sujeito e o que é sentido. Segundo Orlandi (2002, p.28), a posição de entremeio carregada pela AD não é fácil, uma vez que ela não é compreendida e respeitada. Entretanto, ela ainda diz que não é porque uma disciplina se encontra em uma zona fronteira que não seja possível criar, a partir de seus debates, um campo teórico sólido.

Desta forma, a construção de um trabalho que estude e pesquise a bibliografia dos autores brasileiros que seguem a linha franco-brasileira se torna necessário para que esta vertente da AD possa avançar e ser reconhecida, desmistificando a crença de que a AD empreendida no Brasil é apenas uma aplicação do método pecheutiano ou foucaultiano, com pouca singularidade.

Gregolin (2004, p. 138), em “Pêcheux e Foucault: Entre diálogos e duelos”, apontou uma urgência em compreender as diferenças teóricas, filosóficas e metodológicas entre a AD francesa e a AD franco-brasileira. Dito isso, esta pesquisa será pertinente pela necessidade de compreender como o conceito de intericonicidade, apresentado por Courtine sob inscrição dos estudos de Foucault, se instaurou no campo do saber da AD franco-brasileira.

Segundo Brito (2021), a AD tem como princípio o entendimento de que os sujeitos são interpelados pela língua, pela ideologia e pela história, devido a isso, temos que levar em consideração que os próprios teóricos são influenciados pelos contextos que vivenciam. Para a autora, Pêcheux e Foucault viveram em contextos díspares de Orlandi e Gregolin, por exemplo, e por isso seus trabalhos, apesar de possuírem semelhanças, possuem também singularidades e identidades diversas (Brito, 2021).

A temática desta dissertação está envolta na investigação e averiguação de um referencial teórico da análise de discurso franco-brasileira, com os professores pesquisadores Jean-Jacques Courtine, Carlos Piovezani, Maria do Rosário Gregolin e Renan Belmonte Mazzola, para compreender a entrada da intericonicidade, das teorias Foucaultianas e Courtineanas no Brasil, mediadas por Gregolin em seu Grupo de Estudos em Análise de Discurso de Araraquara (GEADA), no processo de construção da AD franco-brasileira como campo do saber.

Partindo deste ponto, torna-se necessário construir uma pesquisa que investigue se ocorreu um deslocamento na Análise de discurso franco-brasileira ao inserir a intericonicidade¹ em seu campo do saber, pois os estudiosos da área poderão desprender-se de crenças colonialistas de que teorias importadas da Europa são levadas a cabo no campo do saber franco-brasileiro e, além disso, que estas reproduzem essas teorias ao pé da letra, sem qualquer avanço ao ser direcionadas às especificidades do Brasil.

Desta forma, mesmo que a AD, segundo Brito (2021), deva ser reconhecida como uma linha franco-brasileira - e não francesa, por não reproduzir “ao pé da letra” esta teoria - a investigação se justifica pela necessidade de se compreender quais são estas diferenças, como elas funcionam, quem pensou nelas, qual teórico criou qual método e quem está avançando este conhecimento no Brasil. Assim, nota-se a relevância da produção científica da AD franco-brasileira para que os estudos da linguagem possam ser reconhecidos dentro e fora do Brasil e que, além disso, seus teóricos sejam creditados pelos trabalhos que construíram, o que segundo Gregolin (2004) não acontece atualmente.

Portanto, o objetivo deste estudo é investigar se ocorreu um deslocamento na Análise de discurso franco-brasileira ao inserir a intericonicidade em seu campo do saber. Mais especificamente, apurar, por meio de uma pesquisa exploratória, como as noções de discursividade de Foucault e Courtine se inseriram no território brasileiro por intermédio de Maria do Rosário Gregolin.

Segundo Brito (2021, p. 27), as filiações pecheutiana e foucaultiana na AD empreendidas no Brasil são inegáveis, mas por não constituírem linhas homogêneas elas não podem ser rotuladas igualmente. Para a autora, a construção e o avanço da AD no Brasil transformou os estudos discursivos em uma continuação e extensão dos estudos franceses construídos na década de 60. Logo, a construção desta pesquisa foi constituída pela filiação às teorias discursivas de Foucault, Courtine e Gregolin. Apesar de reconhecer que outros autores e filiações são importantes para a construção do campo do saber franco-brasileiro e para a historicidade desta teoria no Brasil, há mais coerência para os objetivos deste estudo filiar-se aos três autores citados anteriormente, pois o foco do estudo consiste em compreender a inserção e disseminação do conceito de intericonicidade na academia brasileira.

¹ A noção de intericonicidade será abordada mais adiante, mais especificamente no terceiro capítulo desta dissertação.

Metodologicamente, a pesquisa se configura como exploratória, seguindo a definição trazida por Piovesan e Temporini (1995, p.321) que defende que a pesquisa exploratória é “um estudo preliminar realizado com a finalidade de melhor adequar o instrumento de pesquisa à realidade que se pretende conhecer”. Neste aspecto, a presente pesquisa visa compreender como essa noção se insere e gera novas significações no campo da Análise de Discurso foucaultiana no Brasil. A exploração inicial é fundamental para entender as relações entre as teorias de Foucault e Courtine no contexto brasileiro, principalmente por meio dos intermédios que Maria do Rosário Gregolin fez com os estudos.

Piovesan e Temporini (1995) argumentam que a pesquisa exploratória é especialmente relevante quando se há pouco ou nenhum conhecimento sobre o objeto de estudo. Isto corresponde ao caso desta dissertação, uma vez que abordamos os deslocamentos teóricos causados pela inserção da noção de intericonicidade na AD foucaultiana empreendida no Brasil.

Tendo esse aspecto como base, vale evidenciar que o recorte teórico escolhido em todo o desenvolvimento deste trabalho está pautado na análise de discurso foucaultiana e courtineana empreendida no Grupo de Estudos em Análise de Discurso de Araraquara (GEADA), fundado e liderado pela professora doutora Maria do Rosário Gregolin dentro da UNESP e, principalmente, no que tange a inserção de intericonicidade nos estudos desenvolvidos pelo grupo. Reconhecemos que outras vertentes da AD franco-brasileira utilizam da imagem como materialidade discursiva pelo viés de outros teóricos, como Pêcheux. Todavia, nesta pesquisa, estas vertentes não serão foco de estudo pelo objetivo de nos atermos às diferentes materialidades discursivas que a filiação à Foucault e Courtine trazem à AD empreendida no Brasil por intermédio de Gregolin.

Para levar a cabo a proposta apresentada, a dissertação se organiza em quatro partes principais. Esta divisão reflete o caráter exploratório da pesquisa ao propor um mapeamento inicial do processo de disciplinarização da AD no Brasil e da inserção da intericonicidade como uma categoria analítica. Ao investigarmos os escritos de autores fundamentais para o campo de saber franco-brasileiro, no que diz respeito à AD foucaultiana, nos aprofundamos nos conhecimentos sobre as dinâmicas discursivas envolvidas e fornecemos uma base sólida para futuras pesquisas. Desta forma, o estudo alinha-se à proposta de Piovesan e Temporini (1995) ao gerar um conhecimento contínuo e qualitativo, adaptado à realidade do campo do saber que exploramos nesta pesquisa.

Quanto à divisão de capítulos desta dissertação: primeiro, há uma introdução do processo de disciplinarização da AD no campo teórico franco-brasileiro, partindo da criação da AD até a

chegada das teorias de Pêcheux e Foucault no Brasil, momento no qual buscamos compreender a historicidade em que a AD se enraizou em solo brasileiro.

Em segundo lugar, é apresentado um capítulo que pauta as transformações que a análise de discurso sofreu após a inserção dos discursos da mídia e das imagens nas materialidades discursivas. Nesta parte, fizemos um levantamento dos acontecimentos teóricos que Courtine vivenciou para que chegasse à teoria da intericonicidade.

Em seguida, foi feita uma análise dos artigos “O Acontecimento Discursivo na Mídia: Metáfora de uma Breve História do Tempo” e “Análise do Discurso e mídia: a (re)produção de identidades”, de Maria do Rosário Gregolin, com o intuito de compreender como a noção de intericonicidade é avançada e difundida em seus escritos.

Por fim, foram analisadas duas obras advindas de teses, sendo estas “Discurso e imagem: transformações do cânone visual nas mídias digitais”, de Renan Belmonte Mazzola, e “Verbo corpo e voz: dispositivos de fala pública e produção de verdade no discurso político”, de Carlos Piovezani. Estas pesquisas foram orientadas por Gregolin e trabalham com o conceito de intericonicidade. Portanto, através deste procedimento, visamos compreender como a pesquisadora mediou seus conhecimentos sobre as teorias courtineanas e foucaultianas no GEADA, que foi criado e é liderado por ela na UNESP de Araraquara.

2 PÊCHEUX E FOUCAULT NA ANÁLISE DE DISCURSO FRANCO-BRASILEIRA

2.1 O INÍCIO

Segundo Brito (2021, p. 3), para compreendermos a história da análise de discurso, precisamos primeiro compreender o surgimento das ideias estruturalistas. De acordo com Gregolin (2004), o estruturalismo passou a ser avançado no ideário francês a partir da segunda metade do século XX, pela publicação de “Curso de Linguística Geral” em 1916. Quando surgiu, as teorias estruturalistas de Saussure foram reconhecidas e incorporadas em diversos campos do saber, uma vez que seus conceitos metodológicos flertavam com as Ciências Humanas e Sociais, para além da linguagem.

Enquanto o estruturalismo passava por seus dias de glória na Europa, principalmente na França, sua abrangência e interdisciplinaridade permitiram a fusão dos estudos semióticos aos estudos da semântica e isso abriu brechas para a criação da AD. Gregolin (2004) afirma que apesar da diversidade presente no movimento estruturalista, ele sempre se voltava as ideias de Saussure e por esta razão “Curso de Linguística Geral” representou um corte na linguística não-científica e levou a cabo o desenvolvimento de um estudo da língua e da “ciência do signo”, estudando a relação de elementos de um sistema como um todo e não apenas um recorte dele, se opondo a como faziam os existencialistas (Brito, 2021, p. 3).

Segundo Gregolin (2004), no Brasil, o estruturalismo chegou por meio de Lévi-Strauss enquanto lecionava na Universidade de São Paulo, na década de 1940. Por sua vez, as ideias estruturalistas chegaram ao campo das letras com Mattoso Câmara, nos anos 1960.

Uma vez que o pensamento estruturalista estava firmado na produção do saber das universidades francesas,

ocorreu um movimento de reestruturação de afinidades disciplinares em torno da linguística. O surgimento do estruturalismo e seu movimento de desbancar a hegemonia da filosofia fenomenológica e do existencialismo, possibilitou a entrada da antropologia estruturalista, do marxismo e da psicanálise nos estudos linguísticos, prometendo um efeito subversivo de transformação cultural. Assim, nasceu a AD de linha francesa (Brito, 2021, p. 6).

Para Gregolin (2004), um ano antes da publicação da obra que datou o surgimento da AD ocorreu o movimento de Maio de 68, iniciado em Paris e alastrado para diversas outras cidades no mundo, que influenciou diretamente Pêcheux ao pensar numa teoria de análise do discurso político.

De acordo com Leandro Ferreira (2003), o marco inicial da Análise do Discurso remonta a 1969, com a publicação de Michel Pêcheux intitulada “Análise Automática do Discurso”. Portanto, pode-se afirmar que Pêcheux é amplamente considerado o pioneiro da Análise do Discurso. Mais tarde, Foucault também direcionou parte de seus estudos e publicações para o domínio discursivo, tornando-se um outro referencial teórico significativo. No entanto, ao contrário de Pêcheux, Foucault não concentrou seus estudos exclusivamente no discurso, uma vez que este constituía apenas uma parte relativamente pequena de seu trabalho (GREGOLIN, 2004). Segundo Brito (2021, p. 12),

Mesmo o estruturalismo já estando presente nas produções teóricas das faculdades de Letras desde os anos 60 no Brasil, a análise de discurso de linha francesa sofreu críticas e embates com os estudiosos da linguística tradicional e positivista quando começou a ser explorada pelos acadêmicos e pesquisadores brasileiros, no meio dos anos 60, após a instauração da ditadura militar. Este questionamento foi, sobretudo, ocasionado pela conjuntura política do país. Segundo Orlandi (2012), por conta da censura pela qual os professores, os alunos e as instituições de ensino foram sucumbidas durante a ditadura militar, fazia-se necessária a instalação da disciplina. Para ela, havia a necessidade de dizer no não-dizer e a AD precisava estar ali para decifrar os códigos pelos quais não só a frente ampla de resistência, mas também o estado autoritário, utilizavam para se comunicar. Se na França, ou Europa no geral, a crise das esquerdas em um estado de direito foi fundamental para a instalação da AD de linha Francesa, no Brasil vivenciar uma plena ditadura militar foi a questão política central para a criação da AD de linha franco-brasileira.

A partir deste ponto, Ida Lúcia Mello (2010, p. 223) afirma que a AD de linha franco-brasileira “saiu enriquecida, como saem todos aqueles que viajam pelo mundo e se adaptam a novas culturas, a novos olhares”. Pensando nos novos olhares que a AD adquiriu em sua importação ao Brasil, faz-se necessário compreender como os autores fundamentais para a construção deste campo do saber chegaram em nosso território e formaram parte do campo intelectual que constitui a AD franco-brasileira.

2.2 O CAMPO TEÓRICO DA ANÁLISE DE DISCURSO DE LINHA FRANCO-BRASILEIRA

2.2.1 Análise de discurso franco-brasileira de orientação pecheutiana

Michel Pêcheux é um teórico francês nascido em Tours no ano de 1938 e falecido em Paris em 1983. O autor é amplamente reconhecido como o fundador da Escola Francesa de Análise do Discurso. Sua obra pioneira, denominada “Análise Automática do Discurso”, teoriza como a linguagem, utilizando-se do discurso, se materializa na ideologia. Os escritos de Pêcheux dão ênfase em enunciados verbais, especialmente focados em textos políticos “e, pela análise do funcionamento

discursivo, ele objetiva explicitar os mecanismos da determinação histórica dos processos de significação” (Orlandi, 2005, p. 10).

Pêcheux teve influência da tríplice aliança Saussure, Freud e Marx, no qual ele utiliza-se dos conceitos do estruturalismo saussuriano, da ideologia e do materialismo histórico marxista - Vale lembrar que a compreensão que Pêcheux tinha da teoria marxista advinha das leituras e discussões que Althusser propunha em seu grupo de estudos do qual o teórico fazia parte - e da psicanálise freudiana para desenvolver sua teoria sobre o discurso. A partir destes autores, a teoria pecheutiana estabeleceu uma relação interdisciplinar entre a teoria linguística, a psicanálise, as ciências sociais e a história (Gregolin, 2004).

Segundo Mazzola (2014), pode-se considerar três importantes fases para a AD pecheutiana. Essas fases mostram a evolução da análise do discurso de Pêcheux, indo de uma abordagem mais estruturalista e centrada em textos políticos para uma perspectiva mais flexível que incorpora discursos cotidianos e materialidades não verbais, enquanto dialoga com outras teorias, como as de Althusser e Foucault.

Na primeira fase, que ocorreu entre 1969 e 1975, há o início da análise do discurso, cujo objetivo principal era compreender onde estavam as discursividades nos enunciados verbais. Neste período, Pêcheux criou uma análise automatizada do discurso focada em textos políticos (Mazzola, 2014).

A segunda fase aconteceu entre os anos de 1976 e 1979. Neste período, Pêcheux passou a questionar alguns dogmas, fazendo com que publicasse uma revisão de procedimentos e conceitos defendidos na fase anterior. O teórico francês passou a defender a existência de “dois esquecimentos” na obra “Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio”, é a partir desta reformulação que o autor passa a defender que o sujeito possui algum controle dos enunciados que emite (Mazzola, 2014).

A terceira e última fase ocorreu a partir de 1980. Neste período, Pêcheux se afastou das teses althusserianas e se aproximou das teses de Michel Foucault. Nessa fase, ele passou a incluir as falas ordinárias em seu escopo de análise, mesmo que ainda no campo político-partidário, e refletiu sobre a imagem como um operador de memória social. No livro “O discurso: estrutura ou acontecimento”, ele analisou o enunciado político comum “*On a gagné*” e mostrou que esse tipo de enunciado também é atravessado por discursividades. Além disso, em “Papel da memória”, Pêcheux explorou

a questão das materialidades não verbais e a imagem como um local de inscrição da memória social (Mazzola, 2014).

A teoria de Pêcheux chegou ao Brasil no escopo de uma conjuntura ditatorial. Este período de ditadura gerou aos teóricos brasileiros uma sede de entender o discurso político e os sentidos que o dito têm em relação com o não-dito (Brito, 2021).

Segundo Martins (2012), a teoria de Pêcheux foi introduzida no Brasil por um grupo de pesquisadores da UNICAMP liderados por Orlandi e estes foram responsáveis pela tradução das obras do autor para a língua portuguesa. Como em um efeito dominó, a presença de Orlandi e a tomada de partida deste grupo de estudiosos concomitou em uma ampla divulgação de conceitos basilares da teoria pecheutiana com as primeiras teses, grupos de estudos, dissertações e publicações realizadas neste campo do saber.

Conforme destacado por Leandro Ferreira (2003), a teoria de Pêcheux recebeu críticas de linguistas positivistas brasileiros por supostamente negligenciar a língua em detrimento do foco no aspecto político. Em decorrência dessas críticas, a abordagem de análise de discurso desenvolvida por Michel Pêcheux passou a ser referida como “Análise de Discurso Radical ou Ortodoxa”. A autora ressalta que a Análise do Discurso no Brasil amadureceu, consolidou-se e assegurou seu lugar nos estudos da linguagem realizados no âmbito das ciências humanas. Embora tenha sua origem na matriz francesa, a influência de Michel Pêcheux adquiriu na realidade brasileira desdobramentos e deslocamentos de grande relevância, que contribuíram de modo decisivo para a contínua manutenção do prestígio dessa abordagem teórica no cenário acadêmico brasileiro (Leandro Ferreira, 2003, p. 45-46).

Apesar dos percalços que a teoria pecheutiana sofreu no cenário acadêmico brasileiro, os esforços pela institucionalização da AD por parte de professores que acreditavam na teoria, especialmente os que lecionam na Universidade de Campinas (UNICAMP), foi de grande valia para o reconhecimento do trabalho de Pêcheux no Brasil, mesmo que, em seu próprio país, seus estudos tenham ficado em segundo plano (Brito, 2021).

Segundo Leandro Ferreira (2003), a UNICAMP foi prenunciadora na institucionalização da AD como disciplina nos cursos de Letras. Quando pensamos na institucionalização da AD no Brasil, Machado Teixeira (2014) defende que Eni Orlandi enfrentou consideráveis obstáculos ao estabelecer as bases para a inserção da AD como uma disciplina da Linguística, bem como uma área de conhecimento reconhecida e financiável por entidades públicas de fomento à pesquisa no Brasil.

Esse processo também gerou uma distinção entre a Análise de Discurso enquanto disciplina e a Análise de Discurso como uma disciplina dentro do campo da Linguística. Isso sugere, possivelmente, um conflito histórico em que a disciplina precisou ser incorporada ao âmbito da Linguística, o que por sua vez remete a um embate entre a Análise de Discurso e outras áreas de estudos linguísticos. Como observado pela autora (*idem*, 2014, p. 99), “pelo que sei, a UNICAMP foi pioneira no Brasil ao instituir uma cadeira de Análise de Discurso, ou seja, essa abordagem se tornou parte integrante do currículo acadêmico dessa instituição”.

Para Machado Teixeira (2014), existem duas importantes fases na disciplinarização da AD pecheutiana na instituição. A primeira diz respeito a inserção da teoria no cotidiano dos professores, em suas aulas e orientações teóricas, ou seja, inserir os pensamentos de Pêcheux nas suas disciplinas recorrentes. A segunda refere-se a institucionalizar a disciplina, contratar professores e criar um núcleo de estudos para levar a cabo a teoria francesa dentro da instituição.

Pensando neste ponto, Brito (2021, p.12) defende que

ainda que a AD tenha vivenciado - e podemos dizer que vivencia até hoje - grandes desafios e silenciamentos para conseguir se instaurar no Brasil como parte das ciências da linguagem, foi por iniciativa de professores da UNICAMP, adeptos da teoria de Pêcheux e que lecionaram disciplinas sobre linguística no IEL (Instituto dos Estudos da Linguagem) que a AD conseguiu se disciplinarizar no Brasil, dentre estes docentes, devemos evidenciar o nome de Eni Orlandi. Segundo Leandro Ferreira (2003), Orlandi se esforçou em disciplinarizar a análise de discurso e torná-la institucional, ou seja, torná-la parte do currículo do curso de graduação e de pós-graduação na área dos estudos da linguagem da UNICAMP.

De acordo com Orlandi (2002, p. 38), a institucionalização da Análise de Discurso de orientação pecheutiana, em Campinas, se concretizou graças ao comprometimento daqueles que se alinharam com os princípios teóricos de Pêcheux. Ao introduzir essa disciplina nos currículos acadêmicos, tanto de graduação como de pós-graduação, dentro do Instituto de Estudos da Linguagem, especificamente no Departamento de Linguística, a Análise de Discurso deixou a sua marca distintiva. Essa inclusão nos programas de pós-graduação e em grupos de pesquisa assegurou a sua estabilidade como uma disciplina acadêmica, bem como um campo produtivo de estudos.

A partir disso, Brito (2021) defende que após a consolidação da Análise de Discurso franco-brasileira de orientação pecheutiana na UNICAMP, muitos cursos de Letras em todo o Brasil seguiram seu exemplo. Hoje, mesmo mantendo sua natureza interdisciplinar, a AD desempenha um papel significativo na formação de linguistas em todo o país.

Segundo Martins (2012, p. 77-78), o campo da AD no Brasil ganha destaque por suas singularidades nas abordagens da teoria. Para Martins, a AD no Brasil possui suas próprias especificidades, pois não se afeta pela divisão imaginária entre a escrita (AD europeia) e a Oralidade (AD americana) e, além disso, não se limita apenas ao campo discursivo da política, se estendendo por outros tipos de discursividades e suas materialidades. Estas singularidades se devem, em grande parte, à influência que Orlandi possui na consolidação da disciplina no País. De acordo com a autora, a própria Eni Orlandi se posiciona como uma das fundadoras do campo teórico da AD franco-brasileira em seu texto “Análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil”. De acordo com a autora,

Nos trajetos que percorremos para conhecermos seu processo de disciplinarização, no Brasil, não encontramos uma única AD, pois ao ser nomeada em cada instituição, ela significa de maneira diferente, tomando para si uma designação específica. E são estes caminhos, estes trajetos que fazem esta disciplina significar e ressignificar que nos interessam em nossas pesquisas. Podemos afirmar que, no Brasil, esta disciplina constrói dispositivos teóricos e de análise próprios (Martins, p.79).

Por fim, pode-se concluir que a posição atualmente ocupada pela AD na academia brasileira é um reflexo do árduo trabalho de Eni Orlandi. Atualmente, a autora é a principal referência na abordagem da AD franco-brasileira de orientação pecheutiana. Sua produção acadêmica abrange desde análises discursivas profundas até textos que elucidam os princípios fundamentais dessa disciplina (Brito, 2021). Neste estudo, como apontado na introdução, há o reconhecimento da importância de Orlandi e Pêcheux para a construção do campo do saber da AD empreendida no Brasil. Todavia, tomamos como recorte de investigação a AD de filiação foucaultiana para compreender os deslocamentos que a noção de intericonicidade gerou no campo do saber brasileiro. Ressaltamos também que temos conhecimento dos estudos realizados pela filiação pecheutiana com as imagens, mas não exploraremos este aspecto da teoria pelo objetivo da dissertação em compreender a análise de ícones na AD através do recorte teórico previamente citado.

2.2.2 Análise de discurso franco-brasileira de orientação foucaultiana

Segundo Puech (2014, p.23), no contexto francês dos anos 60 e 70, Saussure e o Curso de Linguística Geral é onipresente em todas as vertentes das ciências humanas, das ciências sociais e da filosofia. Puech (2014, p.41) afirma que, apesar disso, Pêcheux e Foucault possuem um ponto túbio de divergência entre as influências do estruturalismo e do marxismo em suas teorias.

Ao levar em conta que o projeto de uma Análise automática do discurso de Pêcheux estabeleceu-se pela discussão de um “estruturalismo ampliado” e pela inquietude da relação entre linguística, história e teoria marxista do “sujeito”, Foucault tem sua primeira discussão sobre a noção de discurso por meio de um estudo aprofundado das ciências humanas e do estruturalismo saussuriano em “As palavras e as coisas” (Puech, 2014).

Para Kogawa (2012), a “Arqueologia do Saber” de Foucault engloba a relação entre ciência e história, levando em conta importantes referências como Bachelard e Canguilhem. Segundo o autor, a ideia de tradição e a noção de influência - que, em resumo, são a busca pela origem e a transmissão das ideias do passado - ignoram a fragmentação e complexidade da história. Além disso, Kogawa (2012) aponta que para Foucault há uma problematização na relação entre obra e autor, pois o filósofo defende que as ideias e noções não devem ser consideradas como parte do trabalho de um gênio, mas sim que fazem parte de uma complexa reunião de discursos que vão além das fronteiras daquela teoria e fazem parte de uma memória discursiva. Entender estes pontos é fundamental para compreender as formações discursivas e enunciado para Foucault.

De acordo com Sargentini (2014),

o discurso sempre foi objeto do trabalho de Foucault, ainda que nos anos 1970 ele afirmasse que, olhando de forma retrospectiva para seus estudos, ele mesmo reconhecia que seu objetivo não foi analisar as formas de poder, mas criar uma história dos diferentes modos pelos quais, na cultura ocidental, os seres humanos se tornaram sujeitos. Sempre o discurso apresentou-se como o centro desencadeador de suas análises, uma vez que compreendia que o objeto de pesquisa na sua materialidade não pode ser compreendido separado dos quadros formais por meio dos quais o conhecemos: o discurso.

Assim, para Foucault os objetos são construídos no discurso, não preexistem à fala. O discurso é visto, então, como a descrição de uma formação histórica, entretanto, para se chegar a essa descrição a partir do discurso é preciso “despojar o acontecimento da roupagem demasiado ampla que o banaliza e o racionaliza”. Compreendemos, então, que para os analistas do discurso, o primeiro legado de Foucault é a própria noção de discurso que não se separa da noção de sujeito, de acontecimento e de materialidade discursiva (p. 163-164).

Sargentini (2014) discorre que a partir deste ponto, em “A arqueologia do saber”, Foucault defende que a definição de enunciado não é inteiramente linguístico, nem inteiramente material. Para o filósofo, o que define enunciado não é o mesmo que define o ato da linguagem. Portanto, Foucault defende que esse não deve ser entendido apenas como um enunciado linguístico. Segundo a autora,

Foucault dispõe-se a compreender o enunciado em singular situação, considerando suas relações com outros enunciados e com aqueles que são excluídos. Assim os discursos estão regidos por relações de poder disciplinares e por técnicas de si e não ocorrem fora dos quadros da historicidade que os possibilita e os justifica (Sargentini, 2014, p. 165).

Portanto, pode-se afirmar que para Pêcheux o discurso se caracteriza pelas particularidades e lutas das classes sociais entre si, enquanto para Foucault o discurso se compreende pelas práticas de regularidade e de regulação exercida por meio das relações de poder entre os sujeitos (Piovezani, 2014). Segundo Curcino (2014, p. 81),

A obra de Michel Foucault tem a capacidade peculiar de interessar a pesquisadores de diferentes domínios de saber que têm em comum o interesse pela dimensão simbólica, constituída histórica e culturalmente e responsável, entre outras, pela maneira como nos constituímos sujeitos. Para aquele que se dedica aos estudos do discurso, a identificação com certos princípios da obra desse filósofo fundamenta-se no interesse comum pelo estudo das formas históricas de produção, de circulação e de controle dos discursos que, por sua vez, estão na "origem" dos saberes, dos poderes e da constituição identitária dos sujeitos, em suas continuidades e descontinuidades ao longo da história.

Segundo Strathern (2003), durante a construção de sua teoria, Foucault navegou pelos dizeres de diversos filósofos, como Hegel, Heidegger e Sartre. Todavia, mais do que construir seus pensamentos por influência da absorção das ideias destes autores, a teoria de Foucault baseou-se nas ideias deles que ele rejeitava. Isto fez com que Foucault ganhasse destaque e fosse cada dia mais conquistando espaço na academia francesa e para além da França, fazendo com que o filósofo recebesse convites para lecionar psicologia, história e filosofia na Suécia, na Tunísia e nos Estados Unidos. Para Strathern (2003),

Foucault estava seguindo os seus instintos. A potente mistura de filosofia nietzschiana, psicologia, história e prática clínica o estava conduzindo para um novo território que transgredia as fronteiras acadêmicas comuns. (idem, 2003, p.18)

No que tange uma AD focada na discursividade verbal, Pedro de Souza (2014) afirma que na obra de Foucault a importância da fala e dos homens para a análise de discurso se caracteriza no fato de que a fala é o ponto de partida para a compreensão das formas de construção e formação do discurso, já que, segundo o teórico francês, a fala é um ato de constituição do sujeito. Ao focar-se na fala, a AD de linha francesa visa entender como são construídos os significados, as relações de poder e as identidades de um sujeito, uma vez que suas falas não são, para o autor, pensamentos neutros, mas sim influenciadas e influenciáveis pelo contexto social, político e histórico que corroboram para as formas em que os sentidos dos enunciados são compreendidos e interpretados.

Souza (2014) discorre que ao tomar a fala como um lugar concreto em que intervém uma ordem do discurso, pensada por Foucault, é possível compreender como os sujeitos formam suas identidades através da linguagem. Para o autor, Foucault em “A ordem do discurso” refere-se às regras, normas e convenções que regulam o que pode ser dito, como pode ser dito e quem tem autoridade para dizer. Nesta obra do autor francês, Souza (2014) aponta que há três formas de

influência que a ordem do discurso pode exercer na fala do indivíduo, são elas: a constituição do sujeito, a regulação da fala e a relação de poder.

A constituição do sujeito, na teoria foucaultiana, configura-se nas posições que a ordem do discurso determina para os indivíduos e configura-se pela forma que estes se veem e são vistos pelo outro. Nesta há uma definição de quem pode falar, sobre o que pode falar e de que maneira pode falar. (Souza, 2014)

Por sua vez, a regulação da fala, na teoria foucaultiana, configura as regras e limites para a expressão verbal. Além disso, essa também é legitimada pela forma como as ideias são articuladas e comunicadas pelos indivíduos. A regulação da fala também caracteriza-se pelo que pode ou não ser considerado legítimo dentro de um determinado campo discursivo. (Souza, 2014)

Por fim, as relações de poder, segundo Foucault, é caracterizada pela definição de quem tem autoridade para falar e impor hierarquias de conhecimento e legitimidade discursiva. É por meio das relações de poder que é determinado quem se enquadra nas normas estabelecidas pela ordem do discurso, conseqüentemente, quem terá mais facilidade para ser ouvido e quem será marginalizado ou silenciado (Souza, 2014).

Outro importante ponto da teoria de Foucault para este trabalho é a análise de imagens presente em seus escritos. Segundo Kogawa (2012), em “História da Loucura” o filósofo aborda a questão das imagens, principalmente da relação entre as obras de arte e a loucura. Para o autor, Foucault compreende que as imagens representam ideias anteriormente transmitidas pelas palavras e pela memória coletiva e isto influenciará na interpretação destas pelo sujeito.

De acordo com Kogawa (2012), Foucault acreditava que a imagem poderia ser uma tradução visual do conteúdo verbal, apesar de reconhecer que as imagens e as palavras existem de modos diferentes influenciados por distintos fatores históricos, psicológicos, cognitivos, institucionais e sociais.

Kogawa (2014) apresenta a existência de uma relação de Foucault com a Semiologia. Para o autor, há uma importância das teorias semiológicas dentro das análises das ciências humanas e há uma urgência em equilibrar os estudos das palavras e das imagens, destacando as contribuições de Barthes para tal.

Segundo Sargentini (2014) nas últimas décadas do século XX e início do século XXI, a política passa a ser centrada no indivíduo, a figura política passa a ser o centro das campanhas e o

comportamento destas gera o “avanço da docilidade no discurso político, a ausência de embates, o silenciamento ideológico fonte de enfrentamentos” (Sargentini, 2014, p. 167).

Com esta mudança no discurso político e com a presença cada dia mais efervescente da imagem do indivíduo político, a análise de discurso passa a se amparar na teoria Foucaultiana que defende, como já pontuamos anteriormente, que o “enunciado não se reduz ao enunciado linguístico, mas se estende a outras formas de linguagem. Para a análise do discurso político estão envolvidas também as imagens, a gestualidade, a sonoridade etc” (Sargentini, 2014, p. 168).

Foucault fez cinco visitas ao Brasil, estas ocorreram nos anos de 1965, 1973, 1974, 1975 e 1976, todas durante o regime militar. Neste período, ele visitou e palestrou em diferentes universidades do país e se viu imerso nos dispositivos de poder dado o contexto sócio-histórico que ele vivenciou aqui (Conde Rodrigues, 2015).

Em 1965, Foucault visitou a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), onde foi recebido como referência para a análise de textos filosóficos e literários partindo do estruturalismo. Todavia, Foucault não deixou de notar todas as interferências repressivas que ocorriam na universidade frequentemente (Conde Rodrigues, 2015).

Na sua segunda vez ao Brasil, em 1973, o filósofo veio a convite do Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ). Neste período, diversas obras do francês já haviam sido traduzidas e publicadas no Brasil pelas editoras Tempo Brasileiro e Vozes. De acordo com Conde Rodrigues,

a História da Loucura se tornara referência corrente, mediante a tradução para o espanhol e/ou via divulgadores brasileiros. Assim, em lugar de aparecer como austero filósofo, ele é convocado a debater temáticas candentes da atualidade (o poder psiquiátrico, a indústria da loucura, a suposta revolução psicanalítica), passa a interessar a um público bastante diversificado e torna-se cada vez mais enigmático para as classificações disciplinares instituídas (Conde Rodrigues, 2015, p. 27).

Já em 1974, Foucault veio ao Brasil para participar de diversas conferências sobre medicina social e teve grande impacto no movimento da saúde pública que resistia às privatizações de hospitais pelo governo militar (Conde Rodrigues, 2015).

Segundo Conde Rodrigues (2015), em 1975, Foucault chegou a um Brasil em que ele recebia ainda mais destaque no contexto acadêmico, tanto nas ciências humanas, na filosofia e na linguística, como na psicologia e na psicanálise. Neste ano, ele visitou novamente a FFLCH-USP

onde, mais uma vez, palestrou sobre os pensamentos do estruturalismo, de Freud e de Marx. Isto fez com que o filósofo francês fosse vigiado pelo governo militar, pois estes acreditavam fielmente na sua conduta socialista. Segundo Conde Rodrigues,

o avanço da linha (mais) dura do regime sobre pessoas suspeitas de ligações com o Partido Comunista conduz o filósofo, em 23/10/1975, à assembleia estudantil. No dia seguinte, a Folha de São Paulo noticia: “Michel Foucault fez um pronunciamento de solidariedade aos estudantes. Disse, ainda, que pretendia suspender as aulas que está dando” (FSP, 24/10/1975, p. 17). No mesmo dia 24/10, agentes da repressão vão à TV Cultura para prender o jornalista Vladimir Herzog. Este consegue autorização para apresentar-se somente no dia seguinte à tristemente famosa Rua Tutóia e efetivamente o faz, na manhã de 25/10. No meio da tarde, de tão torturado, está morto. Se Foucault já pensava em suspender seu curso, não mais hesita em fazê-lo: em 27/10, irrompe uma greve na USP e ele lê um texto sobre o assassinato do jornalista, transformado em panfleto pelos estudantes. Em 31/10, está presente às exéquias de Herzog na Praça da Sé. Embora se considerasse, desde então, seguido pelas forças de segurança, Foucault permaneceu no Brasil até 11 de novembro. Sabe-se, hoje, que estava sob vigilância mesmo antes do envolvimento nos protestos. Documento obtido no Arquivo Nacional, oriundo do Serviço Nacional de Informações (SNI), assim registra sua presença na assembleia universitária: “O nominado ... pertence à corrente anti marxista conhecida na França como Democrata Socialista. Foi manobrado a tomar posição contrária ao governo, por Maria Sylvia de Carvalho Franco Moreira e Marilena Chauí, conhecidas pela ação esquerdista na Faculdade”. Soa no mínimo paradoxal perceber que enquanto a intelectualidade brasileira discute se Foucault é, ou não, marxista, o SNI se considere onisciente quanto às posições políticas por ele adotadas e disso se aproveite para condenar professores “esquerdistas” (Conde Rodrigues, 2015, p.32-33).

Em seu envolvimento com os protestos estudantis, Foucault mostrou-se solidário com os estudantes e intelectuais perseguidos pelo regime militar brasileiro. Isto fez com que, em suas demais entrevistas e palestras durante sua estadia no país em 1975, tivesse grande ressonância no cenário intelectual brasileiro. Foucault teve um grande impacto teórico sobre os pesquisadores brasileiros desde aquela visita em que esteve presente na USP, UNICAMP e UERJ (Corrêa, 2001).

Em 1976, Foucault visitou o Brasil pela última vez, passando por Salvador, Recife, Belém e Belo Horizonte. Por conta das repercussões geradas por sua visita no ano anterior, o filósofo francês foi vigiado de perto pelos militares. Neste período, os entrevistadores da imprensa sempre encontravam uma forma de relacioná-lo com o marxismo, além de haver uma vigilância excessiva de órgãos como o Sistema Nacional de Informações, que exigia a relação de presentes em suas palestras na Universidade Federal do Pará (Conde Rodrigues, 2015).

Atualmente, suas ideias ainda ecoam no cenário acadêmico brasileiro, seja pela Análise de Discurso ou pelas outras áreas que o autor é considerado um importante referencial teórico. Para Conde Rodrigues,

O Foucault-corpo não mais regressou a nosso país. Porém, [...] na segunda metade da década de 1970 já havia entre nós tanto um corpus bibliográfico crescente (Foucault & Deleuze, 1974; Foucault, 1977b; 1978a; 1978b) como uma série seja de passagens, seja de

entaves a seu pensamento, tanto no âmbito acadêmico quanto no extra-acadêmico (2015, p. 37).

No que diz respeito a Análise de Discurso franco-brasileira, Gregolin (2022) afirma que nos anos 80/90 haviam apenas duas vertentes dos estudos discursivos no Brasil, a Análise de Discurso francesa focada em Pêcheux e a Análise de Discurso semiótica greimasiana. Todavia, a autora ainda afirma que ao ser apresentada a teoria de Foucault, pela tese de Courtine, nasceu uma inquietude de compreender o lugar de Foucault na AD. Para ela,

Courtine trazia as propostas de Michel Foucault para o centro da AD francesa. Era a partir dele e da Arqueologia do Saber que Courtine discutia o conceito de enunciado, de formação discursiva, de memória discursiva... e abria para mim a possibilidade de pensar em uma "análise do discurso" com Michel Foucault. Entretanto, era apenas um vislumbre, minhas leituras de Foucault e de Pêcheux eram ainda incipientes e foi assim que apareceram no texto da minha tese de doutorado, em 1988. Foi preciso caminhar muito, depois do doutorado, para que algo começasse realmente a fazer sentido. Foram inúmeras leituras, durante a década de 1990 até chegar o momento de desconstruí-las para reorganizá-las. Para derrubar as leituras das prateleiras... permitam-me citar um texto que eu escrevi para o grupo de pesquisa em 2000, espécie de balanço das leituras daquele ano: "é preciso derrubar as leituras das prateleiras, à moda dos estabelecimentos comerciais –como meu pai fazia quando eu era criança. Lembro-me que a sua loja de calçados era, literalmente, desconstruída durante o feriado do final de ano: eu ficava olhando aquelas caixas coloridas, deslocadas das prateleiras onde jaziam em uma ordem rigorosa durante o ano todo, espalhadas pela loja... Derrubava-se a ordem implacável das prateleiras, suspendendo, momentaneamente, a lógica que as regia. Essa cena da desordem ficou fixada em minha memória, como um enclave. Já a ordem a que –logo depois do balanço –as caixas teriam que se sujeitar, dela não me ficou qualquer lembrança." (GREGOLIN, 2014). Foi assim, na tentativa de derrubar muitas leituras das prateleiras, que, no final dos anos 1990, iniciou-se a constituição do Grupo de Estudos em Análise do Discurso de Araraquara, o GEADA-UNESP, coordenado por mim e constituído por meus orientandos formais e informais. Posso afirmar, hoje, que começamos poeticamente, lendo o trabalho de Foucault (1968) sobre Magritte, mas logo impôs-se o desejo de "compreender Foucault" ou, mais modestamente, o de "compreender o lugar de Michel Foucault na AD francesa". O primeiro desejo logo mostrou-se impossível. Quanto ao segundo, penso que dedicamos vários anos a essa questão de Foucault e a análise do discurso francesa. (Gregolin, 2022, p. 25-26)

Partindo deste ponto, Gregolin aponta que o GEADA passou a focar nas primárias obras de Foucault, pois foi o "momento em que ele, mais fortemente, teorizou as questões sobre o discurso e a história" (Gregolin, 2022, p. 26). Para a autora, este foco nas primeiras obras do filósofo francês se dá pelo fato de que os analistas do discurso leem Foucault pela lente da linguagem. Para Gregolin,

No caso da nossa leitura dentro do GEADA –já que o objetivo era compreender o lugar de Foucault na AD francesa– além de entender sua proposta de "análise do discurso" era preciso compreender também as relações com os trabalhos de Michel Pêcheux. Por isso, nos primeiros anos, nossas leituras são atravessadas por esse tensionamento entre Pêcheux e Foucault; foi necessário construir esse lugar de diálogo pois ele ainda não existia no Brasil. Isso exigiu (em paralelo à leitura dos textos de Foucault) que fizéssemos um constante retorno aos textos de Michel Pêcheux, aos seus embates com Foucault no campo da leitura marxista –pela lente de Althusser –às suas recusas à leitura de um "marxista paralelo" e, finalmente, sua aproximação das ideias foucaultianas na "terceira época da AD" (via Courtine). No caso de Pêcheux, o próprio estabelecimento de seus textos foi um processo

difícil para nós pois a tradução e a circulação no Brasil não seguiram uma linha cronológica (Gregolin, 2022, p.28).

É das relações de leitura entre Pêcheux e Foucault, feitas por Gregolin desde seu doutorado, nos anos 80, até atualmente no grupo de estudos liderado por ela na UNESP de Araraquara, que a autora publicou, em 2004, “Pêcheux e Foucault: Entre diálogos e duelos” que trazia não apenas Foucault a vista da AD franco-brasileira, mas também o diálogo desses autores com Althusser e Courtine. Para a autora, este livro foi resultado de uma árdua pesquisa de mais de 20 anos e culmina nas divergências e convergências entre os dois teóricos franceses no campo da AD. A autora também afirma que sua obra gerou uma vasta discussão no campo da Análise de Discurso francesa, uma vez que as vertentes pêcheutianas, em um primeiro momento, negavam a relação entre Foucault e Pêcheux, mas Gregolin (2022) afirma que estas questões foram superadas no decorrer do tempo e da publicação de trabalhos que utilizavam os dois autores como escopo teórico, exemplo disso são as obras de Piovezani e Mazzola que serão analisadas posteriormente nesta dissertação, ambas orientadas pela autora.

De acordo com Gregolin, o GEADA iniciou um trabalho que se espalhou por diversas outras universidades Brasil afora. Mazzola (2014) logo na introdução de sua tese faz um levantamento dos grupos de estudos Foucaultianos presentes no Brasil que têm parceria com o GEADA, estes são:

- i. LABOR – Laboratório de Estudos do Discurso, Universidade Federal de São Carlos, coordenado pela Profa. Dra. Vanice Sargentini e Prof. Dr. Carlos Piovezani;
- ii. LIRE – Laboratório de Estudos Interdisciplinares das Representações do Leitor Brasileiro, Universidade Federal de São Carlos, coordenado pela Profa. Dra. Luzmara Curcino;
- iii. GEF – Grupo de Estudos Foucaultianos, Universidade Estadual de Maringá, coordenado pelo Prof. Dr. Pedro Navarro;
- iv. LABEDISCO – Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, coordenado pelo Prof. Dr. Nilton Milanez;
- v. LEDIF – Laboratório de Estudos Discursivos Foucaultianos, Universidade Federal de Uberlândia, coordenado pelo Prof. Dr. Cleudemar A. Fernandes;
- vi. GEDUERN – Grupo de Estudos do Discurso, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, coordenado pelo Prof. Dr. Francisco P. da Silva;
- vii. CIDADI – Círculo de Discussões em Análise do Discurso, Universidade Federal da Paraíba, coordenado pela Profa. Dra. Regina Baracuh;
- viii. TRAMA – Círculo Goiano de Análise do Discurso, Universidade Federal de Goiás, coordenado pela Profa. Dra. Kátia Menezes;
- ix. AUDiscurso – Laboratório de Estudos do Audiovisual e do Discurso, Universidade do Estado da Bahia, coordenado pela Profa. Ms. Janaína Santos;
- x. GEDAI – Grupo de Estudos Mediações, Discurso e Sociedades Amazônicas, Universidade da Amazônia, coordenado pela Profa. Dra. Ivânia Neves;
- xi. GPEA – Grupo de Pesquisas em Espacialidades Artísticas, Universidade Federal de Uberlândia, coordenado pela Profa. Dra. Marisa Khalil (Mazzola, 2014, p.16-17)

Todo o movimento do GEADA, liderado por Gregolin, fez com que, no contexto brasileiro, a autora pavimentasse o caminho que levou os seus leitores a ficarem próximos de questões fundantes na AD franco-brasileira com base não mais só em Pêcheux, mas também em Foucault e Courtine, em um trabalho em conjunto com todos os grupos de estudos citados acima.

Como veremos na tese de Mazzola (2014), as análises de obras de arte por Foucault fez com que Courtine trouxesse à vista do campo teórico da AD a análise de imagens e discursos não verbais por meio de suas leituras do autor. Uma vez que Gregolin traz seu primeiro contato com Foucault na AD pelo trabalho de Courtine e divulga os dois autores para a academia brasileira, pode-se considerar que a estudiosa também se torna a responsável por trazer ao vocabulário da AD franco-brasileira a noção de intericonicidade, por meio das leituras que ela e seus orientandos têm dos trabalhos destes dois autores. Além disso, como veremos neste trabalho, é pelas orientações de Gregolin que a teoria é posta em prática no contexto teórico, político e social brasileiro. Segundo a autora, o GEADA é responsável pela publicação de trabalhos de membros

voltados para a leitura de Foucault e suas problemáticas discursivas, mas cada um deles com formação e interesses heterogêneos. Em um primeiro momento, haviam vários integrantes da área de estudos literários e, por isso, foram realizadas várias pesquisas sobre o discurso literário, mas o discurso político e a mídia sempre predominaram. Essa é uma singularidade em um grupo de pesquisas voltado para a leitura de Foucault, porque os principais trabalhos foucaultianos adotam a perspectiva histórica de longa duração, situando-se, num primeiro momento entre a Idade Média e a Modernidade e, nos trabalhos finais, na história da sexualidade, fazem um recuo até a Antiguidade greco-latina. Diferentemente, nossos trabalhos sempre focalizaram a história do presente, a curta duração histórica, talvez como seqüela de nossa colonialidade... Afinal, o que há de mais atual do que a mídia ou o discurso político na mídia? Justamente, creio que a perspectiva do presente, da atualidade, da curta duração determinou que a mídia se tornasse um objeto privilegiado de nossas pesquisas (Gregolin, 2022, p. 29).

A partir disso, Gregolin (2022) discorre que, atualmente, há uma grande necessidade de se compreender o discurso político dentro das grandes mídias e a cultura do espetáculo, apresentada por Courtine em “deslizamento do espetáculo político”, principalmente no contexto brasileiro atual, em que as redes sociais são precursoras de fake news. É através deste pensamento que a autora indaga:

como se constrói a história na mídia? Como o discurso da mídia produz as verdades de um momento histórico? Como os discursos da mídia formatam as subjetividades em um momento histórico? Essas são questões seminais que acompanham nossos trabalhos sobre a mídia com a lente foucaultiana. Minhas pesquisas mais recentes se encaminham para o funcionamento dos discursos nas mídias digitais, particularmente focalizando a WEB como uma imensa heterotopia que produz, constrói e desconstrói corpos em subjetividades e (in)visibilidades [...] Michel Foucault nunca separou teoria e política, ao contrário, como leitor de Nietzsche, ele sempre repetiu que o saber é feito para cortar. Isso significa que ao adotarmos um ponto de vista teórico, estamos intervindo na história, intervindo na política. Como afirmou Foucault(2000),“a crítica é o movimento pelo qual o sujeito se dá o direito

de interrogar a verdade sobre seus efeitos de poder e o poder sobre seus discursos de verdade.”É nessa direção que tenho tentado caminhar, analisando as políticas da verdade do nosso momento histórico a fim de desconstruir esses discursos autoritários que negam a história e se esforçam para reescrevê-la a partir de seus próprios interesses (Gregolin, 2022, p. 30).

Dentro da AD franco-brasileira de orientação foucaultiana busca-se analisar principalmente os discursos políticos com interferência das mídias e da internet, a relação entre imagens e discurso pela noção de intericonicidade de Courtine, além dos efeitos de verdade que os discursos possam ter nestes contextos. Segundo a autora, trata-se

de analisar, neste momento político do Brasil, o que Foucault chama de “política geral de verdade”, isto é: a) quais tipos de discurso são aceitos e funcionam como verdadeiros? b) quais são os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros e os falsos e a maneira como se sancionam uns e outros? c) quais técnicas e procedimentos são valorizados para a obtenção da verdade? e d) qual é o estatuto daqueles que têm a função de dizer o que funciona como verdadeiro? Quando se vive sob um governo que quer fazer a sociedade retroceder em termos culturais, educacionais, civilizatórios, a leitura de Foucault sobre a produção e a circulação dos discursos de verdade é essencial pois são eles que comandam a produção das subjetividades (Gregolin, 2022, p.33).

Partindo dos pontos supracitados, compreende-se que, atualmente, a análise de discurso franco-brasileira de orientação Foucaultiana tem como principal referência Gregolin e os teóricos que participam do GEADA sob suas orientações, além dos diversos grupos de estudos foucaultianos Brasil a fora que publicam regularmente seus trabalhos dentro da vertente.

Pensando nisso, nas próximas seções será feito um aporte da teoria da intericonicidade pensada por Courtine. A partir disso, serão analisados os artigos “O Acontecimento Discursivo na Mídia: Metáfora de uma Breve História do Tempo”, “Análise do Discurso e mídia: a (re)produção de identidades”, de Maria do Rosário Gregolin, a tese “Discurso e imagem: transformações do cânone visual nas mídias digitais”, de Renan Belmonte Mazzola, e o livro “Verbo, corpo e voz: dispositivos de fala pública”, de Carlos Piovezani, advindo de sua tese. Ambas as obras foram orientadas por Maria do Rosário Gregolin e por meio destes dois textos objetivamos compreender a consolidação dos estudos da intericonicidade no Brasil mediados pela autora.

3 A IMAGEM COMO FONTE DISCURSIVA E O SURGIMENTO DA TEORIA DA INTERICONICIDADE

Este capítulo objetiva compreender a historicidade e linha temporal em que foi proposto a inserção da análise de discursos não-verbais, especialmente de imagens midiáticas, dentro do escopo teórico da Análise de Discurso. Mais especificamente, iremos abordar como Jean-Jacques Courtine propôs a teoria da intericonicidade e como a criação da imprensa foi fundamental para o desenvolvimento deste conceito na AD.

De acordo com Stube, Ferreira e Prigol (2023, p. 7-8), em 1980, no Colóquio Materialidades Discursivas, ocorrido na Universidade de Paris X Nanterre, autores como Courtine, Pêcheux, Gadet e outros se uniram para discorrer sobre, como o próprio nome menciona, as materialidades discursivas e sua heterogeneidade. Esta, segundo Pêcheux, ocorre por conta da relação irreduzível entre história, língua e inconsciente. Todavia, este debate sobre heterogeneidade dentro da materialidade discursiva não cessou no colóquio francês, estando presente também no colóquio Papel da Memória e na obra “O Discurso: estrutura ou acontecimento”, de Pêcheux, sendo estes dois momentos fundamentais para a inserção das questões sobre materialidades diversas na AD.

O colóquio Papel da Memória rendeu um livro de mesmo nome. Nesta obra, há um agrupamento de artigos escritos por Davallon, Achard, Durand e Pêcheux que foram apresentados na mesa redonda “Linguagem e Sociedade” do evento. O livro traz à vista do campo teórico da AD uma discussão sobre as diferentes formas em que as relações entre língua e história interferem nos diferentes aspectos em que a memória se materializa no discurso. Estas discussões abriram portas para que a criação da mídia e, com isso, as diferentes discursividades apresentadas por ela, se tornassem fontes de inspiração para o debate da heterogeneidade na materialidade do discurso.

3.1 DAVALLON E A NECESSIDADE DE ENTENDER AS IMAGENS COMO FONTE DE MEMÓRIA SOCIAL

Davallon (1999) propôs na mesa redonda “Linguagem e Sociedade” um debate sobre o deslocamento que ocorreu na memória coletiva a partir do momento em que a sociedade passou a ter contato com discursos midiáticos que uniam imagem e som. Este debate resultou em um capítulo do livro “Papel da memória”, publicado juntamente aos outros participantes da mesa redonda.

Neste capítulo do livro, o autor debate sobre como o surgimento da imprensa gerou um desaparecimento da arte da memória antiga, uma vez que os meios de impressão ou digitais passaram a ter um acervo das imagens televisionadas ou publicadas. Como efeito desta ação, Davallon (1999) defende que a memória coletiva passou a ser uma memória digital, já que os arquivos da mídia podem recuperar saberes e eventos eficientemente, deixando de ser necessário armazenar memórias na mente dos indivíduos.

Este movimento criado pelos veículos de comunicação, mas que pode ser aplicado efetivamente no uso descabido de smartphones na atualidade, gera um questionamento por parte do autor. Portanto, Davallon (1999) passa a indagar se esse registro da realidade é suficiente para criar uma memória social efetiva. Além disso, interroga se a criação dessa memória social com uma visão tecnicista pode afetar diretamente a formação dessa memória, e se poderá manter uma coesão social nas relações institucionais e políticas, já que o autor defende que a memória social não se constitui apenas do registro de acontecimentos, mas também envolve uma dimensão simbólica e semiótica, nas quais a significação e a função social são imprescindíveis para a estruturação do tecido social (Davallon, 1999).

A memória social é definida por Davallon (1999) de acordo com os textos de Halbwachs. Para o autor, a memória é algo que sai da insignificância e toma o lugar de algo a ser lembrado dentro da consciência de um grupo. Este grupo é fundamental para a constituição da memória, uma vez que é a partir dele que se cria uma dependência entre a vivacidade dos eventos e o compartilhamentos de dados e noções em comum dos membros da comunidade social. O grupo mantém vivas apenas as memórias que interessam a ele e quando um grupo desaparece, suas memórias vão junto dele.

Por sua vez, a história é definida por Davallon (1999) como uma narrativa que resiste ao tempo e que desvia-se da relevância criada pelo grupo imediato que o vive. Para o autor, a história vai além da vivência de um grupo, mas refere-se a um compilado de conhecimentos que é formalizado e contínuo. Portanto, ao pensar no conceito trazido por Davallon (1999) sobre história e memória, é possível inferir que a relação entre eles não é de antagonismo, mas sim de complementaridade. Tanto a história, quanto a memória, são fundamentais para a construção de uma memória social e para o controle dos objetos culturais (Davallon, 1999).

Davallon (1999) aponta que a imagem produzida pela imprensa pode moldar a percepção coletiva de um evento. Dito isso, o autor argumenta que a imagem sempre foi fonte de representação da realidade e cita o exemplo das pinturas oficiais dos reis, que representam um poder absoluto. Em

tempos atuais, o autor aponta que pode-se pensar na imagem divulgada para fins publicitários que gera uma memória social em volta do consumo de algum produto. Pensando neste ponto, Davallon (1999) apresenta a importância de se compreender a imagem como fonte de produção cultural e eficácia simbólica.

Ao analisar uma imagem, não podemos focar apenas no que ela representa ou na informação que oferece, mas também em não isolá-la do dispositivo cultural que irá regular a recepção e interpretação dela. Portanto, a imagem torna-se fonte de significados e experiências simbólicas. Em vista disso, a imagem pode ser compreendida em dois níveis: semiótico e semântico. O nível semiótico diz respeito ao reconhecimento das unidades de significação e a percepção dos códigos na imagem presentes. Por sua vez, o nível semântico refere-se à compreensão do nível global da imagem. Portanto, a interpretação de uma imagem é um processo ativo e subjetivo, que pode ser influenciado pela forma em que a imagem é apresentada, resultando em um processo de compreensão dos símbolos similar à recitação de um mito ou um ritual que seguirá o padrão estabelecido pelo dispositivo da imagem (Davallon, 1999).

A imagem, para Davallon (1999), pode desempenhar uma função de operador da memória social e pode gerar um consenso visual e uma comunidade de olhares compartilhados. Observa-se este fenômeno ao concluir que a imagem define posições de interpretação que o espectador possa ter, possibilitando que ele entenda e dê sentido ao que vê e isto gerará um acordo entre os diferentes observadores. Estes conceitos são postos em cheque quando se pensa na função que a mídia pode ter na criação de um arquivo de eventos históricos. Uma vez que essa memória se mantém armazenada no digital, mesmo após o grupo que deu relevância a ela deixar de existir, toda relação de memória coletiva e social sofre um deslocamento. Este movimento é o que Davallon (1999) propõe como fator de transformação no discurso.

A partir disso, o autor defende, na conclusão do texto, que há a necessidade de se apropriar das discursividades que a mídia pode enunciar através de uma investigação de como a imagem opera na construção da memória interna, que é individual e grupal, e da memória externa, que é representada pelos objetos culturais. Para tal, Davallon (1999) aponta que esta investigação deverá explorar as estruturas mentais e a psicologia histórica para entender plenamente o papel que a imagem desempenha na memória social.

Naquele mesmo período, Courtine soube aproveitar este gancho teórico dentro da AD e passou a pesquisar a mídia e suas imagens como fonte da análise de discurso, trazendo à vista do

campo teórico da AD mais um deslocamento ocasionado pelas novas materialidades discursivas geradas pela criação da imprensa.

3.2 COURTINE E A NOÇÃO DE INTERICONICIDADE

Jean-Jacques Courtine é francês de nascença e foi telespectador e ator na consolidação da análise de discurso como campo de estudos das ciências humanas e da linguagem nas universidades da França. Por meio de referências como Foucault e Pêcheux, Courtine propôs um estudo do discurso baseado nas análises semânticas e semióticas dos enunciados, por meio de um caminho já previsto por Davallon (1999) e, com isso, tomou como ponto de partida a análise de discursos não-verbais. Porém, não apenas destes conceitos vive a teoria courtineana. Para o autor, a história é fundamental e, apesar de ser linguista de formação, foi dentro do campo da história, da antropologia social e dos estudos do corpo que ele se consolidou como professor e pesquisador, tornando o caráter de entre-meio da análise de discurso cada vez mais presente em seus escritos.

Em entrevista concedida à Nugara (2010) Courtine descreve que a sua experiência inicial com a AD se deu no momento de efervescência acadêmica da disciplina na França, que passava pela influência de Michel Pêcheux. Todavia, Courtine acreditava que as vias tomadas pelo autor não deveriam ser as mesmas que a sua e passou a traçar seu próprio caminho na disciplina. Durante a escrita de sua tese, Courtine começou a se interessar por Foucault, especialmente pela ideia de que os discursos também são visuais, o que influenciou diretamente a sua relação com a AD. Nesta mesma entrevista, Courtine relata que sua identidade teórica possui uma grande influência do pensamento foucaultiano. Entretanto, ele nunca se viu como pertencente a uma rede disciplinar específica e isso fez com que ele caminhasse por um “nomadismo intelectual”. Por conta deste sentimento de nunca estar plenamente confortável em uma única disciplina, Courtine afastou-se da AD e da linguística e atualmente, está mais próximo da história e da antropologia. Seu foco teórico está nas análises das representações culturais e históricas, incluindo a questão da virilidade e dos corpos no discurso. Esse nomadismo foi amplamente influenciado pela sua curiosidade intelectual e pela influência que Foucault teve sobre seu percurso acadêmico.

Desta influência, Courtine (2016) reconhece que a obra “Arqueologia do saber” desempenha fundamental papel na compreensão da AD, ainda mais no que diz respeito à contradição como princípio de historicidade do discurso. Segundo o autor, Foucault vê esta contradição como indispensável e inerente ao discurso, ela não deve ser eliminada da análise, mas sim compreendida como a lei que rege a sua existência. Segundo Courtine (2016), a contradição proposta por Foucault

é a responsável pelo discurso mudar e se transformar ao longo da história e este deve ser o princípio seguido pela AD em suas investigações.

Em 2016, Courtine publicou o artigo “Definição de orientações teóricas e construção de procedimentos em Análise do Discurso” pela revista *Policromias* da UFRJ. O autor apresenta neste texto um aporte dos principais conceitos que a AD possui, de acordo com seus princípios teóricos. Para ele, o discurso é um objeto específico que não deve ser reduzido a uma simples análise linguística ou dissolvido na perspectiva histórica da ideologia. De acordo com Courtine (2016), a língua e a ideologia veem no discurso um ponto de encontro no qual as contradições ideológicas se manifestam e se materializam. A materialidade discursiva, por sua vez, diz respeito à ordem do discurso - o que é diferente da ordem da língua -. Courtine (2016), defende que a materialidade discursiva representa os efeitos causados por esta contradição da ideologia no interior da língua. Para ele, o discurso se materializa por meio dos efeitos de sentido que emergem nas relações entre as formações discursivas. Os efeitos de sentido, por sua vez, são produzidos no discurso por meio das formações ideológicas e da língua, neste a disputa de significados é vista pelo contexto das contradições e alianças que se formam entre as formações discursivas.

Portanto, Courtine (2016) argumenta que todo discurso é concreto e duplamente determinado entre língua e ideologia, sendo estas indistinguíveis e entrelaçadas. Quanto à relação que a língua possui com a história, Courtine (2016) argumenta que ela é responsável pela mediação entre as formações ideológicas e as formações discursivas. Esta interdisciplinaridade presente na AD, conforme Courtine (2016), não pode limitar-se a uma justaposição das diferentes disciplinas que cercam esta área do saber, mas sim o resultado de um trabalho prático e teórico que coloquem em prática essas teorias obtendo o discurso como objeto. Apesar de reconhecer a aliança Marx-Freud-Lacan-Saussure que compõem a AD, Courtine adverte que essa articulação entre as teorias só faz sentido se for pensada através da materialidade do discurso e não como uma solução teórica pré-determinada.

O sujeito para Courtine (2016) é constituído dentro de uma contradição, já defendida por ele por meio de Foucault. Portanto, o sujeito enunciador, ao se identificar com o sujeito universal de uma formação discursiva, é constituído ideologicamente nesse processo. A posição sujeito, entretanto, é conceituada pelo autor como um local de conflito dentro do discurso.

Outro importante ponto abordado no artigo é a conceituação de enunciado, na perspectiva da AD. Para Courtine (2016), o enunciado não é uma proposição lógica ou uma estrutura baseada em regras gramaticais e semânticas, pelo contrário, o autor define enunciado como algo que existe fora

das estruturas linguísticas tradicionais e rejeita a ideia de que o enunciado possa ser reduzido a um conjunto de regras ou valor de verdade. Por isso, o autor defende que a análise de discurso é um lugar de materialização das formas discursivas e não se preocupa com significações ou referências em termos lógicos. Em resumo, Courtine (2016) aborda no artigo que a AD é uma manifestação concreta do saber de uma formação discursiva.

Pensando na necessidade apontada por Davallon no colóquio *Papel da Memória*, posteriormente publicado no livro de mesmo nome, e nas contradições que os analistas de discurso geraram ao basear-se na teoria foucaultiana, Courtine (2011) passa a pôr em prática um pensamento da imagem como fonte de materialidade discursiva. Apesar de não deixar este ponto claro em sua obra “*Decifrar o corpo: pensar com Foucault*”, é possível compreender a inquietude e anseio do autor em propor uma teoria que tomasse as imagens como parte da sua arqueologia. Milanez (2015) aponta que ainda em 1980, ao defender sua tese no colóquio *Materialidades Discursivas*, Courtine já propunha discussões sobre quais seriam os objetos de análise da AD dado o seu caráter híbrido entre as ciências humanas e da linguagem.

Para compreender os caminhos que levaram Courtine à criação da intericonicidade, necessitamos retomar ao colóquio *Materialidades Discursivas*. Neste evento, o autor fez uma árdua crítica à rigidez da AD de limitar-se a uma abordagem estritamente linguística. Para o autor, manter a teoria inserida em apenas uma área faria com que a complexidade do discurso não fosse articulada adequadamente. Por isso, Courtine foi um grande defensor de incorporar conceitos das ciências humanas para que os analistas de discurso dessem conta de compreender a complexidade do discurso. Apesar deste colóquio estar focado nos aspectos verbais e linguísticos do discurso, havia discussões sobre a interação das disciplinas na AD e como o discurso também se manifestava por meio da história, da língua e do inconsciente (Milanez, 2015).

Pensando nisso, Courtine propôs neste evento que o discurso, além de incorporar conceitos da história, passasse a entender a materialidade das imagens como parte da materialidade discursiva, estabelecendo que a língua não era a única forma de materializar o discurso, entrando em consonância com a proposta de Davallon (1999) citada anteriormente. Em “*Decifrar o Corpo: pensar com Foucault*”, Courtine (2011) traz uma discussão sobre este ponto. Para ele, o discurso nunca se limitou às questões linguísticas dos enunciados, mas apresentou uma necessidade de abordar também o que não é linguístico no discurso. Esta inquietação do autor pode ter sido uma das responsáveis por ele pensar na imagem como forma de materialidade discursiva, já que Courtine menciona na obra que “nada poderia confundir o discurso e o texto”, demonstrando que os dois não

são sinônimos. O autor defende seu ponto de vista argumentando da seguinte forma: “o que eu analiso no discurso não é o sistema de sua língua, nem, de uma maneira geral, as regras de sua construção. É a partir da reconstrução histórica das formações discursivas, e a partir delas somente, que se deixam descobrir estas “formas indefinidamente iteráveis” que são os enunciados” (Courtine, 2011, p. 20).

Vimos anteriormente que Davallon (1999) defendia que a criação da mídia gerou um deslocamento nos discursos. Courtine (2011, p. 28), por sua vez defende que

mutações maiores afetam a palavra pública contemporânea à medida que está se encontrava conquistada pelo irresistível apetite de crescimento do mercado e por sua ideologia de defesa do consumidor. E que disso resultou uma inundação de discursos “líquidos”, para usar a expressão de Zygmunt Bauman, efêmeros, voláteis e descartáveis, onde as longas e laboriosas demonstrações dos programas compactos de ontem de degradar em fórmulas e se disseminavam em imagens. Estas discursividades novas implicam modos de produção, de circulação e de recepção que quase não podiam mais deixar-se compreender exclusivamente a partir das palavras e das formas sintáticas. Em consequência, pareceu-me, se o projeto de uma análise dos discursos que devolve à discursividade sua densidade histórica devesse ser perseguido, ele não poderia fazer economia da análise de representações feitas de discursos, de imagens e de práticas. A circulação contemporânea de palavra pública é, para falar como Marcel Mauss, um “fato social total”, do qual nenhum aspecto deveria ser negligenciado se realmente se pretende compreender aquilo que nele está em jogo. Fato social extremamente complexo, em suma, cuja análise do discurso à antiga quase não saberia, por causa da restrição linguística de seu campo prestar verdadeiramente contas: ali os discursos são imbricados em práticas não verbais, ali o verbo não pode mais ser dissociado do corpo e do gesto, ali a expressão através da linguagem se conjuga com a expressão do rosto, de forma a não ser mais possível linguagem e imagem.

Esta nova forma de análise necessitava compreender a imagem como parte do discurso, porém a AD como estritamente linguística não dava conta de aportar todas essas novas necessidades teóricas que foram geradas pela análise dos discursos da mídia. Para Courtine (2011, p. 35), as transformações sofridas pelo discurso fez com que este campo teórico fosse se atualizando. Ele argumenta que antes da criação da mídia o discurso se materializava através da voz e dos órgãos vocais. Mas, a partir do momento que novos meios de comunicação foram surgindo, o discurso passou a se materializar também por meio de aparelhos eletrônicos, estes tornando-se uma parte tão importante para a compreensão do discurso e de seus sentidos quanto a voz.

Davallon (1999) apontou em seu texto um importante motivo para tomar as imagens como parte das análises da AD, todavia a necessidade da criação de uma teoria que utiliza as imagens como fonte de materialidade discursiva não vem apenas do deslocamento que a criação da mídia gerou na AD apontada pelo autor, mas também de uma inquietude de Courtine com a relação paradoxal entre ente Foucault, o conceito de arquivo e a Ordem do Discurso. Para Courtine (2011), os arquivos não poderiam ser confundidos com discursos e os discursos não poderiam ser

confundidos com textos. Portanto, há a necessidade de pensar em uma materialidade discursiva que vá além destes conceitos e, por conta desse pensamento, o autor propõe o uso das imagens e dos textos em conjunto. Para o autor,

Existe realmente, no entanto, alguma coisa que dá este conjunto textual e iconográfico, disperso ao longo de três séculos numa miríade de gêneros, de instituições de locutores e de práticas, uma unidade. Um fio tênue, mas tenaz, que atravessa e tece a teia das palavras e das imagens, um discurso “transverso” indefinidamente iterado, que permite “enunciações as mais dispersas” no seio deste amplo corpus: este fio “interdiscursivo”, é o da formação discursiva ela mesma, este paradigma da expressão que atravessa as textualidades da Idade Clássica, as religa, as ordena, garante a passagem de uma à outra, prestando assim contas simultaneamente da unidade e da dispersão de uma parte inteira de saberes que, entre os séculos XVI e XVII, exprimem o vínculo entre o corpo e a alma, a aparência e a interioridade do sujeito. De modo algum esta formação discursiva se encontra em estado natural à superfície dos textos; ela não se confunde com uma gênero de discurso que uma classificação da época teria preestabelecido; ela não é uma expressão de um século, ou de um período, muito menos de um autor. Sua configuração de conjunto, sua duração e desdobramento no tempo, as unidades que a compõem e que são outros tantos vestígios que ela deposita ao longo dos textos e das imagens, tudo isso precisa ser construído. Então, e somente então, podemos nos situar verdadeiramente no domínio do discurso, no âmago de sua “arqueologia” (Courtine, 2011, p. 22).

Com isso, foi possível compreender que ao propor a teia de significações que as imagens poderiam gerar ao discurso, o autor passou a defender o conceito de intericonicidade. Para ele, assim como o discurso verbal, as imagens também possuíam uma repetição que se reconfigurava, se sobrepunha e se repetia ao longo do tempo. Courtine defende que para analisar este campo não-verbal do discurso havia uma necessidade de levar em conta estes aspectos de repetição e sobreposição de imagens junto aos seus significados históricos. Este movimento do autor gerou um deslocamento na análise de imagens, levando a uma nova abordagem que considerava a materialidade histórica e como elas evocam significados por meio da interconexão com outros discursos, sendo estes verbais ou não.

Se pensarmos que “o discurso é o conjunto das significações coercivas e constrangedoras que perpassam as relações sociais” (Courtine, 2011, p. 24) há um sentido em tomar o não-dito e o não-verbal como fonte de materialidade discursiva, uma vez que a nossa sociedade, ao não limitar-se aos discurso verbais, também atribui significado e sentido às imagens e gestos. Para defender o caráter histórico e social do discurso, além do linguístico, Courtine (2011, p.25) aponta que

O discurso foi assumido como objeto linguístico, ao passo que ele não é [...] O discurso deve ser compreendido a partir daquele que Foucault denomina “dispositivo”, isto é, de um conjunto heterogêneo de instituições e de leis, de coisas e de ideias, de atos e de práticas, de palavras e de textos, de ditos e de não ditos. O discurso ele mesmo é imanente ao dispositivo que se modela sobre ele e que encarna na sociedade; o discurso faz a singularidade (histórica), a estranheza de época, a nova tendência local do dispositivo. É um

“terceiro elemento”, uma “diferença última” que, para além das coisas, “impregna” os elementos heterogêneos do dispositivo que lhe dá uma existência material e histórica. É, pois, sobre a existência e a análise de dispositivos que deságua está interrogação sobre o uso do discurso junto a Foucault: sobre a análise de redes de elementos heterogêneos, apoiados sobre determinados saberes e produzindo outros, exercendo a “função estratégica dominante” de um poder, tais como os dispositivos de controle e de sujeição da loucura, ou ainda os “biopoderes” que constituem as tecnologias da população para retomar os clássicos exemplos foucaultianos. [...] não existe discurso fora dos dispositivos, e dispositivos sem discurso.

A partir deste pensamento, Milanez (2015) argumenta que Courtine desenvolveu a noção de intericonicidade tendo como ponto de partida as filiações teóricas que entrelaçaram aos pensamentos saussurianos e foucaultianos. Para o autor, a relação com Saussure se estabelece pelo caráter do linguista de fazer relações e combinações entre elementos linguísticos, como um método para revelar “textos ocultos” dentro de outros textos e encontrar sentidos e significados não explicitamente declarados.

Há outra importante teoria que foi um pilar para a criação da intericonicidade: a semiologia. Existem duas grandes tradições no que se diz respeito a esta teoria. A primeira trata de uma semiologia de inspiração saussuriana, que se desenvolveu a partir do estruturalismo contemporâneo, do “curso de linguística geral” e da proposta da criação da ciência dos signos, para entender a vida dos signos dentro da vida social. A segunda diz respeito à semiologia dos indícios, que é mais antiga e está ligada à medicina e à história da arte. Nesta vertente, a semiologia se configura por meio de observações de detalhes e a interpretação intuitiva de indícios por meio de um observador. Alguns importantes nomes utilizavam este método em suas análises, como é o caso de Freud. Como forma de diferenciar estas duas tradições é possível afirmar que a semiologia saussuriana é formal, sistemática e focada na desmaterialização e abstração dos signos linguísticos, enquanto a semiologia de indícios é antropológica, intuitiva e baseada na observação de detalhes. Apesar da existência destas duas tradições da semiologia, Courtine (2011) defende que seus escritos estão pautados pela semiologia dos indícios, dado a valorização que o autor dá à capacidade de preservar a densidade antropológica e a profundidade histórica dos fenômenos humanos. Além disso, o caráter estritamente linguístico da semiologia saussuriana fez com que o teórico se afastasse dessa abordagem.

Ainda sobre suas vertentes teóricas, as conexões entre Courtine e Foucault são estabelecidas pela importância que Courtine dá aos enunciados e às imagens, trazendo ao seu escrito a ideia de que um enunciado sempre está rodeado por outros enunciados e práticas discursivas. Courtine adota este aspecto para a intericonicidade ao buscar entender como as imagens e seus discursos se sobrepõem e se relacionam no decorrer do tempo. Para Milanez (2015), a intericonicidade se

configura como uma extensão do método foucaultiano da análise discursiva e se baseia na ideia de que o discurso e as imagens não existem separadamente, mas sim, como já mencionado anteriormente, estão conectados por uma teia de repetições e sobreposições que formam um campo enunciativo interligado.

Destas filiações teóricas, Courtine (2011) passou a questionar alguns mal-entendidos gerados pela análise linguística do discurso em relação aos escritos foucaultianos. Para o autor, a AD francesa adotou as ideias de Foucault de modo equivocado, se enganando sobre os conceitos de “discurso” e “formação discursiva”. Segundo Courtine (2011), Foucault estabelece que o “o enunciado não é nem a frase, nem a proposição, nem o ato de linguagem” e isso indica que, para o filósofo, o discurso não é puramente linguístico, mas como a AD francesa, naquele período, tinha uma forte filiação à linguística este aspecto era frequentemente desentendido pelo campo teórico. Para Courtine, o discurso pensado por Foucault, deve ser interpretado como algo que transcende a estrutura da linguística e deve inserir em seus estudos propriedades discursivas que não são reduzidas a frases e textos. O autor também compartilha em sua obra “Decifrar o Corpo” sua experiência pessoal com o próprio Foucault, que ao ser sua companhia em uma viagem de trem demonstrou ceticismo à inserção de suas ideias exclusivamente no campo linguístico, sendo defensor da distinção entre enunciado e estrutura linguística.

Para Courtine (2011), uma das formas de não limitar-se ao linguístico é remontar a análise para uma reconstrução histórica das formações discursivas para suprir a necessidade de considerar elementos linguísticos e não linguísticos para a compreensão de um enunciado. Outro ponto defendido por Courtine, através de leituras de Veyne e Agamben, é a importância de compreender o discurso em contrapartida aos dispositivos. Vale lembrar que dispositivos são o conjunto heterogêneo de leis, instituições, práticas e outros que moldam uma sociedade.

Em resumo, Courtine (2011) defende que o discurso não é apenas o que se diz, mas também o que se faz, suas práticas, comportamentos, gestos e um compilado de elementos, sejam eles verbais ou não, que moldam os enunciados. Para compreender essa complexidade, o autor argumenta que é necessário estar a par das sutilezas e ideias de Foucault, já que o discurso não deve ser reduzido ao texto ou ao linguístico, o autor defende que a AD deve considerar o contexto histórico, as práticas sociais e os dispositivos que moldam os discursos. A grande problemática apontada por Courtine, quanto à exclusividade linguística da AD empreendida na França, se configura na concentração de aspectos puramente linguísticos e pelo fato de ignorar a riqueza

histórica e antropológica dos discursos. Para o autor, a partir do momento que o texto se insere em um contexto, este deixa de ser uma unidade linguística.

De acordo com Milanez, para compreender a intericonicidade pensada por Jean-Jacques Courtine, devemos primeiro entender as noções de interdiscurso na AD, pensadas por Michel Pêcheux. Segundo o autor,

A questão que envolve a noção de intericonicidade, desenvolvida por Jean-Jacques Courtine, remonta à efervescente época dos estudos do discurso no final dos anos 1960. Dessa forma, o conceito de interdiscurso faz parte para a compreensão do conceito de intericonicidade (Milanez, 2013, p. 346).

Portanto, retomamos a Pêcheux (1997), que afirmava que o interdiscurso é um discurso-transverso que estabelece uma relação entre discursos já constituídos. Desta forma, pode-se compreender que o interdiscurso é a relação de sentido que o ‘já-dito’ estabelece com o ‘dito’ na criação de uma memória discursiva (Orlandi, 1999, p.29).

Para Orlandi (1999, p. 30), o dizer não é uma propriedade particular, ele significa pela história e pela língua. Segundo a autora, apesar do sujeito dizer, pensar e saber, ele não tem controle dos efeitos de sentido que seu discurso pode ter, pois este é influenciado pela memória discursiva. De acordo com ela, há sempre um sentido mais forte que vem pela memória e pelas filiações de sentido constituídos em outros dizeres. Isto é a intertextualidade.

A intericonicidade, por sua vez, estabelece uma relação de sentidos entre imagens através da memória (Courtine, 2011). Segundo Milanez (2013, p. 347), “a imagem não existe da mesma forma que a língua. Precisa [...] de uma noção que dê conta dessa abertura”. Para Foucault, as imagens representam ideias anteriormente transmitidas pelas palavras e pela memória coletiva, e isto influenciará na interpretação destas pelo sujeito.

Partindo desse pressuposto, Kogawa (2013, p. 341) aponta que Courtine se estabelece em uma relação entre as teorias de Foucault e Barthes para constituir a noção de intericonicidade dentro da análise de discurso. Para o autor francês, a imagem não deveria se encaixar em um modelo de análise verbal, pois possui suas próprias formas de significar e criar sentidos, aí está a sua crítica à Barthes, já ele analisava as imagens a partir de um modelo linguístico inadequado e quase saussuriano, na opinião de Courtine. Apesar disso, Courtine (2011) reconhece a importância dos pensamentos de Barthes e as suas intuições valiosas sobre a imagem, apontando conceitos chave como “terceiro sentido” e “punctum”, que se configuram mais pelo cunho psicanalítico do que linguístico.

Ao ponderar que as teorias existentes no seu campo teórico limitavam a análise dos ícones em algum ponto, Courtine (2011) passou a propor uma metodologia da AD que analisa a imagem dentro do modelo discursivo e que coloca a imagem e o discurso em encontro. Para o autor, a memória discursiva possui uma grande importância neste processo, pois ele propõe que não existem discursos que sejam interpretáveis sem uma referência anterior. Assim, o autor defende que não existe a compreensão das imagens sem que ela esteja inserida em uma cultura visual que faz parte de uma memória visual, já que nenhuma imagem externa ou interna existe isoladamente e sempre evoca uma outra imagem, seja ela vista ou imaginada. Portanto, Courtine (2011) defende que a análise dos ícones deve considerar o catálogo memorial das imagens dos indivíduos, isso inclui seus sonhos e fantasias, pois a genealogia das imagens de nossa cultura pode ser reconstruída com rastros deixados por outras imagens que estão no nosso imaginário.

Ao pensar na teoria da intericonicidade, o principal objetivo de Courtine foi propor um método que contribuísse para a antropologia histórica das imagens, mas que também funcionasse como forma de arqueologia do imaginário humano. Além disso, a intericonicidade pode contribuir para a compreensão dos efeitos da globalização nas representações culturais.

Os pensamentos de Courtine (2011) sobre a memória das imagens e o conceito de intericonicidade traz à vista do campo teórico não apenas da Análise de Discurso, mas também das Ciências Humanas e da Linguagem, questões aprofundadas de como as imagens se relacionam entre si em diferentes contextos históricos e culturais. Desta forma, Courtine (2011) parte da ideia de que as imagens não são apenas fontes de representação de fatos ou acontecimentos, mas também remetem a outras imagens e, a partir destas ligações, é criada uma rede de memórias visuais. Esta memória é construída por meio de reminiscências pessoais e coletivas e criam um tecido complexo de significados. Através deste entendimento, Courtine (2011) defende que a intericonicidade é um dos pilares da cultura visual contemporânea, tornando-a fundamental para uma via de compreensão do processo que faz com que as imagens adquiram camadas de significados ao longo do tempo.

Para o autor, as tecnologias contemporâneas amplificaram o poder de significação das imagens e isso fez com que elas se tornassem ainda mais penetrantes e onipresentes. Esse processo gera novos paradoxos, já que as imagens ganham vida própria e transformam-se em símbolos dotados de significados variados ao atravessar diferentes culturas e contextos. Portanto, Courtine (2011) compreende a imagem como objetos de memória própria, que não são representações exclusivas do presente, mas também remetem ao passado e se conectam com outras imagens criando uma rede complexa de intericonicidade.

Em conclusão, a concepção de discurso que Courtine segue está inteiramente ligada à ideia Foucaultiana da arqueologia do saber, no qual o discurso não se limita ao texto, mas aborda todos os materiais da história. Portanto, na visão do teórico, a AD deve contar com uma vasta gama de fontes e práticas para além da textual. Esse aporte da ampliação na noção de discurso é fundamental para a abordagem histórica e genealógica do autor e é o que o diferencia da abordagem mais tradicional da AD.

A teoria courtineana adentrou ao Brasil em diversos espaços das universidades brasileiras, todavia daremos destaque nesta dissertação à influência que o Grupo de Estudos de Análise de Discurso de Araraquara (GEADA) dá às discussões propostas pelo pesquisador em seus escritos. A partir disso, na sequência do trabalho serão abordadas importantes publicações do grupo que trazem a vista do campo teórico brasileiro a teoria de Courtine.

4 MARIA DO ROSÁRIO GREGOLIN E A INTERICONICIDADE NO CAMPO DO SABER DA ANÁLISE DE DISCURSO EMPREENDIDA NO BRASIL

O presente capítulo objetiva compreender o papel da intericonicidade dentro dos escritos da professora pesquisadora Maria do Rosário Gregolin, tendo como ponto de partida os artigos “O Acontecimento Discursivo na Mídia: Metáfora de uma Breve História do Tempo” presente no livro “Discurso e Mídia: A Cultura do Espetáculo”, organizado pela autora em 2003, e “Análise do Discurso e mídia: a (re)produção de identidades” publicado pela autora na Revista Comunicação, Mídia e Consumo do PPGCOM-ESPM.

A escolha deste arquivo se justifica pelo objetivo desta dissertação de compreender a entrada dos estudos da intericonicidade dentro da análise de discurso franco-brasileira partindo do pressuposto de que Gregolin foi uma precursora da teoria em solo brasileiro. Além disso, os escritos selecionados fazem relação com o tema das dissertações que serão posteriormente analisadas, para compreender como os pensamentos da autora são mediados por seus orientandos no Grupo de Estudos em Análise de Discurso de Araraquara (GEADA).

A professora pesquisadora Maria do Rosário Gregolin é docente em Análise de Discurso no departamento de Linguística da Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) e nesta instituição lidera o Grupo de Estudos em Análise de Discurso de Araraquara (GEADA). A pesquisadora formou-se em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Jaú, tornou-se mestre em teoria e história da literatura pela UNICAMP e doutorou-se em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP.

Foi por meio de seu contato com Orlandi que Gregolin aproximou-se do campo do discurso nos anos 70, logo quando a disciplina chegou ao Brasil. Apesar de começar seus estudos por Pêcheux, Gregolin logo encontrou-se com os escritos de Foucault e filiou-se ao pensamento do autor, sendo uma grande precursora de seu trabalho no Brasil. O seu contato com a teoria pecheutiana abriu portas para que a autora conhecesse os escritos de J-J Courtine e não demorou muito para que adquirisse em seu repertório teórico as noções de intericonicidade abordados pelo autor francês.

A partir disso, Gregolin começou a utilizar-se das noções de intericonicidade e semiologia trazidas nas obras de Foucault e Courtine. Fato este que discorreremos com mais assiduidade no decorrer deste capítulo, em que serão analisadas dois escritos da autora.

4.1 A INTERICONICIDADE NO DISCURSO MIDIÁTICO ANALISADO POR GREGOLIN

O arquivo analisado na sequência aborda a intericonicidade dentro do discurso midiático nos escritos de Maria do Rosário Gregolin. Iniciaremos a análise pelo capítulo do livro “O Acontecimento Discursivo na Mídia: Metáfora de uma Breve História do Tempo” publicado pela editora Claraluz na obra intitulada “Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo” e, na sequência, partiremos para o artigo “Análise do Discurso e mídia: a (re)produção de identidades” publicado pela autora na Revista Comunicação, Mídia e Consumo do PPGCOM-ESPM.

A escolha destes escritos se justifica pelo objetivo desta dissertação de compreender a intericonicidade dentro do campo do saber da AD empreendida no Brasil, uma vez que abordam análises de imagens circuladas pela mídia e como estas estabelecem uma relação entre memória coletiva e discursividades.

4.1.1 A metáfora do tempo e a materialização da microfísica do poder na análise de discursos midiáticos por Gregolin

Em “O acontecimento discursivo na mídia: metáfora de uma breve história do tempo” Maria do Rosário Gregolin traz a análise de uma campanha fomentada pela Rede Globo de televisão sobre os quinhentos anos de descobrimento do Brasil. Nesta campanha, foram dispostos, em diversas cidades brasileiras, um relógio esculpido por Hans Donner com a contagem regressiva para a comemoração da data.

Este artigo de Gregolin foi publicado no livro de sua organização e de nome “Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo”. Nesta obra, Gregolin e autores como J-J Courtine, Carlos Piovezani, Sírio Possenti, Pedro Navarro e Vanice Sargentini publicaram textos em que a teoria discursiva se relacionam com o discurso midiático e resultam em análises discursivas que têm como ponto de partida a espetacularização da mídia.

Na apresentação do livro, Gregolin aborda que a mídia é detentora do poder espetacular e isso relacionado a hegemonia neo-liberal causa um efeito de industrialização da cultura. Uma vez que a cultura se torna industrializada, há uma relação de poder e controle do que pode ser dito e quem pode se dizer. Entrelaçando-se com a ordem do discurso de Foucault, a autora discorre que não se pode, portanto, falar uma coisa qualquer em um lugar e tempo qualquer, já que há um controle do que pode e deve se dizer em determinado momento histórico (Gregolin, p. 12).

Pensando nisso, a autora finaliza a apresentação da obra argumentando que “é preciso pensar nas consequências dessa imersão desenfreada na textualidade da mídia. Trata-se de, entendendo alguns mecanismos que compõem a discursividade moderna, desenvolver táticas e estratégias de luta contra a alienação provocada pela cultura do espetáculo”. Desta forma, a obra organizada pela autora tem como principal objetivo compreender as construções de verdade e alienações ocasionadas por discursos midiáticos no contexto brasileiro.

O artigo “O acontecimento discursivo na mídia: metáfora de uma breve história do tempo” inicia com uma retomada à obra “Genealogia do poder” do Foucault. Nesta, Gregolin argumenta que as mudanças ocasionadas nas Ciências Humanas na década de 60 fez com que surgissem novos saberes. Por sua vez, Foucault defende que esses novos saberes devem ser tratados por meio de uma tática da genealogia, ou seja, um conhecimento construído baseando-se nas táticas e historicidade atual sem prender-se à hierarquização dos saberes que ocorre na teorização da história. Gregolin, neste trecho, defende que, a partir da genealogia, irá construir uma análise que visa compreender como estes acontecimentos cotidianos do novo milênio, a partir do discurso midiático, podem ser usados para pensar os processos discursivos da genealogia do presente. Além disso, a autora discorre que essa é a ideia central de seu artigo e aborda que também irá abranger as emergências da atribuição das identidades em nossa sociedade, uma vez que há diversos sentidos circulando pela mídia.

Gregolin (2003), mais adiante no texto, traz à vista do leitor uma seção destinada a compreender a função da mídia na produção de sentidos na sociedade. Nesta, a autora discorre que os textos que circulam em uma sociedade criam interdiscursos do qual decorrem uma ilusão de um sentido “único”. Para Gregolin (2003), a mídia se aproveita dessa ilusão de unidade para criar uma outra ilusão: a de realidade. Para ela,

A mídia participa efetivamente, na sociedade atual, da construção do imaginário social, no interior do qual os indivíduos percebem-se em relação a si mesmos e em relação aos outros. Dessa percepção vem a visualização do sujeito como parte de uma coletividade [...] Para Baczko (1984), é por meio do imaginário que se podem atingir as aspirações, os medos e as esperanças de um povo. É nele que as sociedades esboçam suas identidades e objetivos, detectam seus inimigos e, ainda, organizam seu passado, presente e futuro. O imaginário social se expressa por ideologias e utopias, que se materializam em símbolos, alegorias, rituais e mitos. Através dessa textualização, erigem-se visões de mundo, modelam-se condutas e estilos de vida, em movimentos contínuos ou descontínuos de preservação da ordem vigente ou de introdução de mudanças [...] Funcionando como uma extensa rede de criação de símbolos que, por sua vez, alimentam o imaginário social, a mídia constitui verdadeiras comunidades de imaginação ou comunidades de sentido (Gregolin, 2003, p. 97).

Partindo desse pensamento, Gregolin defende que a mídia é responsável por aglutinar indivíduos que possuem pensamentos em comum e por construir símbolos que circulam no espaço social e, conseqüentemente, colocam em prática a construção dos imaginários sociais. Para a autora, é por meio de imagens retificantes divulgadas pela mídia que as sociedades constroem os seus símbolos coletivos e “os sujeitos vivem relações e representações reguladas por sistemas que controlam e vigiam a aparição de sentidos” (Gregolin 2003, p. 98).

Portanto, ao pensar nestas simbologias fomentadas pela mídia há a divulgação de discursos verbais e não verbais. Com estes discursos, Gregolin defende que

A percepção de uma “identidade”, que aglutina os indivíduos em aspirações e sonhos comuns, constrói-se por meio desses símbolos que circulam no espaço social. Sob a forma de imagens retificantes, cujo enraizamento coletivo resulta da sua histórica, tanto social como técnica, cada sociedade constrói os seus “símbolos coletivos” (LINK, 1986, p.153) que alimentam o imaginário social. Essas imagens podem ser utilizadas como metáforas, sinédoques representativos e símbolos pragmáticos. Os símbolos coletivos fazem parte do interdiscurso e representam, como origem, muitas vezes, um determinado discurso específico. Desta maneira, o sistema simbólico parece funcionar como “mercado”, onde diferentes discursos específicos podem trocar entre si certos estereótipos exemplares. Nessa troca, transitam convenções que permitem “engendrar limites, diferenças, tornando possível a mediação social, consagrando determinados sentidos como uma ordem irredutível a qualquer outra (Gregolin, 2003, p.98).

Com esta fala de Gregolin podemos inferir que a autora já começa trazer à luz de seus escritos a influência das teorias Courtineanas (Courtine, 2011), pois quando a autora afirma que os indivíduos formam essa identidade social, por meio de “imagens retificantes” e que estas tornam-se “símbolos coletivos” remonta ao princípio da intericonicidade de que as imagens estabelecem uma relação de sentidos com outras imagens através da memória coletiva. Além disso, ao tomar a mídia fonte de materialidade discursiva a autora remonta à necessidade apontada por Davallon (1999) e Courtine (2011) de tornar o discurso da mídia passível de análise.

Na sequência do artigo, Gregolin (2003) passa a discorrer sobre as relações de poder de acordo com as teorias foucaultianas. Para a autora, o filósofo enxerga as relações de poder como ininterruptas e abrangem todas as esferas da sociedade. Para ela, há vários mecanismos para que essas relações de poder se materializem, seja pelo controle do corpo, do tempo ou do saber. Na sociedade moderna, a autora compreende que, de acordo com Foucault, apesar dos sujeitos individuais serem obedientes aos hábitos, regras e ordens, eles não são passivos e há formas de resistência. Para Gregolin, é importante compreender como estes sujeitos possuem uma forma de resistência e como eles se inscrevem no discurso partindo desta.

Também é possível compreender a filiação teórica de Gregolin ao filósofo francês, pois ela utiliza os seguintes modalizadores para marcar em seu discurso tal filiação: “Em muitos dos seus ditos e escritos, Michel Foucault [...]” (Gregolin, 2003, p.99); “Para Foucault [...]”(Gregolin, 2003, p.100); “Foucault propõe” (Gregolin, 2003, p.101); “Foucault enxerga” (Gregolin, 2003, p.101); “Segundo Foucault” (Gregolin, 2003, p.101); “Aos olhos de Foucault” (Gregolin, 2003, p.103) entre outros.

Todavia, também é possível inferir sua fidelidade ao autor quando partimos para a análise do relógio dos 500 anos. Nesta seção, a autora argumenta que a construção da identidade de uma sociedade parte da relação com outros sujeitos e discursos. Portanto, “só depois de recuperar a memória intertextual dos 500 anos é possível entender que o tema do descobrimento funcionou como um mote para o diálogo sobre a identidade nacional, uma síntese das representações do que é ser brasileiro hoje” (Gregolin, 2003, p. 105).

Pensando nisso, a autora defende que o relógio dos 500 anos institui uma nova temporalidade, já que o que conta agora não é mais o tempo do trabalho ou das atividades humanas, mas sim o tempo que falta para os 500 anos de descobrimento do Brasil.

Portanto, quando Gregolin menciona que a sociedade sofreu uma mudança na sua percepção do tempo, a partir da imagem do relógio dos 500 anos, é possível compreender duas coisas: 1) Há uma clara filiação à noção de controle de poder para Foucault, uma vez que o filósofo defende que uma das formas da microfísica do poder se materializar é pelo controle que se tem do tempo; segundo Gregolin “O relógio dos 500 anos [...] criou a materialização do tempo fluindo diante dos nossos olhos”; e 2) Por analisar uma intertextualidade entre o que está presente na memória coletiva sobre Brasil com a imagem do relógio dos 500 anos, Gregolin trata da intericonicidade, mesmo que não mencione diretamente os textos de Courtine sobre o tema, pois ela relaciona a imagem ao interdiscurso. Este ponto é possível inferir no seguinte trecho:

A aparente instantaneidade da mídia interpela incessantemente o leitor através de textos verbais e não-verbais, compondo o movimento da história presente por meio da resignificação de sentidos enraizados no passado. Por isso, determinadas figuras cristalizadas na memória coletiva estão constantemente sendo recolocadas em circulação, permitindo os movimentos interpretativos, as retomadas de sentido e seus deslocamentos (Gregolin, 2003, p.105).

Por fim, a autora encerra o artigo argumentando que a discussão sobre o relógio dos 500 anos permitiu que ocorresse uma discussão na sociedade sobre os ufanistas e aqueles que se mostram como resistência à eles. Para Gregolin (2003, p.109), esta discussão retoma ao fato de

que os poderes não são absolutos e inquestionáveis, mas sim que na sociedade do espetáculo midiático os micropoderes são os que definem uma topografia multifacetada do imaginário coletivo. Esta construção do imaginário social pela mídia também está presente em outros escritos da autora, como veremos no próximo artigo a ser analisado na seção abaixo.

4.1.2 Foto e legenda: o interdiscurso e a intericonicidade na análise de discursos midiáticos.

Em “Análise do Discurso e mídia: a (re)produção de identidades” Maria do Rosário Gregolin traz uma análise da foto do presidente Lula ao lado da rainha da Inglaterra, publicada na primeira página do jornal Folha de São Paulo em 2006.

Neste artigo, a autora faz uma relação entre a legenda e a foto, divulgadas pelo veículo paulista, abordando os efeitos de sentido que a combinação delas podem gerar dentro do contexto midiático.

O artigo inicia com a apresentação do objeto de análise: a foto de Lula na carruagem junto a rainha Elisabeth. Neste início do artigo, Gregolin aborda como a legenda “De carruagem. Lula com a rainha Elisabeth a caminho do palácio de Buckingham.” cria um efeito de sentido que remete aos contos de Cinderela. Vejamos:

Figura 1 - Foto de Lula para Folha de São Paulo, em 2008.



De carruagem. Lula com a rainha Elisabeth, a caminho do palácio de Buckingham.

Fonte: Folha de São Paulo *in*: Gregolin, 2008, p.12

Gregolin utiliza-se da comparação entre o conto de fadas e a conjuntura política do Brasil para explicar que a relação de sentido entre a imagem e a legenda traz, à publicação do jornal, o efeito de sentido da salvação e do final feliz que a pobre moça (Lula) tem ao arranjar um marido rico e nobre (Rainha Elisabeth), para explicitar que, ao gerar esta interpretação da publicação, o jornal produz um efeito de sentido de humor e desqualificação ao presidente brasileiro, expondo de forma que se interpreta uma relação entre sua história e a história de uma princesa de contos de fadas.

Todavia, logo ao início do artigo, pode-se evidenciar que a análise utiliza-se de uma imagem e uma legenda como arquivo. Como mencionamos anteriormente, a intericonicidade se constitui, em poucas palavras, na análise de textualidades não-verbais e em como estas estão inscritas dentro de uma ideologia e de uma construção discursiva a partir de um sujeito, gerando memórias coletivas que significam no discurso.

Portanto, quando Gregolin argumenta que a combinação entre a discursividade da imagem e da legenda geram um efeito de sentido que remete ao conto iluminista de Cinderela, a autora relaciona como esse discurso se inscreve na memória discursiva dos leitores por meio do conto de fadas e argumenta que “essa memória da narrativa tradicional transportada para o acontecimento jornalístico produz riso e desqualificação” (Gregolin, 2008, p. 12).

Para Orlandi, a memória discursiva é tratada como interdiscurso e isto influencia na maneira em que os dizeres afetam o sujeito e os significados que ele gera em uma situação dada pelos discursos já-ditos e pré-construídos. Portanto, quando Gregolin menciona que “A ambiguidade da relação entre imagem e legenda remete a uma velhíssima história em que a pobre mocinha, depois de devidamente equipada pela fada madrinha, obtém o direito de embarcar na carruagem e realiza o sonho de ir ao palácio dançar com o príncipe”, a autora constrói uma relação de intertextualidade e intericonicidade com o conto de Cinderela, uma vez que a imagem da carruagem remete ao veículo que a princesa utilizou para chegar ao palácio, assim como a legenda menciona que Lula está a caminho de um.

Além disso, toda a identidade da história de Cinderela está constituída a partir da construção de que a personagem era uma pobre moça que ascendeu até a realeza e Lula também representa um pobre moço que chegou a realeza no contexto em que a matéria foi publicada na Folha de São Paulo em 2006.

Logo em seguida, a autora menciona que a AD possui mecanismos de análise e ferramentas conceituais que a fazem compreender o jogo de sentidos que a matéria quer reproduzir e que isto possibilita a relação entre a AD e os estudos da mídia, ao estabelecer um diálogo entre ambos, para entender o papel dos discursos nas construções das identidades sociais (Gregolin, 2008, p. 13).

Para levar a cabo esta análise a autora argumenta:

Neste texto, focalizo efeitos identitários construídos numa teia entre discurso, história e memória a fim de mostrar a pertinência da conjunção dos campos da AD com os estudos de mídia. Tendo como ponto central a arqueogenealogia de Michel Foucault, o discurso é tomado como uma prática social, historicamente determinada, que constitui os sujeitos e os objetos. Pensando a mídia como prática discursiva, produto de linguagem e processo histórico, para poder apreender o seu funcionamento é necessário analisar a circulação dos enunciados, as posições de sujeito aí assinaladas, as materialidades que dão corpo aos sentidos e as articulações que esses enunciados estabelecem com a história e a memória. Trata-se, portanto, de procurar acompanhar trajetos históricos de sentidos materializados nas formas discursivas da mídia. Dessa perspectiva, neste texto são analisadas redes de memórias que evidenciam as articulações entre práticas discursivas e a produção de identidades. Procurarei mostrar que a análise do discurso pode delinear algumas relações que a mídia estabelece, interdiscursivamente, com outros dispositivos textuais que circulam na sociedade (Gregolin, 2008, p. 13)

De muito interesse é para esta dissertação a explícita filiação que Gregolin afirma ter aos escritos de Foucault no trecho “Tendo como ponto central a arqueogenealogia de Michel Foucault”, uma vez que este capítulo permeia a importância da autora para com a disseminação dos pensamentos do filósofo francês e da intericonicidade dentro do contexto da AD franco-brasileira.

Tendo isso em foco, na entrevista concedida à Navarro e Sargentini (2022, p. 23-24) eles perguntam à Gregolin:

[...] até final dos anos 1990, havia, no Brasil, pelo menos, duas formas de se analisar discursos com forte predomínio no cenário acadêmico de então, a Semiótica greimasiana e a Análise de Discurso francesa. Você, conjuntamente com um grupo de pós-graduandos, iniciou outra possibilidade de leitura da sociedade, tendo como norte a fase arqueológica dos estudos feitos por Michel Foucault. Gostaríamos de saber como se deu esse início e como você avalia essa descontinuidade histórica nos domínios da linguagem hoje.

Antes de discorrermos sobre a resposta de Gregolin, vale voltar ao trecho “você, conjuntamente com um grupos de pós-graduandos, **iniciou** outra possibilidade de leitura da sociedade, **tendo como norte a fase arqueológica dos estudos feitos por Michel Foucault**”, pois nesta frase está incutida a importância da autora com a disseminação dos escritos de

Foucault, uma vez que, junto ao seu grupo de orientandos, ela conseguiu dar continuidade aos trabalhos que se filiassem a teoria do filósofo francês e à intericonicidade dentro do campo do saber franco-brasileiro. Sargentini e Navarro, que também são dois importantes nomes para a teoria, reconhecem em Gregolin a importância da inserção das teorias Foucaultianas no Brasil e quando atribuem a Gregolin o “**início**” deste movimento também atribuem à ela a função de precursora desta teoria, já que, como mencionado por eles, ela iniciou este processo junto à seus pós-graduandos.

Além disso, há uma relação de sentido entre a frase de Gregolin e de Sargentini e Navarro, quando a pesquisadora diz que tem como ponto central a arqueogenealogia de Foucault e posteriormente os entrevistadores apontam que a arqueologia do filósofo é o norte dos estudos da autora, há um espaço de reconhecimento da filiação ao teórico francês por ela e por terceiros.

Em resposta, Gregolin afirma que, durante sua trajetória acadêmica, sempre encontrou um lugar de inquietude em suas leituras sobre a AD e quando teve contato com a obra de Foucault, em conjunto com a de Pêcheux, não conseguia discernir as convergências entre os pensadores. Todavia, a autora encontrou um ponto de equilíbrio ao ler um texto de J-J Courtine sobre o discurso comunista na revista “Langages” de 1981, no qual os escritos de Foucault ganharam forma para ela.

Após essa experiência, a autora descobriu a importância das discordâncias teóricas e políticas dentro da AD e fundou, em Araraquara, seu grupo de estudos GEADA, que é ativo até a atualidade e tem como foco a teoria foucaultiana, o que se entende também aos escritos de J-J Courtine e, conseqüentemente, à intericonicidade, que foi construída por ele baseando-se na teoria discursiva de Foucault e na semiótica de Barthes.

Portanto, quando a autora menciona que seu trabalho utilizará os estudos de Foucault, ela traz à tona sua filiação teórica dentro da AD, mas também a filiação que seus orientandos têm dentro do grupo de estudos liderado por ela.

Por meio do GEADA, Gregolin e os professores associados ao grupo orientaram pós-graduandos levando a cabo a teoria de Foucault e J-J Courtine. Esses pós-graduandos mestram-se, doutoram-se e assumiram cátedras em universidades Brasil afora, criando seus próprios grupos de estudos em AD e orientando seus próprios alunos à luz das teorias de Foucault e Courtine, que um dia lhes foram mediadas pela professora Maria do Rosário Gregolin.

Exemplo disso são os professores Carlos Piovezani, que é professor adjunto da UFSCAR, e Renan Mazzola, que leciona na UFMG, e terão suas obras analisadas no capítulo seguinte.

Tendo isso em vista, retornemos ao artigo publicado na Revista de Comunicação, Mídia e Consumo da ESPM em 2008.

Na sequência do artigo, Gregolin realiza toda uma abordagem dos principais conceitos que a AD leva a cabo em suas análises, desde a formação do discurso até como ele se materializa nas relações de poder em um certo momento histórico, baseando-se nos preceitos foucaultianos. Portanto, Gregolin (2008, p. 15) aponta na continuidade que “o interdiscurso não é transparente nem [...] o sujeito é a origem dos sentidos, ninguém consegue enxergar a totalidade significativa nem compreender todos os percursos de sentido produzidos socialmente” e, com isso, ela amarra a ideia de que a coerência no discurso é construído por aqueles que controlam, delimitam, classificam, ordenam e distribuem os acontecimentos discursivos, ou seja: a mídia. Para ela, a criação de uma unidade de sentido é dada pelos textos da própria mídia, já que, como seu próprio nome faz referência, a mídia é responsável pela mediação entre os interlocutores e a realidade.

Na continuidade do artigo, a autora retoma a imagem de Lula publicada pela Folha de São Paulo. Neste trecho, ela afirma que “As vozes que falam na mídia fazem **eco** a outros dizeres que vêm de outros lugares da sociedade” (Gregolin, 2008, p.22). Nesta frase, a autora remonta mais uma vez ao interdiscurso da AD, uma vez que o “**eco**” mencionado por ela referencia os já-ditos da memória discursiva.

Na sequência, Gregolin discorre sobre como a imagem publicada de Lula faz relação com outras imagens e discursos publicados pelo veículo e que isto constrói uma narrativa de ironia e satirização dos políticos brasileiros, em especial pelas charges, mais um gênero textual que mescla linguagem verbal e não-verbal, remontando a importância da análise dos discursos não verbais para a compreensão do discurso na mídia.

Mais adiante, a autora menciona “Ela [imagem de Lula] participa desse **coro** em que se unem imagens e palavras” demonstrando que este “**coro**” é a relação de sentidos que essas imagens e palavras têm entre si dentro do jornal, demonstrando que os discursos ali continuados geram uma relação de interdiscurso e de intericonicidade, pois é a relação entre os discursos ali continuados que geram um imaginário de que os políticos não são sérios pelos leitores do jornal paulista, segundo a sua análise.

Por fim, vale refletir que a análise trazida pela autora da imagem de Lula, assim como do relógio dos 500 anos na seção anterior, retoma importantes pontos defendidos por Courtine, como, por exemplo, o ato de não anular a influência da história na construção dos sentidos de um discurso e não fazer uma análise que pensasse apenas nos pontos linguísticos a serem analisados. Em conclusão, estes conceitos trazido pela autora, em relação à mídia e ao uso da imagem, serão importantes para compreender, na sequência desta pesquisa, como Carlos Piovezani e Renan Belmonte Mazzola, seus orientandos, organizam metodologicamente as suas análises discursivas não-verbais dentro do contexto midiático televisivo e digital. Portanto, na sequência haverá uma discussão sobre duas dissertações orientadas por Gregolin dentro do GEADA, para explicitar a filiação destas teorias em suas orientações.

5 A INTERICONICIDADE NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DA ANÁLISE DE DISCURSO FRANCO-BRASILEIRA

Neste capítulo, serão analisadas obras consideradas importantes para compreender a AD de linha franco-brasileira de orientação foucaultiana. Dito isso, o arquivo desta seção será constituído pela tese de doutorado “Discurso e imagem: transformações do cânone visual nas mídias digitais”, de Renan Belmonte Mazzola, e pela obra “Verbo, corpo e voz: dispositivos de fala pública”, de Carlos Piovezani.

A escolha deste arquivo justifica-se por tratar-se de obras de autores que avançam a AD que toma como principal referência Courtine e Foucault e traz à vista do campo científico uma análise de discurso que estuda a intericonicidade dentro da AD Franco-brasileira.

Uma vez que a tese de Mazzola e o livro de Piovezani, que advém de sua tese Doutorado, foram orientados pela professora doutora Maria do Rosário Gregolin, e o último também foi co-orientado por Courtine, estabelecendo uma relação intercontinental entre importantes pesquisadores da AD de orientação foucaultiana, poderá discutir-se a hipótese do trabalho, que consiste na ideia de que a inserção da intericonicidade no campo teórico do Brasil provocou um deslocamento na AD franco-brasileira.

Nos trabalhos de Mazzola e Piovezani, foi possível observar grande predomínio da AD de linha franco-brasileira por seus referenciais teóricos e pelas menções a autores brasileiros e franceses. Além disso, ambos os autores fizeram parte de suas pós-graduações em universidades francesas, trazendo em suas bagagens teóricas grande domínio da teoria francófona.

Baseando-se neste aspecto, a presente seção irá analisar os escritos de Mazzola e Piovezani, visando compreender como as influências de autores como Pêcheux, Foucault, Courtine e Gregolin contribuíram para a construção de suas obras e, conseqüentemente, auxiliaram na construção de especificidades da AD franco-brasileira de orientação foucaultiana. Iniciaremos pela tese de Renan Mazzola e, em seguida, partiremos para a obra de Carlos Piovezani.

5.1 CÂNONE VISUAL E O PENSAMENTO DE FOUCAULT MEDIADO POR GREGOLIN

Renan Belmonte Mazzola é graduado em Letras Português e Inglês, mestre e doutor em Linguística e Língua Portuguesa - com financiamento CNPQ - pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), *campus* Araraquara. Além disso, Mazzola realizou

estágio de pesquisa na Université Sorbonne Nouvelle, em Paris, durante o seu doutorado. No estágio, participou como membro da *École Doctorale Langage et Langues* e do Grupo de Pesquisas *Histoire des Théories Linguistiques*. Atualmente, exerce a função de Professor Adjunto da Faculdade de Letras na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Em sua tese “Discurso e Imagem: Transformações do Cânone Visual nas Mídias Digitais”, defendida em 2014, Mazzola aborda as transformações do cânone visual em um site espanhol a partir das relações entre o discurso e a imagem, baseando-se nos trabalhos do grupo em torno de Michel Pêcheux e de contribuições das obras de Michel Foucault e Jean-Jacques Courtine.

Logo na introdução da tese, o autor descreve a base teórica e as contribuições da AD Foucaultiana no Brasil, dando ênfase nas atividades do Grupo de Estudos de Análise do Discurso de Araraquara (GEADA), liderado pela Profa. Dra. Maria do Rosário Gregolin. Segundo o autor, o GEADA se insere na tradição ou escola francesa de Análise do Discurso, tendo suas raízes nos trabalhos de Michel Pêcheux e J. Dubois, com influências significativas do pensamento de M. Foucault. (Mazzola, 2014, p. 17)

Neste trecho, Mazzola (2014) deixa clara a filiação teórica não apenas de seu trabalho, mas de todo grupo de estudos do qual ele pertence: o GEADA. Portanto, há uma confirmação de que o local de produção científica do qual ele se inscreve toma como ponto fundamental as teorias de Foucault, mas não apenas dele, já que Mazzola apresenta importantes referências na análise de discursos não verbais, como Courtine e Barthes. Este referencial abrangido pelo autor demonstra que seu trabalho trará uma abordagem teórica que leva em conta os interdiscursos estabelecidos na relação de imagens e como elas se inscrevem na memória coletiva.

Ainda na introdução, Mazzola (2014, p. 16) argumenta:

Os trabalhos do Grupo de Estudos de Análise do Discurso de Araraquara inserem-se no que se chama comumente de Tradição ou Escola francesa de análise do discurso, isto é, parte-se dos trabalhos de M. Pêcheux e J. Dubois, responsáveis pela fundação desse campo do saber, na França, em 1969, e explicita-se a influência do pensamento de M. Foucault no percurso de reformulação da análise do discurso. [...] Os membros do GEADA sempre foram orientados e encorajados a ler os textos originais de M. Pêcheux e de M. Foucault, e nessa leitura observar os diálogos e os duelos entre esses dois autores em torno de questões como a linguagem, a história e o sujeito. No entanto, se hoje iniciamos (recorrentemente) nossas pesquisas com sentenças do gênero “Nosso trabalho se baseia na análise do discurso de linha francesa, derivada de M. Pêcheux e M. Foucault...” é porque foi constituído um lugar para M. Foucault nas pesquisas de análise do discurso no Brasil. Se hoje as novas pesquisas nesse campo não se dão conta dos movimentos e dos embates realizados ao longo da história das ciências no Brasil, é porque – como já disse Barthes (2009) a propósito da maestria dos fotógrafos de guerra

– “alguém tremeu por nós, refletiu por nós, julgou por nós”, fazendo com que hoje seja aparentemente normal emparelhar a figura de M. Pêcheux com aquela de M. Foucault. Fazer análise do discurso com o olhar voltado para as mídias, para as identidades, e para as diversas materialidades do discurso a partir de M. Foucault significa necessariamente colocar-se diante de um mirante.

Neste trecho, podemos inferir que o autor atribui ao GEADA o local em que se iniciou as discussões sobre as teorias de Pêcheux em contrapartida com as teorias de Foucault, quando ele afirma o grupo baseia-se na teoria francesa nascida com o primeiro autor, mas também traz em vista a reformulação que Foucault gerou nos estudos discursivos.

Além disso, explicita-se que o GEADA é um local de discussão e avançamento do pensamento foucaultiano sobre o discurso dentro do campo do saber franco-brasileiro quando Mazzola afirma que os membros do GEADA sempre foram incentivados a fazer leituras e discussões sobre o pensamento de Foucault, mas sem negar a Pêcheux a sua importância dentro dos estudos do discurso. Podemos observar tal movimento no trecho quando o autor afirma que “Embora os trabalhos do GEADA explicitem as contribuições de M. Foucault na constituição desse campo no Brasil e na França, não se nega o lugar fundador de M. Pêcheux – muito pelo contrário.”

Ainda na introdução, Mazzola (2014, p.17) afirma que

Se J.-J. Courtine incorporou o pensamento arqueogenológico de M. Foucault na análise do discurso da França dos anos 1980, não é demasiado dizer que Maria do Rosário Gregolin incorporou o pensamento de M. Foucault na análise do discurso do Brasil dos anos 1990. [...] Muitos dos trabalhos do GEADA retornam à história conceitual da análise do discurso e apresentam pesquisas consistentes sobre a história e o percurso epistemológico desse campo, bem como as mutações de seus objetos. Sabemos que a história da análise do discurso no Brasil seguiu um caminho diferente daquele observado na França.

Nesta fala do autor, podemos compreender que o GEADA possui grande relevância na discussão sobre o deslocamento que ocorreu na AD franco-brasileira por intermédio de Gregolin, ao utilizar uma comparação entre o deslocamento ocorrido na França com J.-J. Courtine e o mediado pela autora dentro do GEADA. Para ele, assim como Courtine foi responsável por mediar e dar continuidade aos pensamentos foucaultianos dentro da análise discursiva em território francês, a mesma responsabilidade está a cargo de Gregolin no território brasileiro.

Neste trecho é possível comprovar o papel de Gregolin no avanço das teorias Foucaultianas dentro da AD franco-brasileira, pois quando Mazzola utiliza o termo “incorporou” se referindo aos pensamentos de Foucault ele traz um efeito de sentido de responsabilização da

autora para com a teoria do filósofo francês dentro do GEADA e, conseqüentemente, dentro dos cursos de Letras e nas Pós-graduações em Linguística dentro da UNESP.

Na seqüência, o texto de Mazzola (2014) destaca a necessidade de entender as diferentes abordagens da Análise de Discurso no Brasil, definindo as concepções de linguagem, sujeito, sociedade e história presentes em cada proposta. Além disso, a pesquisa aborda a relação entre discurso e imagem, explorando teorias semiológicas de autores como R. Barthes, C. Ginzburg e J.-J. Courtine, bem como a semiologia em M. Foucault. A tese busca compreender como as materialidades verbo-visuais do discurso se relacionam com as teorias do discurso e com a semiologia.

Além disso, o autor enfatiza a importância de uma problematização epistemológica na análise do discurso, pois a pesquisa não se restringe a enunciados de materialidade exclusivamente linguística, mas explora a visualidade à serviço do discurso. Desta forma, a tese busca avançar na teoria, fazendo perguntas sobre como a análise do discurso lida com a materialidade artística e as apropriações dos cânones das artes visuais na contemporaneidade, mantendo um constante diálogo com a história dos conceitos e objetos da análise de discurso (Mazzola, 2014, p. 15).

O estudo de Mazzola é de caráter teórico e analítico e objetiva entender a importância de conectar a teoria discursiva com as teorias semiológicas. Para o autor, essa necessidade surge devido à natureza imagética do objeto de análise. O *corpus* da tese é composto por 35 imagens do site espanhol *consumehastamorir.org*, que aborda a sociedade de consumo atual usando suas próprias técnicas publicitárias para questionar até que ponto o consumismo pode levar à autodestruição. As imagens selecionadas pelo pesquisador fazem parte da categoria “*Clásicos del arte*” e buscam criticar o estilo de vida contemporâneo, fazendo uso dos cânones pictóricos ocidentais (Mazzola, 2014, p. 19).

Para Mazzola (2014, p. 21), as mídias digitais estão em constante evolução, exigindo um novo paradigma com a convergência midiática. Para ele, os consumidores também se tornam produtores, criando interações mais complexas e isso produz uma necessidade de se pensar as condições de produção dos discursos digitais de modo especial.

Segundo o pesquisador (2014, p. 25), a ideia de cânone existe há algum tempo e tem sido aplicada em vários contextos, como na arquitetura, nas artes e na religião. Para Mazzola, o cânone oferece a possibilidade de immortalizar uma obra ao inscrevê-la na memória cultural. Além

disso, o autor menciona que, de acordo com as propostas de Italo Calvino, os clássicos literários são definidos pela relação entre a estética, a recepção e o materialismo histórico, destacando como diferentes abordagens podem afetar a compreensão de uma obra literária e sua inclusão no cânone. O autor aponta que “os textos canônicos são sustentados por discursos de legitimação”. Para Mazzola, o campo do cânone é considerado parte do “dispositivo” de controle de discursos, com mecanismos de legitimação que sustentam os textos canônicos. O autor discorre que:

[...] tanto o cânone literário quanto o cânone pictórico no Ocidente sofrem coerções externas e internas. O cânone se configura como procedimento de controle do discurso. Mencionamos que o cânone, do ponto de vista discursivo, é uma construção (Mazzola, 2014, p. 34).

Em consequência desta reflexão, o autor aponta que uma vez que os cânones se tornam controladores do discurso, uma interseção entre a História da Arte e a análise iconográfica, com ênfase no diálogo entre Michel Foucault e Erwin Panofsky, é necessária devido a complexidade da relação entre discurso e imagem. Portanto, enfatiza-se a necessidade da interpretação iconológica na compreensão da arte visual para a interpretação das obras de arte, proporcionando uma abordagem abrangente para a compreensão das obras de arte em seu contexto histórico e cultural (Mazzola, 2014).

Uma vez que Mazzola traz à vista de seu trabalho a importância de se analisar discursividades que vão além da verbalidade e abordam discursos não-verbais e artísticos, ocorre um deslocamento dentro da AD franco-brasileira, pois quando o autor afirma, ainda na introdução do trabalho, que o GEADA, mediado por Gregolin, traz à vista do campo do saber da AD franco-brasileira autores que abordam a análise semiótica em relação com a análise do discurso, ele leva a cabo as teorias pensando em um objeto de análise que, naquela época, ainda não havia sido incorporado nas análises discursivas no Brasil. O próprio autor discorre que tinha como objetivo ocasionar este deslocamento, como é possível observar no trecho a seguir:

Procuramos deslocar essas reflexões para a abordagem dos regimes de visualidades artísticas, isto é, como poderiam ser compreendidas as apropriações singulares dos cânones das artes visuais na atualidade a partir das articulações entre a teoria discursiva e as teorias semiológicas. Em alguma medida, procuramos avançar na teoria, colocando novas perguntas (como a análise do discurso se posiciona diante da materialidade artística?) sem se desligar de suas origens, e sem se furtar de um constante retorno à história dos conceitos, dos objetos e das formulações da análise do discurso (Mazzola, 2014, p.18)

Buscando entender como os cânones da arte podem influenciar nos discursos propostos em seu corpus de análise, Mazzola passa, a partir deste momento, a analisar a trajetória de

autores fundadores da AD de orientação francesa para assim chegar a uma reflexão sobre a necessidade, já mencionada por ele na introdução da tese, de compreender as diferentes abordagens da Análise do Discurso de linha Franco-brasileira na relação entre discurso e imagem. Dito isso, sua tese se separa nas seções seguintes em três capítulos dedicados a Michel Pêcheux, Jean-Jacques Courtine e Michel Foucault respectivamente.

No capítulo intitulado “Michel Pêcheux: Os Limites de um Projeto”, Renan Belmonte Mazzola (2014) explica que o foco da sessão está na análise da evolução da teoria discursiva de Michel Pêcheux, com ênfase nas transformações do objeto da análise do discurso entre os anos de 1980 e 1983. Mazzola explora o legado de Michel Pêcheux no decorrer de seus anos e contribuições fazendo um caminho que percorre por suas obras e pensamentos que constituíram a AD. Segundo o pesquisador, as mudanças de pensamentos do francês em relação à Análise de Discurso fez com que ele precisasse lidar com outras materialidades discursivas que não compusessem o discurso político-partidário verbal que deu origem à teoria pecheutiana.

Segundo o autor da tese, no decorrer das três fases, a evolução da Análise de Discurso de Pêcheux foi de uma abordagem estruturalista e político-partidária para uma mais flexível que incorporava discursos cotidianos e não verbais enquanto dialogava com autores como Althusser e Foucault (Mazzola. 2014, p. 57).

Por conta dessas mudanças no objeto de análise de Pêcheux na fase final de sua vida, Mazzola (2014) encerra a seção dedicada ao autor defendendo que também ocorreu transformações teóricas e metodológicas na análise de discurso, incluindo a busca por materialidades discursivas distintas, a consideração da memória discursiva e a compreensão dos discursos como eventos.

É nesta seção da obra que Mazzola traz a tona uma de suas análises pictóricas do site *consumehastamorrir.org*, vejamos.

Figura 1 - Fusão dos ícones



Fonte: Renan Mazzola (2014, p. 76)

[...] A fig. 9 é marcada por uma espécie de sobreposição desses dois ícones visuais. Ao mesmo tempo, eles estão presentes na fig. 9 sob a forma de memória. Diante da releitura, reconhecemos de imediato a figura de Monalisa, mas algo está diferente: o batom vermelho, o nariz de palhaço e as sobrancelhas arqueadas estão sobrepostos às características originais de seu rosto; o cabelo vermelho e a roupa levemente amarelada também não eram assim. Logo, reconhecemos a referência a Ronald McDonald que transfigura Monalisa. No segundo plano, quase toda a paisagem queima, exceto o que parece ser uma placa, um grande M que se destaca sob o céu nublado. Sorriso falso é o título dessa imagem.

iii. Movimentos interdiscursivos. Tanto no cânone (fig. 10) quanto na paródia (fig. 9), o sorriso é o elemento que condensa, no plano visual, os sintomas de uma época. Cinco séculos separam as duas criações e suas condições de produção. Observar o sorriso de Monalisa é essencial para a compreensão da pintura de Leonardo. No interdiscurso, a paródia mobiliza saberes legitimados sobre a pintura (discursos de tipo científico), como é o caso da história da arte. Segundo Gombrich (2001, p. 300, trad. nossa), as obras do quatrocento italiano, concebidas aos moldes de Mosaccio, têm um traço comum: “suas figuras apresentam algo áspero e duro, algo imóvel.”³⁵ [...] Na paródia, os traços do rosto de Ronald McDonald são os responsáveis pela inserção da formulação no discurso de posicionamento anti consumista, uma vez que a rede de fastfood McDonald’s é um dos maiores símbolos do capitalismo, sendo uma das maiores empresas em sua área de atuação. Na fusão desses dois ícones visuais, os discursos que os acompanham se rearranjam no momento da irrupção do acontecimento imagético – que é a fig. 9 – “no ponto de encontro de uma atualidade e de uma memória”. (PÉCHEUX [1983] 2002, p. 17). Por isso, a significação da fig. 9 não se dá apenas pela soma das figuras 10 e 11. Mobiliza-se, nessa fusão, uma outra teia interdiscursiva, diferente daquelas que compõem cada imagem isoladamente. Isso é conseguido no movimento mútuo das imagens: o sorriso é falso. De um lado, a dúvida, a indeterminação e a ilusão próprias da obra de Leonardo são transferidas para a rede de fast-food. De outro, o logo do McDonald’s compõe o cenário devastado da paródia. (Mazzola, 2014, p. 74-75)

Neste trecho da tese é possível observar como a noção de intericonicidade está presente nos escritos de Mazzola (2014), quando ele diz “A fig. 9 é marcada por uma espécie de sobreposição desses dois ícones visuais. Ao mesmo tempo, eles estão presentes na fig. 9 sob a forma de memória” se refere à memória discursiva construída pela relação de imagens estabelecida em Courtine (2011).

Este é um ponto fundamental para compreender como os estudos do autor francês entraram dentro do campo teórico brasileiro, apesar de Mazzola ter feito parte de sua formação na França e ter domínio deste campo teórico, é pela influência e orientações de Gregolin que a noção de intericonicidade começa a ser aplicada dentro do escopo teórico da AD franco-brasileira. Mazzola cita em sua introdução a importância da autora para a construção da AD de orientação Foucaultiana em território brasileiro, segundo ele

Este estudo se baseia na Análise do Discurso Foucaultiana realizada no Brasil. Mais especificamente, este estudo resulta de discussões e produções que integram parte dos trabalhos do Grupo de Estudos de Análise do Discurso de Araraquara (GEADA), coordenado pela Profa. Dra. Maria do Rosário Gregolin [...] Se J.-J. Courtine incorporou o pensamento arqueogenalógico de M. Foucault na análise do discurso da França dos anos 1980, não é demasiado dizer que Maria do Rosário Gregolin incorporou o pensamento de M. Foucault na análise do discurso do Brasil dos anos 1990 (Mazzola, 2014, p. 15).

Na sequência do trabalho, Mazzola traz à vista um capítulo intitulado “Jean-Jacques Courtine: O Agrimensor” dedicado aos textos deste que tratam da história da análise de discurso na França. Mazzola objetiva com esta sessão colocar em evidência a interrupção do projeto da AD em território francês após a morte de Pêcheux e revela a perda de produtividade da disciplina nos anos 1980 (Mazzola, 2014, p. 77).

Mazzola discorre sobre a importância de Courtine na compreensão da história da análise de discurso e como suas obras auxiliaram à capturar questões essenciais relacionadas ao surgimento e desenvolvimento desse campo teórico na França, especialmente no contexto das mudanças políticas que ocorreram após os anos 1980. Courtine observou as mutações nas discursividades, que refletiam mudanças históricas e políticas e demandavam deslocamentos teóricos (Mazzola, 2014, p. 79).

Segundo o pesquisador brasileiro, Courtine foi um espectador do declínio da teoria pecheutiana na França. Ele explica que as condições de produção e as mudanças na política na França levaram à suspensão do projeto de Pêcheux à medida que o interesse pelo discurso político declinou. Segundo o autor, por conta desta mudança de cenário a AD evoluiu para diferentes direções e isso culminou em diversas vertentes. Por isso, o autor destaca que a rotineira mudança na análise de discurso tornou desafiador trabalhar com uma teoria em constante evolução, mas que essa abertura teórica permitiu uma análise mais profunda de diferentes objetos de estudo, como os meios digitais e a interação entre a dimensão estética e a dimensão política dos discursos (Mazzola, 2014, p.78-81).

Neste capítulo da tese, Mazzola ressalta, a partir do trabalho de Jean-Jacques Courtine, que a análise de discurso sofreu uma transformação devido à crescente utilização dos meios de comunicação de massa para a transmissão dos discursos políticos, principalmente da televisão. Esse processo levou a uma consideração mais ampla das “materialidades discursivas” que contribuem para a produção de sentidos (Mazzola, 2014 p. 82).

Se considerarmos que, para Courtine, a memória discursiva possui uma grande importância no processo da AD, uma vez que não existe a compreensão das imagens sem que ela esteja inserida em uma cultura que faz parte de uma memória visual, já que nenhuma imagem externas ou internas existem isoladamente e sempre evocam uma outra imagem, seja ela vista ou imaginada. Portanto, Courtine (2011) defende que a análise dos ícones deve considerar o catálogo memorial das imagens dos indivíduos, uma vez que ao nos depararmos com uma imagem podemos remeter a outras imagens que estão no nosso imaginário. Além disso, a

intericonicidade pode contribuir para a compreensão dos efeitos da globalização nas representações culturais. Levando este aspecto da teoria courtineana em conta, na figura 1 é possível compreender que, na análise de Mazzola, este conceito é posto em prática quando o autor separa as representações presentes na memória coletiva que levaram a construção da imagem analisada por ele presente no site *consumehastamorrir.org*. Além disso, é possível ver os efeitos da globalização nas representações culturais presentes nas imagens do site espanhol e isso torna iminente a fusão de ícones clássicos e modernos presentes no imaginário para uma construção de uma crítica ao capitalismo.

Segundo Mazzola, Michel Foucault tomou o discurso como fonte para a compreensão de variados campos do saber e colocou problemas sobre o sentido que se inscreviam no seio da história, tornando-se contemporâneo de Michel Pêcheux no cenário Francês. Para Gregolin (2001, p.30),

Em suas convergências e divergências, as propostas desses fundadores de discursividades dialogaram com outros textos teóricos e, desde os anos 60, desestabilizaram certezas sobre a língua, sobre o discurso, sobre o sujeito, sobre o sentido.

Para Mazzola, a obra “A Arqueologia do Saber” responde às críticas sobre o seu trabalho feita por althusserianos sobre a relação entre estrutura e história, estruturalismo e marxismo. Foucault ajustou sua teoria, aproximando-se da “nova história” e destacando a ligação entre práticas discursivas e a produção de significados históricos. De acordo com o autor, o método arqueológico investiga as condições sociais que possibilitam os eventos discursivos, analisa enunciados, formações discursivas e arquivos indo além da gramática e permitindo que seja objeto de análise não só textos verbais, mas também pinturas e imagens que desempenham uma função específica no discurso (Mazzola, 2014, p. 92).

No Brasil, o “discurso estético” teve considerável ascensão no campo teórico, já que as teorias pecheutianas estavam sob escrutínio, portanto o texto explora a interação entre Foucault e Pêcheux e a ampla natureza dos enunciados no estudo do discurso (Mazzola, 2014, p. 93).

O método arqueológico investiga as condições sociais que possibilitam eventos discursivos, analisando enunciados, formações discursivas, arquivos e a função de um enunciado, que vai além da gramática, incluindo imagens e pinturas, se desempenharem uma função específica no discurso. Assim, o texto de Mazzola explora a conexão entre as artes plásticas e a obra de Foucault citada anteriormente. O autor argumenta que as artes visuais viram a partir da

teoria de Foucault objeto de análise e este possibilita analisar pinturas de modo arqueológico, enfatizando processos como a reconstrução do universo latente do pintor, a compreensão das intenções expressas por traços, cores e formas, a identificação de filosofias subjacentes e a influência da ciência e opiniões da época. Através desta abertura para a AD, Mazzola afirma que por meio da teoria de Foucault revelou-se como conhecimentos advindos das artes visuais tornaram-se uma materialidade de sua época (Mazzola, 2014, p.94-95).

Em suma, o texto de Mazzola examina a influência dos trabalhos de Michel Foucault na análise da materialidade pictórica e na compreensão da pintura como discurso, com foco na representação visual. Além disso, ele aborda como este deslocamento na teoria discursiva francesa da década de 80 possibilitou futuras teorias e trabalhos no continente europeu e sulamericano, como é o caso de sua própria tese. Mazzola também destaca a noção de “heterotopia” na análise de Foucault: para ele as heterotopias são entendidas como lugares complexos que desafiam a linguagem e a representação visual. Por fim, o autor encerra a seção sobre Foucault discorrendo sobre como o francês via na pintura parte da discursividade de uma época e que esta era até mesmo capaz de gerar novas discursividade, rompendo com discursos anteriores e, assim, elas contribuem para a construção de um arquivo de uma época (Mazzola, 2014 p. 114-116).

Pensando nessa interseção que Mazzola faz com a teoria de Foucault em seu trabalho, é possível compreender as influências do autor em seus escritos. Vemos isto uma vez que o pesquisador afirma que, para o filósofo, as obras de um período retratam a época em que foram produzidas e criam o seu arquivo. Portanto, a relação que Mazzola estabelece entre os cânones visuais, feita em consonância com o site “*consumehastamorrir.org*”, é uma aplicação teórica da necessidade apontada por ele.

Mazzola também aborda em sua tese a trajetória da AD no Brasil e na França, destacando as reformulações teóricas ao longo do tempo. Segundo o autor, atualmente se destaca a necessidade de ter-se categorias analíticas para compreender enunciados não verbais na era da convergência de mídias. Para ele, existe a necessidade de se integrar a AD com as teorias da semiótica, levando em conta o trabalho de autores como Roland Barthes, Carlo Ginzburg e Jean-Jacques Courtine, que oferecem princípios para abordar enunciados mistos, contribuindo para a análise de signos na sociedade contemporânea (Mazzola, 2014, p. 117).

Pensando na semiologia histórica e na AD, Mazzola apresenta como estes campos teóricos têm se relacionado nos contextos de pesquisa em universidades francesas e brasileiras.

Para o autor brasileiro, as interações entre as teorias têm se caracterizado em território nacional pelas contribuições e diálogos entre autores como Maria do Rosário Gregolin e Jean-Jacques Courtine.

Pensando nisso, Mazzola aborda que no contexto brasileiro também houve, assim como no francês, uma mudança de objeto de análise na AD de orientação franco-brasileira, que foi desde o discurso político para materialidades discursivas presentes na mídia e cotidianas que possuem elementos verbais e não verbais, impulsionado pelas mutações do discurso político nas mídias digitais (Mazzola, 2014, p. 132).

Com base na grande influência para a contemporaneidade dos estudos discursivos no Brasil e na França, Mazzola afirma que uma das grandes categorias analíticas discutidas é

A categoria de “intericonicidade” (MILANEZ, 2006), por exemplo, auxilia na delimitação do que seria uma memória discursiva das imagens e mostra-se muito produtiva na compreensão do retorno de certos ícones visuais nas mídias (Mazzola, 2014, p. 132).

Nesta altura da tese, o autor também apresenta a análise de uma paródia do cânone “Criação do homem” de Michelangelo, vejamos a seguir:

Figura 2 - “Michelangelo Mastercard” por Theodor Craleo



Fonte: *consumehastamorri.org* IN: Renan Mazzola (2014, p. 136)

Na releitura de Craleo (fig. 22), reconhecemos o famoso recorte da Criação do homem destacado de seu conjunto da Capela Sistina, em Roma, que se tornou um ícone pictórico do Ocidente. Nele, aparecem dois elementos contemporâneos: o cartão de crédito na mão do homem e a máquina na mão estendida de Deus. Tanto a obra original

de Michelângelo quanto o cartão de créditos e a máquina estão instalados em nossa memória imagética. A obra pictórica é canônica, reside nos manuais escolares e retorna a todo instante. O cartão de crédito e a máquina são visíveis em muitas propagandas da mídia, nas portas de estabelecimentos comerciais, etc. Esses dois elementos convergem para que se produza um enunciado novo, ancorado em uma memória de arte. Esse retorno vem desestabilizar os sentidos da Criação, deslocando o enunciado imagético de sua formação de discursos para outra, qual seja, a que se denomina “crítica ao consumismo” (Mazzola, 2014, p.136).

Pensando nisso, Mazzola aponta que a noção de intericonicidade desenvolvida por Courtine em suas obras é o que mais se aproxima desta categoria analítica. Para Mazzola, ela resgata noções de memória discursiva e até mesmo o interdiscurso, deslocando estes conceitos para a rede de imagens. Segundo Mazzola, Courtine afirma que há o “sempre-já” do discurso, o que configura o interdiscurso, mas que também existe um “sempre-já” da imagem que inscreve uma cultura visual em uma rede de memórias das imagens, e isto configurará a intericonicidade (Mazzola, 2014, p.138). Segundo Mazzola,

Existem imagens mais opacas que outras. Imagens cuja memória exige um esforço de resgate. Outras, no entanto, como é o caso das figuras que compõem nosso corpus, escancaram a memória de que se utilizam para sua ressignificação [...] Quando dizemos que a materialidade verbo-visual ou exclusivamente visual absorve elementos de historicidade de uma época, significa que esses elementos podem ser alcançados a partir da análise do recorte de um determinado arquivo social (Mazzola, 2014, p. 137-138).

Nesta análise o autor ainda menciona escritos de Gregolin que traz as noções de Courtine para a teoria brasileira, demonstrando que a influência da autora para a compreensão desta noção no Brasil é fundamental para a construção da tese. Mazzola (2014) aponta que de acordo com Gregolin (2011),

Que efeitos essa imagem produz sobre a memória cultural, na medida em que promove um retorno a uma memória enraizada em nossa cultura e, ao mesmo tempo, faz aparecer um novo sentido, que se torna contemporâneo? A releitura transforma o cânone mas ao mesmo tempo o atualiza em sua historicidade, em sua remanência na memória longa de nossa sociedade. (Gregolin, 2011, p. 90 apud Mazzola, 2014, p. 137).

Nesta leitura que Mazzola obteve de Gregolin para desenvolver a sua análise é possível, assim como na análise da paródia de Monalisa, perceber a influência da autora não apenas como orientadora da tese, mas também como uma das precursoras da intericonicidade no Brasil. Uma vez que é por meio da noção que Gregolin aponta de transformação de um cânone visual na memória discursiva que Mazzola remonta sua análise da paródia de Michelângelo.

Além disso, Mazzola (2014, p.139) destaca a importância da "semiologia histórica". Para ele, esta considera as relações entre imagens, tanto aquelas externas ao sujeito quanto aquelas presentes em sua memória visual, buscando entender como as imagens se relacionam e contribuem para a formação do discurso. Para o autor, a influência de teóricos como Michel Pêcheux e Michel Foucault destaca-se pelas diferenças em suas abordagens em relação à linguagem e à imagem. Enquanto Pêcheux se baseia em Saussure e enfatiza a natureza linguística do enunciado, Foucault amplia o conceito de enunciado para além da linguagem, incluindo elementos semiológicos. E, por fim, essa seção do texto de Mazzola ressalta que a interação entre essas diferentes tradições semiológicas e a análise do discurso é essencial para compreender as discursividades contemporâneas.

Em sua conclusão, o trabalho de Mazzola explicita que busca compreender as metamorfoses dos cânones literários e pictóricos nos meios digitais, enfatizando a dinâmica do enunciado e sua relação com o tempo e a história. A pesquisa destaca a importância das materialidades discursivas, das posições enunciativas e das transformações dos cânones na era digital (Mazzola, 2014, p. 146-147).

Com esta tese é possível compreender dois importantes pontos para esta pesquisa: 1) Assim como Mazzola objetiva, ainda na introdução do trabalho, há um deslocamento na AD franco-brasileira com sua pesquisa; e 2) Este deslocamento só é possível graças às contribuições de Gregolin para com a AD franco-brasileira de filiação foucaultiana.

O primeiro ponto é possível inferir por meio do próprio objeto de análise da tese: ilustrações que satirizam cânones visuais da arte em relação com a crise do capitalismo. Este escancara a intericonicidade, pois estabelece relações de sentido entre cânones da arte e objetos que remetem ao regime capitalista, e Mazzola coloca em prática o pensamento de Courtine em sua análise para deixar claro alguns dos efeitos de sentido que o site *consume hasta morir* objetivava causar em seus telespectadores. Sem compreender as relações de sentido que os elementos das imagens possuem dentro da memória coletiva, não é possível compreender quais efeitos o site espanhol busca explicitar em suas imagens. Com isso, Mazzola trouxe à vista do campo teórico uma nova categoria de objeto de análise que a teoria empreendida no Brasil é capaz de analisar.

Por fim, o segundo ponto retoma a discussão do início desta sessão e que também foi abordada no capítulo anterior. Gregolin, como o próprio autor aponta na introdução da tese, é a grande responsável por trazer as noções empregadas por Foucault, Courtine e Barthes a vista de

seus alunos dentro do GEADA, uma vez que a ela se atribui essa responsabilidade é a ela que se deve creditar o intermédio e avanço de novos deslocamentos dentro do campo do saber franco-brasileiro. Sem as contribuições, orientações e mediações da autora, o trabalho de Mazzola não causaria o mesmo efeito dentro do campo do saber da AD empreendida no Brasil.

5.2 A ANÁLISE DO DISCURSO POLÍTICO E A INTERICONICIDADE NAS PROPAGANDAS ELEITORAIS

Carlos Piovezani é graduado em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), possui titulação de mestre e de doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Em uma parceria da instituição em que cursou seu doutorado com a Universidade Sorbonne Nouvelle, o pesquisador realizou seu estágio de doutorado na França, com as orientações de Jean-Jacques Courtine. Além disso, fez pós-doutorado na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (EHESS/Paris) e na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Atualmente, é professor do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e realiza pesquisas pelo CNPq.

A obra “Verbo, corpo e Voz: Dispositivos de fala pública e produção de verdade no discurso político” foi baseada em sua tese de doutorado, defendida em 2007 e orientada por Maria do Rosário Gregolin. A obra foi publicada pela editora UNESP no ano seguinte à defesa, em 2008.

Logo ao início do livro, somos apregoados a um prefácio redigido por Jean-Jacques Courtine. Na apresentação da obra, o pesquisador francês discorre sobre “A estranha história da Análise do Discurso”. Neste capítulo, ele aborda os diferentes caminhos tomados pela AD francesa e a AD franco-brasileira após os anos 1980. Para ele, a França e o Brasil tomaram caminhos diferentes, enquanto no país europeu buscaram um caminho alternativo devido ao desaparecimento do marxismo, no país sulamericano Pêcheux sobrevive até hoje sendo uma das principais filiações teóricas da AD franco-brasileira. Segundo Courtine,

Decididamente, estranha história essa da análise do discurso [...] Porque é justamente tão longe do berço teórico em que ela nasceu que vemos o pensamento de Michel Pêcheux suscitar filiações que não renegam sua concepção. É isso que descobrimos com a leitura do livro de Carlos Piovezani. Não se trata realmente de uma surpresa: este trabalho inscreve-se e avança numa tradição, solidamente implantada no Brasil e vivaz em alguns pontos da América Latina e Central, que soube preservar e transmitir o ensinamento de

Pêcheux, o que confirma, de passagem, o peso das determinações políticas e históricas na circulação e recepção dos discursos. Poderíamos dizer, para simplificar, que o trabalho de Pêcheux fundou-se na perspectiva de transformações políticas radicais, da qual o pensamento teórico distanciou-se na França, tornando pouco a pouco sua mensagem quase inaudível por aqui. Não é o caso no continente sul-americano, em que a persistência dessa expectativa, embora de maneira desigual, o conservou neste trabalho uma boa dose de sua atualidade: aí ele ainda quer dizer alguma coisa, ao passo que aqui, na França, ele perdeu o essencial do que lhe dava significação (Courtine in: Piovezani, 2008, p. 13).

Baseando-se neste pensamento, J-J Courtine encerra o prefácio afirmando que o trabalho de Piovezani traz à tona o que Michel Pêcheux disse no prefácio de sua obra publicada em 1981, em que convidada a AD a “quebrar espelhos”, ou seja, realizar deslocamentos na teoria e, para ele, Piovezani realiza isso de forma majestosa em sua obra.

Neste trecho do prefácio do Courtine podemos explicitar um ponto sobre a AD franco-brasileira defendida por Mazzola (2014) em sua tese. Diferente do que está no imaginário de muitos linguistas, a AD advinda da escola francesa sempre remontará a Pêcheux, independentemente de possuir ou não filiação a outros autores. Uma análise discursiva que remonta à teoria Foucaultiana não apaga a importância e influência dos escritos de Pêcheux em seu trabalho. Dentro do GEADA, grupo do qual Piovezani também fez parte, Mazzola (2014, p.16) defende que “embora os trabalhos do GEADA explicitem as contribuições de M. Foucault na constituição desse campo no Brasil e na França, não se nega o lugar fundador de M. Pêcheux – muito pelo contrário”.

Partindo deste ponto, é possível compreender que o trabalho de Piovezani, que será fruto de análise nesta seção, traz à vista do campo do saber franco-brasileira esta relação entre as teorias de Pêcheux, pois analisa discursos políticos e a teoria de Foucault, já que traz à tona a relação entre a arqueogenealogia foucaultiana com a mediação do discurso político.

Na sequência, Carlos Piovezani (2008) introduz o livro explicando que a obra apresenta uma análise do discurso político eleitoral brasileiro contemporâneo e ao mesmo tempo faz uma reflexão sobre a importância da retórica na Grécia Antiga e da oratória na Roma Antiga para compreender este tipo de discurso. Além disso, o autor destaca que a televisão possui um importante papel para a transmissão e produção dos discursos políticos na contemporaneidade, inclusive defende que há uma relação entre a TV e a produção de efeitos de verdade, destacando a importância dos horários de propagandas eleitorais para a formação de discursos políticos.

Piovezani (2008) também aborda sobre a importância de se compreender o sistema histórico regulador entre todas as épocas e tipos de discursos. Nesta sessão, o autor discorre sobre a necessidade de caracterizar o “discurso político” devido ao uso generalizado desse termo. Para Piovezani (2008), o termo “político” é usado para descrever uma ampla variedade de atos de fala sem distinções. Portanto, o autor defende que esta distinção é importante para entender melhor as práticas de linguagem relacionadas à política.

Pensando nessa necessidade, Piovezani aponta que o discurso político é composto pelo “mito da legitimidade”. Para que este mito se sustente, o autor defende quatro ilusões necessárias, segundo Christian LeBart (1998): 1) A suposição de que a realidade social é transparente e ordenada, simplificando a complexidade do mundo; 2) A busca contínua de legitimidade, na qual os agentes políticos afirmam cumprir uma missão atribuída pelo povo; 3) A defesa da hegemonia dos atores políticos no governo e na gestão da sociedade; 4) O esquecimento da diversidade das individualidades pessoais em nome dos “interesses gerais” (Piovezani, 2008, p.133).

Segundo o autor, estas ilusões são fundamentais para a configuração do discurso político. Para ele, mesmo que as figuras públicas não estejam a par das ilusões, elas irão participar efetivamente na manutenção do mito que as legitima.

Outro importante ponto salientado por Piovezani (2008) é se os políticos de fato acreditam nas crenças que promovem ou se as utilizam por conveniência, uma vez que o discurso político é caracterizado como um domínio do “nós”, que se opõe ao “eu” e ao “tu”. Para o autor, o político representa um grupo e produz uma identidade coletiva, promovendo a ideia de pertencimento ideológico e o apagamento das especificidades pessoais em prol do “bem comum”.

Pensando nisso, Piovezani (2008) destaca que apesar de qualquer enunciado poder ser considerado político, há uma “ordem do discurso” - fazendo referência a Foucault - que determina o que pode ou não ser dito na política. O autor afirma que há uma delimitação do discurso político pela AD que ocorre por duas razões: a primeira é que os discursos são categorizados pelas instituições sociais, e a segunda é que todo discurso é considerado “político” por sua relação de poder entre o contexto de produção e a interpretação.

Todavia, Piovezani (2008) aponta a necessidade de diferenciar o discurso político de outros tipos de discursos. Para ele, mesmo que qualquer tipo de discurso possa ser considerado

político, apenas será político de fato aqueles que estão intimamente relacionados ao poder e à ação coletiva. Para tal, Piovezani (2008) argumenta que os gêneros do discurso, as posições enunciativas, o conteúdo temático e os limites entre o público e o privado são fatores que influenciam se um discurso pode ser considerado político ou não.

Em sequência, o autor discorre sobre as diferenças e mudanças ocorridas no cenário da análise de discurso político na França e no Brasil e como o surgimento das mídias transformou este cenário. Para Piovezani (2008), durante as mudanças na análise de discurso, especialmente na França, houve uma tendência à gramaticalização, ocasionando análises mais técnicas, em contraste com abordagens históricas. No entanto, algumas dessas análises continuam a depender de métodos gramaticalizados.

Para o autor, enquanto teóricos como Althusser redigiam sobre a classe operária, essa classe já não existia mais, e as mídias audiovisuais estavam promovendo mudanças no discurso político. No entanto, Piovezani (2008) afirma que muitas análises ainda estavam centradas em discursos do passado ou ignoravam as novas formas de produção e circulação de discursos políticos nos anos 1980.

Piovezani afirma que nesta mesma década Pêcheux começou a publicar sobre a influência da mídia na transformação do discurso político, no entanto, suas sugestões não foram amplamente adotadas nas análises subsequentes, sendo reservado ao contexto brasileiro levar a cabo as teorias pecheutianas sobre política e mídia. Na França, apenas posteriormente J-J Courtine abordaria a relação entre semiótica e discurso político (Piovezani, 2008, p. 163).

Pensando neste aspecto apontado pelo autor, é possível elucidar uma singularidade da AD franco-brasileira, já que, diferente do contexto francês, no Brasil, a análise do discurso político nas mídias está presente desde que estas começaram a se popularizar. A própria obra de Piovezani é fruto desta particularidade, uma vez que ele analisa as primeiras propagandas políticas a serem televisionadas, na disputa Serra vs Lula em 2002.

Ainda neste aspecto, é importante salientar a consonância das análises discursivas e imagéticas com as realidades vivenciadas no Brasil. Como o próprio autor afirma, enquanto a França analisava um movimento que não mais existia, o Brasil está levando a cabo uma AD que não apenas avança o legado de Pêcheux, como o relaciona com outros autores para compreender a época em que se vive por meio da teoria discursiva, com a compreensão das produções de sentido nos dispositivos de fala pública.

Pensando nisso, é possível inferir a influência de Gregolin nos escritos do autor, uma vez que o foco de seu estudo, na maior parte do tempo, está nos discursos midiáticos e como estes estão presentes na construção de narrativas e efeitos de verdade na mídia brasileira. Em

entrevista concedida a Sargentini e Navarro (2011), Gregolin afirma que a ênfase que o GEADA possui em questões contemporâneas levou o grupo a ter a mídia como objeto de pesquisa.

No Brasil, Piovezani (2008) afirma que existia uma relação entre análise do discurso e a política. Neste contexto, o autor defende que durante os anos 1980 e 1990 a AD se concentrava nos discursos dos períodos autoritários, como a ditadura militar. No contexto brasileiro, a análise do discurso político contemporâneo foca na construção de imagens de políticos nas dimensões linguísticas e históricas dos discursos. No entanto, muitos trabalhos ainda não exploraram a dimensão histórica e a circulação dos discursos em profundidade.

Por isso, Piovezani (2008) destaca a necessidade de seguir as sugestões de teóricos como Michel Pêcheux e Jean-Jacques Courtine para avançar na análise do discurso político contemporâneo. Para ele, mesmo que o segundo autor não tenha seus estudos focados no discurso político, suas contribuições podem ser de grande valia para a área, principalmente no que diz respeito à crescente presença da mídia no discurso político e na construção da verdade e à luz da transformação da sociedade contemporânea.

Ao levar em conta que o texto de Piovezani foi escrito nos primeiros anos de existência do GEADA, Grupo de Estudos em Análise de Discurso de Araraquara, pode-se dizer que atualmente, mais de vinte anos depois de sua criação, o grupo sanou com maestria as necessidades apontadas em 2008 pelo autor e acumula diversas publicações em que a intertextualidade e a intericonicidade são postas a prova em pesquisas acadêmicas na AD, como a própria tese de Mazzola, analisada anteriormente neste trabalho.

No quinto e último capítulo, intitulado “Verbo, corpo e voz: efeitos de verdade nas novas formas de discurso político” Piovezani (2008) faz um assidua análise dos debates entre os candidatos à presidência Lula e Serra nas eleições de 2002 no Brasil, como citamos anteriormente. É por meio dos discursos políticos proferidos pelos dois políticos nos Horários Gratuitos de Propaganda Eleitoral (HGPE) que Piovezani visa compreender como a construção de efeitos de verdade torna-se uma prioridade por meio da desconfiança do público com os programas eleitorais. Por isso, nessa seção o autor busca explorar como os discursos políticos objetivam parecer autênticos e verdadeiros ao serem televisionados, mesmo com o estigma da mentira recaindo sobre eles.

Desta forma, Piovezani (2008) examina cinco programas eleitorais de Lula e Serra buscando encontrar os principais métodos utilizados por eles na fala pública para a construção do

efeito de verdade em seus discursos políticos, também dando destaque às novas formas de se fazer o discurso político na televisão.

O primeiro candidato a ser analisado por Piovezani (2008) foi Luiz Inácio Lula da Silva, com jornalistas da Rede Bandeirantes. No programa I, o autor afirma que o candidato Lula aborda diversos temas, como economia, saúde, educação, segurança pública, entre outros. Além disso, o autor também apresenta análises sobre a performance do candidato durante a entrevista e reflexões sobre o gênero discursivo utilizado por ele. De acordo com Piovezani (2008), durante sua fala, Lula buscou convencer os eleitores de que ele governaria com tranquilidade e seria capaz de realizar as reformas necessárias na política para melhorar a situação do país e também é um candidato que se preocupa com o povo. Piovezani (2008) percebe isso quando Lula troca seu discurso de 3º pessoa para 2º pessoa do plural (nós), o candidato ocasiona um efeito de interpelação direta no público. Por fim, o autor também aponta que o candidato do PT responde com objetividade e, principalmente, clareza as perguntas direcionadas à ele pelos jornalistas. Outro importante ponto apresentado por Piovezani (2008) é que Lula apresenta algumas inflexões enunciativas em sua fala, que podem ser compreendidas como um espécie de deslizamento no gênero discursivo, produzindo efeitos de sentido que conectam sua figura política ao povo ao se pronunciar com tom emotivo e pessoal.

O terceiro programa de Lula, segundo Piovezani (2008), dá foco ao potencial de desenvolvimento do Brasil com ênfase na agropecuária e no cooperativismo. Todo o discurso do candidato neste programa utiliza-se do mesmo “método” para construir um efeito de verdade no programa II. Segundo o autor, o candidato utiliza do “eu”, do “aqui” e do “agora” ao apresentar situações reais de cooperativismo e de ações de seu partido no ramo pecuário por meio de governadores já eleitos do PT que contribuíram para o avanço e crescimento da indústria e Lula demonstra que dará continuidade e aprimorará em sua governança ações já bem sucedidas em estados em que a economia é dominada pelas indústrias agropecuária e o cooperativismo, como o Paraná e Mato Grosso do Sul.

De acordo com Piovezani, o programa IV apresenta um debate entre Lula e o público sobre o tema “Primeiro Emprego”, destacando a interação entre o candidato e os eleitores, enfatizando a autenticidade e sinceridade do discurso de Lula. O programa busca transmitir uma sensação de esperança e mudança. Além disso, Piovezani (2008) observa que no quarto programa o candidato utiliza-se da plateia para criar um efeito de sentido de segurança e autenticidade em

seu discurso, uma vez que a plateia sugere uma segurança de veracidade no discurso para o telespectador.

Por fim, o quinto e último programa de Lula analisado por Piovezani (2008) apresenta um balanço da campanha eleitoral do candidato. Neste programa, Piovezani (2008) observa que Lula está mais eufórico e esperançoso para criar um efeito de confiança e isto é reafirmado quando, na campanha, apresenta-se os números de cidades visitadas, quilômetros percorridos e comícios que Lula participou para enfatizar seu empenho e dedicação para com a candidatura. Outro ponto apresentado pelo autor é que o programa utiliza uma variedade de gêneros discursivos como entrevistas, documentários e depoimentos para construir um efeito de verdade e uma autenticidade do candidato ao passar sua mensagem, criando uma sensação de realidade e sinceridade, destacando a empatia de Lula e a crença em um futuro melhor para o Brasil.

É por meio das análises nos discursos de Lula, que Piovezani (2008) chega a uma das principais conclusões do capítulo cinco. Para o autor, a propaganda eleitoral na TV contemporânea se tornou mais dinâmica e dialógica, com interações frequentes entre o candidato e outros personagens, bem como uma preocupação em alinhar elementos visuais e sonoros para criar uma experiência envolvente para o público.

José Serra, por sua vez, adota uma estratégia diferente de comunicação no programa I. Piovezani afirma que nesta propaganda política, o PSDB mostra Lula como um sindicalista combativo que se tornou um candidato e que, apesar de simpático, era inexperiente, enquanto Serra é um político experiente e sério, que vem com influentes referências apoiadas no depoimento de Aécio Neves a seu favor.

Outro importante aspecto apontado pelo autor é que a propaganda utiliza de um documentário fictício com imagens em preto e branco, para enfatizar a coragem, competência e realizações de Serra, buscando criar uma sensação de autenticidade histórica. Segundo Piovezani (2008) Serra, em seu pronunciamento, ressaltou que seu governo não será um terceiro mandato de FHC e diferencia sua clareza e sinceridade das supostas falta de clareza e promessas não cumpridas pelo PT e Lula.

Para Piovezani (2008), o programa II do candidato do PSDB também aborda as promessas de fomento ao agronegócio. Segundo o autor, a abordagem de José Serra continua a ter a imagem simpática de Lula como alvo, o partido tucano lembra aos eleitores daquele Lula sindicalista com barba por aparar e que não tinha uma “imagem” que passasse confiança aos

eleitores nas candidaturas anteriores, em 1989 e 1994. Todavia, para Piovezani (2008), Serra se aproveitava do passado de Lula para construir um efeito de verdade em seu discurso, de que ele era o candidato mais experiente do que seu concorrente à presidência. Ainda no segundo programa eleitoral, é apresentado um depoimento de um agricultor, José Carlos Belese, que elogia Serra e destaca sua honestidade e realizações na área da saúde, validando as afirmações feitas no programa sobre a agricultura, utilizando números e dados para criar uma sensação de verdade. Além disso, o autor afirma que por este depoimento ter um emissor que tem nome, localização e profissão cria-se um efeito de verdade no discurso sobre agricultura que Serra profere em sua propaganda, uma vez que por este emissor ser um terceiro que conhece a área, por ser um produtor agrícola, há ali um discurso legitimante e legitimado da veracidade do compromisso de Serra.

Já no programa III, Piovezani (2008) afirma que por meio da fala de prefeitos de diversos municípios ao longo da extensão territorial brasileira apoiando Serra e falando sobre sua credibilidade como ministro e enfatizando seu desejo de descentralização do poder federal em parceria com as prefeituras Brasil afora. Nesta propaganda, Piovezani (2008) observa que o candidato tucano utiliza da posição-sujeito de autoridade destes prefeitos para legitimar sua competência. Além disso, o autor aponta que neste programa também há uma reportagem com oito cidadãos de diferentes estados de norte a sul do Brasil que falam pontos positivos do trabalho de José Serra no governo federal, reafirmando uma das falas da propaganda política de que o candidato beneficiou o país em todas as regiões. Para Piovezani (2008), estas falas se encontram na materialidade do discurso, pois são pessoas reais que com seus diferentes sotaques e procedências criam um efeito de sentido, mas que estão ali com o mesmo objetivo de elogiar o trabalho do candidato José Serra de norte a sul criando uma unidade discursiva.

Piovezani (2008) afirma que a abertura do programa IV destaca uma pesquisa de intenção de votos do IBOPE realizada em Porto Alegre enquanto um gráfico mostra a evolução dos percentuais de Lula e Serra, uma multidão com bandeiras e camisetas do candidato e a imagem de Serra com um sorriso cercado por correligionários são exibidos. Segundo o autor, o locutor da campanha afirma que a pesquisa mostra Serra liderando com 47% dos votos, superando Lula com 46%, em Porto Alegre. Desta forma, Piovezani (2008) analisa que programa usufrui da credibilidade do IBOPE para enfatizar a liderança de Serra e a preferência por ele na cidade de Porto Alegre, que é governada pelo PT há mais de uma década. Para o autor, a combinação entre elementos visuais e a linguagem verbal busca fortalecer a mensagem e a percepção do público sobre a pesquisa. Neste programa, Piovezani aponta que ao utilizar-se desta pesquisa, José Serra

constrói um efeito de sentido em seu discurso político de crível e legítimo, pois se apoia em dados divulgados por uma instituição respeitada e legitimada socialmente.

Na análise do programa V, Piovezani (2008) afirma que apesar da quarta propaganda ser dedicada à preferência por Serra na capital gaúcha, esta propaganda se dedica a um discurso de “virada” já que as pesquisas apontam Lula como vencedor do segundo turno. Para o autor, ao utilizar-se de manchetes que mostram o despreparo de Lula no último debate antes do primeiro turno, Serra criava um efeito de sentido, assim como nas outras propagandas, de que seu opositor era despreparado para o cargo. Além disso, o autor também expõe que na quinta propaganda Serra bate na tecla do “dizer/fazer”, dando a entender que Lula apenas diz e ele faz, por já ter participações como ministro em governos anteriores, mostrando ao eleitor de que ele era digno de sua confiança.

Para finalizar a quinta seção da obra, Piovezani (2008) afirma que

A fala pública dos políticos na televisão formula-se, portanto, em textos sincréticos de vários gêneros e explora as possibilidades oferecidas por um meio que toca a visão e a escuta do público ao qual ela é dirigida. Contudo, essa não é uma exclusividade sua: desde tempos antiquíssimos, os oradores valem-se, em consonância com os expedientes linguísticos, do seu corpo e da sua voz, dos sítios de fala, de instrumentos técnicos e de rituais que acompanham as práticas de fala pública. Ao considerarmos, porém, uma série de transformações na fala pública política de nossos dias, promovida por fatores históricos, sócio-econômicos, culturais e tecnológicos, verificamos que o discurso político eleitoral contemporâneo transmitido pela tevê emprega esses recursos semióticos, corporais e midiáticos de modo específico, produzindo seus efeitos de verdade, em estilo simples, claro, descontínuo, dialógico, relativamente desideologizado e aparentemente desierarquizado, e prometendo a todos e a cada um de nós, com seu verbo, seu corpo e sua voz, o melhor dos mundos, em um futuro quase imediato (Piovezani, 2008, p. 344).

Piovezani (2008) encerra a obra com uma epígrafe. Nesta seção, o autor afirma que seu trabalho lança luz sobre a evolução do discurso político ao longo da história e como o surgimento de elementos tecnológicos, principalmente a televisão, revolucionou a forma como os políticos se comunicam e buscam conquistar eleitores. O estudo de Piovezani (2008) proporciona uma ampla compreensão da dinâmica adotada pelos candidatos Lula e Serra nas eleições de 2002 ao utilizar o horário gratuito de propaganda política para divulgar suas candidaturas e como a propaganda política influenciou e influencia no resultado das eleições desde então. Além disso, o autor leva a cabo uma importante reflexão sobre o discurso político eleitoral na era contemporânea e como ocorre uma constante adaptação das estratégias de comunicação que estão em constante evolução.

Nesta obra, assim como na de Mazzola (2014), também é possível perceber as influências da AD de linha franco-brasileira, pois além da filiação ao entendimento que Pêcheux tem do discurso político o autor também tem como escopo teórico as noções de Foucault para a construção de memória discursiva que as imagens podem construir nas propagandas eleitorais veiculadas pela televisão, que foram objetos de análise do escritor. Podemos notar estas influências teóricas em diversos trechos da obra, mas daremos destaque a dois. Sendo o primeiro o trecho a seguir:

Se os contatos face a face das interações promovidas pelo discurso político no palanque consistem em um encontro "real" do ator político com sua assistência, na televisão esse encontro é produzido sob a forma de uma "ilusão". Entretanto, como dissemos, ao mesmo tempo em que o dispositivo midiático impede, pelas propriedades de seu funcionamento, a assimilação do corpo "real" da percepção, ele proporciona a produção de efeitos de real, sobretudo graças à sua capacidade de associar a imagem ao movimento e ao som. Assim, o corpo do político na tevê é uma imagem procedente de parâmetros técnicos visuais, das escolhas de *mise en image* efetivadas pela instância de produção: escalas dos planos, ângulos, enquadramentos, movimentos de câmera etc. Trata-se, enfim, de uma silhueta, cujos gestos e movimentos foram suavizados e controlados, na conjunção de um complexo processo histórico com a emergência de novas tecnologias. Além disso, considerando a predileção televisiva pelos close-ups, podemos dizer que o corpo político é antes de tudo um rosto (Piovezani, 2008, p. 266).

Neste primeiro trecho, pode-se destacar que, para o autor, a partir do momento em que o discurso político passa a ser televisionado e se alia aos efeitos de sentido que podem ser construídos pela junção da imagem e do som, o mesmo não deve mais ser analisado como antes, já que as imagens que o acompanham também serão responsáveis por produzir os sentidos que o sujeito busca passar com seu discurso.

Além disso, quando o autor menciona que “o corpo político é antes de tudo um rosto” é porque neste novo parâmetro o político não será mais acreditado e confiado apenas por suas palavras, mas também pelo que mostra aos eleitores. Podemos observar isto quando nas páginas finais da obra, enquanto analisa o discurso de Serra e Lula, o autor enfatiza a simpatia de Lula em frente às câmera e mostra como o sindicalista desajeitado tornou-se um homem esperançoso em mudar o Brasil, o autor acredita que Lula é levado mais a sério pois aliado a seu discurso passa uma imagem de seriedade e confiança ao eleitor. Podemos observar este ponto por meio do segundo trecho da obra:

[...] logo no início de sua fala, quando ainda fazia o preâmbulo da série de agradecimentos, Lula já havia se dirigido aos telespectadores. Mas assim que ele começa a agradecer as pessoas ou grupos presentes no auditório, o candidato passa a endereçar sua fala diretamente a eles. A partir do começo do trecho que transcrevemos acima, o candidato volta a estabelecer com o público telespectador uma interlocução direta. Durante todo o pronunciamento, o foco da câmera permanece fechado sobre o rosto de Lula e capta toda sua expressividade, em consonância com os recursos linguísticos, com

os gestos do corpo e com a melodia e o ritmo de sua voz. O verbo, o corpo e a voz de Lula combinam-se harmoniosamente e constroem a imagem de um sujeito que conhece os problemas nacionais, mas permanece sereno, tranquilo, simpático e seguro de que eles serão solucionados na administração coletiva que ele próprio conduzirá, quando eleito presidente. Para tanto, porém, o candidato precisa da legitimidade das urnas e, por isso, depois de atualizar um lugar-comum ("sei que algumas vezes, para o povo brasileiro, 'eleição' foi sinônimo de "decepção"), pede um "voto" de confiança aos eleitores que lhe assistem. Uma sensível mudança no "tom" de sua fala manifesta-se na seguinte passagem: "quero também aproveitar essa oportunidade para fazer um pedido a todos vocês. Um pedido da maior importância: não deixe de votar (Piovezani, 2008, p. 309).

Segundo Pêcheux (1969, p. 77), “[...] um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas [...] um discurso pode ser um ato político direto”. Portanto, podemos concluir que o autor utiliza-se deste conceito para entender os programas analisados, uma vez que entendo no discurso de Lula que suas condições de produção exigiam que ele tivesse “uma sensível mudança no “tom” de sua fala” ou dizendo que “o verbo, o corpo e a voz de Lula combinam-se harmoniosamente e constroem a imagem de um sujeito que conhece os problemas nacionais, mas permanece sereno, tranquilo, simpático e seguro de que eles serão solucionados”.

Segundo Kogawa (...), Foucault, em sua obra “História da Loucura”, observa como as imagens representam conceitos previamente transmitidos por palavras e como a memória coletiva influencia a interpretação das imagens.

Relacionando esta noção com a obra de Piovezani (2008), é possível compreender, em intermediação com Gregolin (2008), que

Como dispositivo social, a mídia produz deslocamentos e desterritorializações. Ao mesmo tempo, o trabalho discursivo de produção de identidades desenvolvido pela mídia cumpre funções sociais basicamente tradicionalmente desempenhadas pelos mitos – a reprodução de imagens culturais, a generalização e a integração social dos indivíduos. Essas funções são asseguradas pela ampla oferta de modelos difundidos e impostos socialmente por processos de imitação e formas ritualizadas. Esses modelos de identidades são socialmente úteis, pois estabelecem paradigmas, estereótipos, maneiras de agir e pensar que simbolicamente inserem o sujeito na “comunidade imaginada”. A sofisticação técnica produz uma verdadeira saturação identitária pela circulação incessante de imagens que têm o objetivo de generalizar os modelos. A profusão dessas imagens age como um dispositivo de etiquetagem e de disciplinamento do corpo social. Os discursos veiculados pela mídia, baseados em técnicas como a confissão (reportagens, entrevistas, depoimentos, cartas, relatórios, descrições pedagógicas, pesquisas de mercado), operam um jogo no qual se constituem identidades baseadas na regulamentação de saberes sobre o uso que as pessoas devem fazer de seu corpo, de sua alma, de sua vida.

Desta forma, ao relacionar os escritos de Piovezani com os de Gregolin há uma ressonância da influência da autora e de seu grupo de estudos, o GEADA, na obra o autor, uma

vez que ele defende que o fato das propagandas eleitorais passarem a ser midiaticizadas ocorre um deslocamento no discurso político, já que os pronunciamentos passam a rebater a propaganda de candidatos rivais e não somente às suas próprias propostas. Além disso, ao relacionar os discursos analisados com o segundo artigo de Gregolin que analisamos, podemos inferir que os estereótipos e identidades construídas pela mídia e baseadas na regulamentação dos poderes se materializam nos discursos analisados por Piovezani.

Ademais, quando Gregolin menciona que os conhecimentos são denominados pela regulamentação dos saberes e quando Piovezani menciona que o “[o discurso midiático] proporciona a produção de efeitos de real” (2008, p.266), ambos fazem referência às formas de materialização de poder em consonância a teoria de Foucault.

Portanto, compreender os caminhos traçados pelos autores fundadores, precursores e principais referenciais teóricos da AD na França e no Brasil é fundamental para entender-se as análises discursivas feitas a partir do escopo teórico da AD de linha franco-brasileira. A relação entre os estudos de Gregolin e seu trabalho dentro do GEADA ocasionou importantes deslocamentos no campo do saber da AD franco-brasileira, uma vez que a autora, além de publicar trabalhos que compreendem o discurso midiático na formação de “verdades” dentro do imaginário social brasileiro, por meio de análises de discursos verbais e não-verbais e seu importante papel na divulgação deste conhecimento dentro do grupo de estudos do qual lidera, gerando pesquisas como as que analisamos nesta seção.

5.3 AFINAL, A IMPORTAÇÃO DA TEORIA FOUCAULTIANA E COURTINEANA GEROU UM DESLOCAMENTO NA AD EMPREENDIDA NO BRASIL?

Courtine (2015), aponta que, em território brasileiro, grupos de estudos como o GEADA e o LABOR abraçam as discussões sobre o paralelo construído entre a intericonicidade e o interdiscurso. Tal proposta destaca-se nos escritos de Nilton Milanez sob orientação de Maria do Rosário Gregolin e do próprio Courtine no curso de Doutorado. O pesquisador francês argumenta que Milanez trouxe uma nova dimensão à análise de discurso ao incorporar a relação entre as imagens e os discursos. Tal feito foi levado a cabo pelo grupo de estudos do qual se insere e vale ressaltar que os resultados de tal trabalho dá-se a partir da coordenação e orientação de Gregolin, que trouxe o caráter da teoria foucaultiana e abriu portas para que os pesquisadores pertencentes à seu grupo de estudos buscassem novas dimensões teóricas e relações intercontinentais para a AD empreendida no Brasil, o que gerou um deslocamento neste campo do saber.

Apesar de os caminhos que a AD poderia seguir serem previamente apontados por Davallon (1999), no colóquio *Papel da Memória*, e posteriormente se fizeram presentes nos escritos de Courtine (2011), foi no Brasil que estes conceitos ganharam novos horizontes. Dito isso, Courtine (2015) aponta que os grupos de estudos foucaultianos brasileiros reinterpretam e ampliam a AD à luz de suas ideias. Para o autor, esses grupos não apenas preservam os princípios da AD dimensionados na teoria pecheutiana, mas também exploram novos caminhos, em especial na forma como o discurso é moldado por diferentes tipos de materialidades, estabelecendo uma relação entre as imagens e a prática social.

Tal feito ilustra-se nas obras analisadas nesta pesquisa, a materialidade discursiva de cada um dos arquivos presentes nesta dissertação diferem-se, apesar de possuírem dois eixos que os conectam: a intericonicidade e a intertextualidade. Na obra de Gregolin, é possível perceber tal feito quando a autora relaciona a imagem de Lula a um conto de fadas de tradição oral e escrita, estabelecendo uma relação entre os discursos verbais e não-verbais. Na obra de Mazzola, inferimos esta relação também em seu material de análise, estes não partem apenas das obras clássicas, mas também de discursos contemporâneos gerados pela crise capitalista que emerge mundo afora. Para Piovezani, mantemos a mesma linha da raciocínio, uma vez que o autor utiliza-se de discursos políticos do período eleitoral em que a mídia passou a televisionar campanhas eleitorais pela primeira vez, ou seja, o autor constrói um estudo da imagem e do discurso relacionados em um dos maiores, se não o maior, deslocamento gerado no discurso político por influência da imprensa.

Courtine (2011) defende arduamente interdisciplinaridade na AD. Ao compreender que o discurso para Courtine (2011) está fortemente ligado a arqueologia do saber foucaultiana e que evidencia o discurso em diferentes formas, sem limitar-se ao discurso textual e abrange todos os materiais da história, é possível abarcar toda a complexidade do discurso relacionando ele a outras vias de pensamento, uma vez que não pode haver confusão entre discurso e texto, uma AD estritamente linguística não faz jus e não é passível de compreender o discurso por completo. Courtine (2015) reconhece que o Brasil é detentor de uma tendência que mantém viva esta interdisciplinaridade, em especial por este movimento de incorporar constantemente novas materialidades e objetos de análise.

Portanto, Courtine (2015) defende que vê no contexto brasileiro uma vitalidade teórica que se distingue pela ousadia de atravessar as fronteiras das disciplinas e tornar o campo do saber empreendido aqui um lugar de transformações e inovações na AD, portanto um lugar de

deslocamentos como o defendido nesta pesquisa. Este ponto defendido pelo autor nos faz retomar a Brito (2021, p. 27-28), pois a autora defende que

Cada uma das vertentes possui suas particularidades, [...] pois cada uma delas são influenciados por seus diferentes contextos sócio-históricos e adaptam os estudos fundadores da AD à sua realidade e foco de análise. Desta forma, concluímos que ao comparar conceitos importantes para cada uma das vertentes suas singularidades ficam ainda mais evidentes [...] Com base nisso, devemos reconhecer e nomear suas diferenças e dar crédito às suas identidades e particularidades, pois não são estudos homogêneos apenas por possuírem como base os mesmo autores fundadores da AD.[...] No Brasil, possuímos um contexto sócio-histórico que influencia diretamente na nossa pesquisa sobre a AD. [...] A AD de linha franco-brasileira e suas particularidades é extremamente relevante para a construção do conhecimento sobre a AD em diferentes contextos dentro e fora do Brasil. Reconhecer que os intelectuais brasileiros construíram, a partir de suas singularidades, estudos relevantes para a AD como um todo torna ainda mais necessário que sejamos referenciados pelo trabalho que foi e está sendo construído em território brasileiro. Afinal, segundo Orlandi (2007), “ao mudarmos uma formação discursiva, as palavras mudam de sentido”.

Desta forma, se partirmos do ponto de que os sujeitos são interpelados pela ideologia, pelo história e sua memória coletiva é construída a partir da memória discursiva que o cerca, como defendido por Courtine (2011), pode-se concluir que os teóricos brasileiros e os discursos empreendidos em suas pesquisas não estão imunes a esta regra de funcionamento do discurso. Como já apontado por Brito (2021), os teóricos brasileiros vivem em diferentes contextos históricos, sociais e discursivos em relação aos teóricos franceses, isso torna-os parte da construção do campo intelectual da AD e aptos a gerar os deslocamentos teóricos, assim como Courtine gerou no contexto francês. Toda pesquisa surge de um compilado de referenciais teóricos e desses referenciais são propostos novos questionamentos e destes questionamentos são propostas novas visões em um campo do saber.

Na AD empreendida do Brasil não acontece diferente, tornando-a fonte de novas propostas teóricas tanto quanto as outras análises de discursos realizadas mundo afora. Como o próprio Courtine (2015) defende: o Brasil é palco de ousadia e vitalidade teórica, tornando-se assim uma importante fonte teórica e produtor de conhecimento na análise de discurso.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática desta dissertação está envolta na investigação e averiguação de um referencial teórico da análise de discurso franco-brasileira, como os professores pesquisadores Carlos Piovezani, Maria do Rosário Gregolin e Renan Mazzola, para compreender a entrada da intericonicidade, das teorias Foucaultianas e Courtineanas no Brasil, mediadas por Gregolin em seu Grupo de Estudos em Análise de Discurso de Araraquara (GEADA), na construção do campo do saber da AD franco-brasileira.

Assim, para elucidar as considerações finais deste trabalho, relembramos que esta dissertação objetiva investigar se ocorreu um deslocamento na Análise de discurso franco-brasileira ao inserir a intericonicidade em seu campo do saber. Mais especificamente, apurar, por meio de uma pesquisa exploratória, como as noções de discursividade de Foucault e Courtine se inseriram no território brasileiro por intermédio de Maria do Rosário Gregolin.

No decorrer da pesquisa, abordamos uma linha do tempo da disciplinarização da teoria discursiva e como suas ideias foram levadas a cabo nos contextos do Brasil e da França, atendendo ao objetivo de contrastar os dois campos do saber.

Logo após, houve a construção de um capítulo que visou compreender os caminhos teóricos que Courtine percorreu até propor a intericonicidade. Neste, também foi possível elucidar os questionamentos que estudiosos da AD passaram a fazer em eventos acadêmicos que tratavam das materialidades discursivas. Sendo assim, foi construído um capítulo que pauta as transformações que a análise de discurso sofreu após a inserção dos discursos da mídia e das imagens nas materialidades discursivas.

Em seguida, foi realizada uma análise de dois artigos da professora pesquisadora Maria do Rosário Gregolin, denominados “O Acontecimento Discursivo na Mídia: Metáfora de uma Breve História do Tempo” presente no livro “Discurso e Mídia: A Cultura do Espetáculo”, organizado pela autora em 2003, e “Análise de Discurso e mídia: a (re)produção de identidades” publicado pela autora na Revista Comunicação, Mídia e Consumo do PPGCOM-ESPM.

Nesta seção foi possível inferir que a autora traz à vista do campo teórico brasileiro os escritos de Foucault, não apenas por suas menções à obra do filósofo no decorrer de seus escritos, como também pela própria filiação que ela admite ter ao autor em entrevistas, para além do que ela mesma menciona nas obras analisadas.

Para clarificar a participação de Gregolin no avanço da noção de intericonicidade na universidade brasileira, trouxemos à vista duas obras que colocam em prática a importação das teorias de Foucault e Courtine.

Primeiro, a tese de Mazzola elucidou não apenas uma crítica ao capitalismo pelas sátiras aos cânones visuais no site *consumehastamorrir.org*, mas também trouxe a tona uma sondagem de grupos de estudos e teóricos que se filiam à teoria foucaultiana no Brasil, incluindo o seu próprio grupo - o GEADA - e a importância de sua orientadora para a construção do campo do saber em volta da AD franco-brasileira foucaultiana.

Com esta análise, foi possível compreender que o trabalho e importância de Gregolin na continuidade da análise de imagens dentro do discurso, além de gerar um deslocamento na AD franco-brasileira, fez com que seu intermédio da teoria também ocasionasse um deslocamento por parte de seus orientandos, já que Mazzola trouxe a vista do campo franco-brasileiro um objeto de análise que, apesar de se relacionar e usar das teorias de Foucault e Courtine no decorrer da obra, trouxe à tona um debate não apenas da discursividade política em relação à mídia, mas também sobre como é possível compreender a relação entre imagens e discursividades dentro do mundo tecnológico.

Além da tese da Mazzola, também observamos com a obra de Piovezani como o discurso político não está atrelado apenas à intertextualidade pecheutiana, como também à intericonicidade e ao imagético, devido às transformações trazidas pela tecnologia nas campanhas eleitorais.

Na obra de Piovezani, foi possível concluir que a influência de Gregolin na construção de seu trabalho permeia o deslocamento que a própria autora gerou dentro do campo do saber franco-brasileiro. Desta forma, na obra observamos que a análise de discursos políticos enunciados pela mídia, em relação às imagens divulgadas ao público por ela, gera uma construção de verdades dentro do imaginário da população.

Ambos os trabalhos trazem a vista do campo teórico da AD empreendida no Brasil a importância de Maria do Rosário Gregolin na construção do campo do saber da AD franco-brasileira e sua associação à relação Foucault-Courtine. Isto passa a comprovar a hipótese do trabalho de que a inserção da intericonicidade no campo teórico brasileiro provocou um deslocamento na AD, uma vez que esta passa a analisar discursos não-verbais mediados pelas teorias dos dois autores.

Foi possível compreender com as análises feitas nesta pesquisa que a mediação de Gregolin nas teorias de Foucault e, posteriormente, de Courtine, abriu espaço para que outras formas de análise discursivas fossem possíveis no campo teórico do Brasil, uma vez que ao trazer a vista deste campo teórico análises desses discursos não-verbais a autora gerou um deslocamento na AD foucaultiana e, atualmente, seus orientandos e todos aqueles que participam ou participaram do GEADA, fundado por ela, avançam uma AD de filiação foucaultiana se espalhando universidades Brasil afora como professores, pesquisadores e orientadores de novas pesquisas neste campo do saber, como é o caso dos autores das obras que analisamos nesta pesquisa, uma vez que Mazzola leciona cadeiras sobre análise de discurso na UFMG e Piovezzani compartilha seu conhecimento em disciplinas também sobre a AD na UFSCAR.

Além disso, o último capítulo da dissertação encerra com uma discussão sobre a veracidade de se considerar ou não que a AD empreendida no Brasil gerou deslocamentos na teoria discursiva, chegando à conclusão de que sim o houve. Para defender este ponto, é apontado ao decorrer da seção a movimentação teórica ocorrida no Brasil do ponto de vista de Courtine (2015), em entrevista concedida a Kogawa, que debate sobre sua crença de que o Brasil é fonte de vitalidade e ousadia teórica na campo da AD, tornando-o um lugar de transformação teórica e, conseqüentemente, lugar de deslocamentos.

Todavia, é importante ressaltar que, conforme mencionado na introdução desta pesquisa, há uma necessidade de se compreender as especificidades da AD franco-brasileira. Mesmo este trabalho trazendo a vista uma fundamental singularidade para a construção do campo teórico da AD no Brasil, que é a entrada da intericonicidade no campo do saber franco-brasileiro, ainda há muitas discussões a serem feitas sobre este.

Pensando neste ponto, Orlandi, levando em conta o movimento conturbado em que a AD se instaurou no país, defende que existem dois momentos de tentativa de silenciamento das especificidades da AD no Brasil. Segundo ela, esse silenciamento é avançado pelos que argumentam de um lado a favor da questão linguística e silenciam a relação da língua com a ideologia e do outro lado aqueles que se esquecem da relação sujeito-sociedade, tornando a AD uma análise de conteúdo (Orlandi, 2002, p. 22).

Sobre isso, Orlandi ainda argumenta que no campo do saber brasileiro há estudiosos da linguagem que fingem desconhecer a filiação teórica da AD à linguística. Foucault defende que “a disciplina é um princípio de controle da produção do discurso. Ela lhe fixa os limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma reatualização permanente das regras” (Foucault,

1999, p.36). Portanto, entende-se que por a AD não fixar-se à uma única disciplina e a um único campo do saber há um controle do que pode ser considerado linguístico ou não na AD (Orlandi, 2002, p. 26). Isto ocorre, pois a AD desorganiza a relação da linguística com as ciências humanas e sociais ao tratar de maneira própria o que é língua, o que é sujeito, o que é sentido. Segundo Orlandi (2002, p.28), a posição de entremeio carregada pela AD não é fácil, uma vez que não é compreendida e respeitada. Entretanto, ela ainda diz que não é porque uma disciplina se encontra em uma zona fronteira que não seja possível criar um campo teórico sólido.

Desta forma, a construção de um trabalho que estude e pesquise a bibliografia dos autores brasileiros que seguem a linha franco-brasileira é necessária para que esta vertente da AD possa ser avançada e reconhecida, desmistificando a crença de que a AD empreendida no Brasil é apenas uma aplicação do método pecheutiano ou foucaultiano, com pouca singularidade.

Desta forma, esta pesquisa contribuiu para compreender um dos pontos importantes para a consolidação deste campo do saber no Brasil, mas ainda há muitos questionamentos e pontos a serem pesquisados sobre o tema, como, por exemplo: existe uma crença colonialista de que apenas os autores fundadores criam deslocamentos dentro de uma teoria?; o processo de criação das universidades do Brasil, no período colonial, assola o imaginário acadêmico de que autores de países “desenvolvidos” e “de primeiro mundo” são os únicos a serem validados e credibilizados dentro de um campo do saber, silenciam intelectuais e pesquisadores emergentes?; como este imaginário influencia nos silenciamentos que os autores e pesquisadores brasileiros sofrem dentro do campo do saber da AD em relação à área da linguística?

Segundo Brito (2021), a AD tem como princípio que os sujeitos são interpelados pela língua, pela ideologia e pela história e devido a isso temos que levar em consideração que os próprios teóricos são influenciados pelos contextos que vivenciam. Para a autora, Pêcheux e Foucault viveram em contextos díspares de Orlandi e Gregolin, por exemplo, e por isso seus trabalhos, apesar de possuírem semelhanças, possuem também suas singularidades e identidades diversas.

Para a autora (2021, p.17), desde o princípio das nações colonizadas estas foram consideradas subdesenvolvidas, desprovidas de cultura, conhecimento e ciência. Podemos observar em uma superficial leitura das ex colônias que o período colonial chegou ao fim sem cessar o colonialismo, que assombra países como o Brasil há mais de 200 anos. As consequências do ser colônia estão incrustadas em todos os âmbitos sociais, culturais e políticos

destas nações e, mesmo atualmente, assolam a produção intelectual delas e, apesar de não haver a intenção, acabamos silenciando a construção do conhecimento e da ciência.

O colonialismo na ciência e nas universidades outrora fora incriminado por Fanon, Freire e Sartre. Segundo André Andreola, Sartre escreveu, em 1961: “Não faz muito tempo que a terra tinha dois bilhões de habitantes, isto é, quinhentos milhões de homens e um bilhão e quinhentos milhões de indígenas. Os primeiros dispunham do Verbo, os outros pediam-no emprestado”.

Na visão colonialista, denunciada por Fanon, Freire e Sartre, o “centro” pensa, fala e escreve. A “periferia” consome e reproduz a palavra do centro. É a “cultura do silêncio”, tantas vezes verberada por Freire. [...] É verdade que o conhecimento continua sendo apropriado pelas nações mais poderosas. Essa apropriação resulta em uma nova forma de colonialismo, e contra isso é essencial que lutemos permanentemente. Estamos precisando de uma política de proteção intelectual que garanta o direito dos pesquisadores e das instituições, pois isso diz respeito à própria soberania nacional (Andreola, 2007, p. 45).

Sabemos que não é apenas a AD que passa pelo desafio diário de ser reconhecida pelo que produz em território nacional, mas somos pautados como meros seguidores daqueles intelectuais provenientes de países “desenvolvidos” e “de primeiro mundo”, isso remonta não apenas a necessidade de pesquisas que investigam o campo do saber da AD empreendida no Brasil, como é o caso desta dissertação, mas também em pesquisas futuras que entendam esse processo discurso e de silenciamento de produtores de conhecimento do sul do mundo.

Como dito por Leandro Ferreira (2008), estamos preocupados demais com nossas singularidades e especificidades para reproduzir uma AD meramente francesa. Para ela, nós tornamos contemporâneo o estudo de Pêcheux, demos sequência a ele e não somente o reproduzimos. Por isso, devemos nos referenciar e dar crédito às nossas contribuições na construção do conhecimento sobre a AD. Isso não significa negar nossa filiação à AD francesa, mas sim reconhecer que andamos em conjunto com ela sem nos limitarmos a sê-la e seguí-la na literalidade. Além disso, é fundamental que haja a diferenciação entre as duas linhas, elas não são homogêneas.

Por fim, conclui-se que esta pesquisa não apenas traz à vista um deslocamento na Análise de Discurso empreendida no Brasil gerado por Gregolin e seu grupo de estudos, mas também abre brechas para uma futura pesquisa que compreenda como o processo de criação de discursos

dentro da academia brasileira passam a silenciar as singularidades da AD brasileira, como a abordada neste estudo.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, Raquel Goulart. **Análise de discurso: conversa com Eni Orlandi**. TEIAS: Rio de Janeiro, ano 7, nº 13-14, jan/dez 2006.
- BRITO, Agnes Eduarda. **Os desafios em se reconhecer uma Análise de Discurso de linha franco-brasileira**. Chapecó: Editora UFFS, 2021.
- CABRAL DOS SANTOS, João Bôsko. A análise de discurso no Brasil: entre Pêcheux, Foucault e Bakhtin. In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa. (Orgs.). **Da análise de discurso do Brasil: Três épocas histórico-analíticas**. Uberlândia: EDUFU, 2010.
- CONDE RODRIGUES, Heliana de Barros. Ressonâncias do pensamento de Michel Foucault no Brasil - para além das categorias sociológicas. IN: BOCK, Ana Mercês et al. **Práticas e saberes psi: os novos desafios à formação do psicólogo**. Florianópolis, ABRAPSO Editora: Edições do Bosque CFH/UFSC, 2015, p. 28-54. <Disponível em: <https://amablymonari.com.br/wp-content/uploads/2017/12/Livro-Praticas-e-saberes-psi.pdf#page=36>>.
- COURTINE, Jean-Jacques. **Decifrar o corpo: Pensar com Foucault**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.
- COURTINE, Jean-Jacques. **Definição de orientações teóricas e construção de procedimentos em Análise do Discurso**. Rio de Janeiro, Revista Policromias, Ano I, p. 14-35, 2016.
- COURTINE, Jean-Jacques. **Entrevista inédita com Jean-Jacques Courtine sobre seu percurso científico, sobre as noções de "discurso" e "corpo" como objeto de estudo**. Entrevista concedida a Silvia Nugara. Organon. Porto Alegre. Vol. 24, n. 48 (jan./jun. 2010), p. 251-272.
- COURTINE, Jean-Jacques. **Qual via para a análise do discurso?: uma entrevista com Jean-Jacques Courtine**. Entrevista concedida a João Kogawa. Alfa, São Paulo, 59 (2), p. 407-417, 2015. <Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alfa/a/CHjR6w63DkgTzWtjbQpK7TM/?lang=pt>. Acesso em 13/08/2021>
- DAVALLON, Jean. **A imagem, uma arte de memória?** IN: PIERRY, Achard et al (ORG.). Papel da memória. Campinas: Pontes, 1999.
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **O quadro atual da Análise de Discurso no Brasil**. Santa Maria, Revista Letras, n. 27, p. 39–46, 2003.
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Os desafios de fazer avançar a análise do discurso no Brasil com singularidade e liberdade**. Santa Maria, Revista Letras, n. 37, p. 135–143, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. **Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades**. Comunicação Mídia E Consumo, 4(11), 11–25. <Disponível em: <https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/105>. Acesso em 30/05/2024>

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na Análise Do discurso: Diálogo e Duelos**. São Carlos: Claraluz, 2004.

GREGOLIN, Maria do Rosário. O acontecimento discursivo na mídia: metáfora de uma breve história do tempo IN: GREGOLIN, Maria do Rosário (org). **Discurso e Mídia: A Cultura do Espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2008.

KOGAWA, João. **Por uma arqueologia da Análise do Discurso no Brasil**. Araraquara, 2012. <Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/97c74427-3917-4303-a300-c82f4ff07ce8/content>. Acesso em 01/11/2023>

MACHADO, Ida Lúcia. A AD, a AD no Brasil e a AD do Brasil. In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa. (Orgs.). **Da análise de discurso do Brasil: Três épocas histórico-analíticas**. Uberlândia: EDUFU, 2010.

MARTINS, Tais da Silva. **Efeitos de Sentido na Disciplinarização de uma Teoria**. Santa Maria, 2012. <Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/3975> Acesso em: 26/11/2023>

MAZZOLA, Renan Belmonte. **Discurso e Imagem: transformações do cânone visual nas mídias digitais**. Araraquara, 2014. <Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/52cc2c7f-10c1-4bdf-a0da-1b9ea79d419b/content> Acesso em 21/02/2024>

MENDES, Emília. Estruturalismo e a Análise de Discurso no Brasil: da semiologia à semiolinguística. In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa. (Orgs.). **Da análise de discurso do Brasil: Três épocas histórico-analíticas**. Uberlândia: EDUFU, 2010.

MILANEZ, Nilton. **Intericonicidade: da repetição de imagens à repetição dos discursos de imagens**. Acta Scientiarum. Language and Culture, Maringá, v. 37, n. 2, p. 197-206, Abr.-Jun, 2015. <Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3074/307440407011.pdf>. Acesso em 08/08/2024>

NAVARRO, Pedro. SARGENTINI, Vanice. **Por uma Arqueogenealogia dos Estudos Discursivos Foucaultianos no Brasil - Cartografias: Entrevista com Maria do Rosário Gregolin**. Revista da Anpoll, v. 53, n. 2, p. 20-40. Florianópolis, 2022.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A Análise de Discurso e seus Entremeios: Notas a sua História no Brasil**. Cad.Est.Ling., Campinas, 2002.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimento**. Campinas, Pontes Editores, 1999.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A Análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil**. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M.C.L. (Org.). Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz, p. 75-88, 2005.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso em análise: Sujeito, sentido, ideologia**. Campinas, SP : Pontes Editores, p. 16-35, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Michel Pêcheux e análise de discurso**. Estudos da Língua(gem). Vitória da Conquista, n.1, p. 9-13, 2005. <Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/973/829>>

PÊCHEUX, Michel. **Análise Automática do Discurso** In: GADET, Françoise & HAK, Tony. (Orgs.). Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3ª edição. Campinas-SP: Ed. da Unicamp.

SOUZA, Pedro de. **Análise do Discurso**. Florianópolis: Licenciatura em Letras Português na modalidade a Distância UFSC, 2011.

PIOVEZANI, Carlos. **Verbo, corpo e voz: dispositivo de fala pública e produção de verdade no discurso político**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

PIOVEZANI, Carlos et al. **Presenças de Foucault na Análise de Discurso**. São Paulo: EdUFSCar, 2014.

STUBE, Angela Derlise; FERREIRA, Eric Duarte; PRIGOL, Valdir (Org). **Arquivo, memória e materialidades discursivas verbais e não verbais**. Campinas: Editora Pontes, 2023.

VARELLA, Raquel. DELLA SANTA, Roberto. **O maio de 68 na Europa - Estado e Revolução**. Rio de Janeiro, Revista Direito e Práxis, Vol.9, N.2, p. 969-991, 2018. <Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdp/a/y3Pp9rJwh74HgTVPkxLNpFm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 13/08/2023>

VIEIRA, Ney. **A dupla vinda de Foucault ao Brasil**. Araraquara: Itinerários, 1996, p. 81-89. <Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2573>. Acesso em 01/11/2023>.

VILLARTA-NEDER, Marco Antônio. Tendências da Análise do Discurso do Brasil (AD do B): murmúrios e silêncios constitutivos. In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa. (Orgs.). **Da análise de discurso do Brasil: Três épocas histórico-analíticas**. Uberlândia: EDUFU, 2010.